

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CENTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO E
AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA**

Sandro José Lourenço Ferreira

Estratégias para ampliação das práticas do ensino: a importância pedagógica do
laboratório de produção audiovisual na formação profissional de jornalistas

Juiz de Fora

2021

Sandro José Lourenço Ferreira

Estratégias para ampliação das práticas do ensino: a importância pedagógica do laboratório de produção audiovisual na formação profissional de jornalistas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Área de concentração: Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Ferreira Colchete Filho

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira, Sandro José Lourenço.
Estratégias para ampliação das práticas do ensino : a importância pedagógica do laboratório de produção audiovisual na formação profissional de jornalistas / Sandro José Lourenço Ferreira. -- 2021.
155 f. : il.

Orientador: Antonio Ferreira Colchete Filho
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, 2021.

1. Currículo. 2. Laboratório. 3. Ensino-aprendizagem. 4. Formação profissional. 5. Jornalismo. I. Colchete Filho, Antonio Ferreira, orient.
II. Título.

Sandro José Lourenço Ferreira

Estratégias para ampliação das práticas do ensino: a importância pedagógica do laboratório de produção audiovisual na formação profissional de jornalistas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Área de concentração: Gestão e Avaliação da Educação Pública.

Aprovada em 13 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a)Dr(a). Antonio Ferreira Colchete Filho - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a)Dr(a). Frederico Braid Rodrigues de Paula
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a)Dr(a). Flávio Lins Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a)Dr(a). Lucas Gamonal Barra de Almeida
Instituto Federal de São Paulo

Juiz de Fora, 28/12/2021.



Documento assinado eletronicamente por **Frederico Braid Rodrigues de Paula, Professor(a)**, em 28/12/2021, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Ferreira Colchete Filho, Professor(a)**, em 28/12/2021, às 20:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Gamonal Barra de Almeida, Usuário Externo**, em 29/12/2021, às 21:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Lins Rodrigues, Professor(a)**, em 04/01/2022, às 12:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0629131** e o código CRC **9EBBBE0**.

Dedico este trabalho àquela que sempre batalhou pela minha formação cidadã, educacional, espiritual e moral, ou seja, àquela que me possibilitou ser quem sou e estar onde estou: minha amada mãe, Evani. Dedico também a todos os servidores da Educação do nosso país, fundamentais para a sobrevivência cidadã crítica, moral e científica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, infinita gratidão Àquele que nunca desiste de mim e, por meio de seus perfeitos ensinamentos, conduz-me em seus planos e caminhos: meu eterno Amigo e Mestre, Deus.

Agradeço à minha família. Às minhas companheiras queridas e amadas mãe Evani Maria e vó Elza. Aos meus queridos e amados amigos irmãos Samuel, Daniel e Josué. Muito obrigado por todo apoio, escuta, desabafo, paciência, conselho e compreensão.

À minha querida e amada, eterna namorada e companheira Polyana, por todo amor, colo, atenção, carinho, escuta, paciência, compreensão, torcida, orações e inumeráveis ajudas e treinos para as apresentações de qualificação e defesa.

Aos meus sogros Heloísa e Paulo e ao meu cunhado Lucas, pelo acolhimento familiar e inspirador. Às minhas queridas e amadas cunhadas Elisa, Camila e Vanessa, pela atenção, amizade e apoio. Aos meus sobrinhos Lucas e Gabriely, fontes de alegria, renovo e inspiração.

Ao meu eterno cão companheiro Sudoku, que me acompanhou em quase toda a escrita e em diversas aulas remotas do Mestrado. Presença registrada inclusive no áudio de entrevista. Companhia motivadora e acalentadora, sobretudo nesses tempos de pandemia e isolamento social.

Gratidão especial ao meu orientador, Prof. Dr. Antônio Ferreira Colchete Filho, por acreditar e me incentivar na escrita e na realização desta pesquisa. De forma leve, amiga, conselheira e objetiva, orientou-me e aliviou-me a tensão e preocupações em todos os momentos para que o trabalho prosseguisse da melhor forma possível.

Imensurável gratidão à minha Agente de Suporte Acadêmico (ASA) Marina Furtado Terra, pelo incomparável empenho, paciência, apoio e valiosas e fundamentais contribuições para a efetivação desta pesquisa. Muito obrigado pelas aulas, encontros, reuniões, mensagens, dicas, “balões” comentários nos textos e áudios de orientação! Obtive um importante e valioso aprendizado com tudo isso.

Aos queridos professores Dr. Frederico Braidá Rodrigues de Paula e Dr. Flávio Lins Rodrigues, pelas excelentes e fundamentais contribuições na avaliação crítica e sugestiva durante a qualificação.

A todos os professores e ASAs do Programa de Pós-Graduação Profissional (PPGP) em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), gratidão sem medidas pelos valiosos ensinamentos compartilhados a nós alunos e eternos aprendizes. Ao corpo técnico administrativo do PPGP, por todo suporte acadêmico bem prestado

Meu muito obrigado a todos os parceiros colegas e amigos do mestrado, foi muito prazeroso, divertido e edificante conviver e aprender com todos vocês. Às minhas amigas piauienses, distantes, contudo presentes nas conversas e desabafo, as quais se tornaram grandes amigas no cursar desse grande aprendizado: Valdete, Eusilene, Deise e Silvia. À minha amiga cearense Raquel que, mesmo não conhecendo pessoalmente e estando distante, esteve presente no compartilhamento de angústias e experiências de aprendizados. Aos meus amigos e colegas de curso TAEs da UFJF, que desde o início foram um fundamental apoio de companheirismo e amizade: Maicon, Jorge e Tiago. E à minha querida amiga Andrêsa, também colega TAE da UFJF, conselheira e colaboradora de estudos e pesquisa, valeu pelas enormes contribuições durante todo o curso e pesquisa.

Imensa gratidão a toda comunidade acadêmica da Faculdade de Comunicação da UFJF (funcionários docentes, TAEs e terceirizados): meu aprendizado e esta pesquisa não seriam possíveis sem vocês, de fato. Em especial, enorme gratidão aos professores, técnicos e alunos participantes desta pesquisa: vocês são a alma desta dissertação.

A todos que diretamente e indiretamente contribuíram para esta minha formação acadêmica e profissional, representada humildemente neste texto: meu muito obrigado!

“Levar algo escrito para além do seu tempo significa compreender inclusive a importância da escrita como experiência.” (WOLNIEWICZ, 2019, p. 198).

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo o uso do laboratório em atividades práticas das disciplinas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/UFJF) e a contribuição da atuação de equipe técnica – Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) e funcionários terceirizados – para o processo de ensino-aprendizagem, focado na formação profissional. A pesquisa apresentou a seguinte questão norteadora: como aprimorar a atuação técnica no processo de ensino-aprendizagem no curso de Jornalismo da UFJF? O trabalho descreveu o que o currículo do curso propõe em relação à formação profissional, as atribuições dos técnicos envolvidos na realização de atividades práticas laboratoriais de ensino e os respectivos desafios ao desempenho do papel técnico no processo de ensino-aprendizagem, analisando as causas das principais dificuldades enfrentadas pela equipe técnica em atender satisfatoriamente às atividades no laboratório. A fundamentação teórica trouxe conceitos e discussões quanto a: currículo (teoria e prática), ensino, formação e profissão de Jornalismo; gestão e prática pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem; laboratório de telejornalismo e formação profissional; e atuação técnica e o processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa de campo, de metodologia qualitativa, foi realizada a partir da aplicação de questionário a professores e alunos, além de entrevistas semiestruturadas com técnicos (TAEs e funcionário terceirizado). No Plano de Ação Educacional (PAE), foram sugeridas ações para se otimizar a utilização e o funcionamento do espaço laboratorial e a respectiva atuação técnica, de modo a contribuir mais significativamente para a formação profissional dos graduandos, dentro das propostas curriculares do curso.

Palavras-chave: Currículo. Laboratório. Ensino-aprendizagem. Formação profissional. Jornalismo. Comunicação.

ABSTRACT

This dissertation aims to study the use of the laboratory in practical activities of the disciplines Telejournalism and Telejournalism Laboratory at the School of Communication of the Federal University of Juiz de Fora (FACOM/UFJF) and the contribution of the technical team - Administrative Technicians in Education (TAEs) and outsourced employees - to the teaching-learning process, focused on professional training. The piece of research presented the following guiding question: how to improve the technical performance in the teaching-learning process in the Journalism course at UFJF? The study described what the course curriculum proposes concerning professional training, the attributions of the technicians involved in carrying out practical teaching laboratory activities, and the respective challenges to the performance of the technical role in the teaching-learning process, analyzing the causes of the main difficulties faced by the technical team in satisfactorily meeting the laboratory activities. The theoretical framework brought concepts and discussions regarding curriculum (theory and practice), teaching, training, and the journalism profession; pedagogical management and practice and the teaching-learning process; television journalism laboratory and professional training; and technical performance and the teaching-learning process. The field research of qualitative methodology was carried out from the application of a questionnaire to teachers and students, in addition to semi-structured interviews with technicians (TAEs and outsourced employees). In the Educational Action Plan (PAE), actions were suggested to optimize the use and functioning of the laboratory space and the respective technical performance, in order to contribute more significantly to the professional training of undergraduate students, within the curricular proposals of the course.

Keywords: Curriculum. Laboratory. Teaching-learning. Professional training. Journalism. Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Matriz curricular – Curso de Jornalismo (Turno Integral – currículo válido a partir do segundo semestre de 2019)	31
Figura 2	- Matriz curricular – Curso de Jornalismo (Turno Noturno – currículo válido a partir do segundo semestre de 2019)	31
Fotografia 1	- Gravação durante uma aula de Laboratório de Telejornalismo	35
Fotografia 2	- Uso da sala de controle em um teste de gravação	35
Fotografia 3	- Gravação durante uma aula com o uso de <i>teleprompter</i> (teleponto)	36
Quadro 1	- Principais dados de pesquisa e ações propostas (por eixo de análise)	114
Quadro 2	- Descrição da ferramenta 5W2H	115
Quadro 3	- 5W2H Ação 1	117
Figura 3	- Ciclo de planejamento, acompanhamento e avaliação de práticas laboratoriais em telejornalismo	119
Quadro 4	- 5W2H Ação 2	119
Quadro 5	- 5W2H Ação 3	121
Quadro 6	- 5W2H Ação 4	122
Figura 4	- Análise SWOT (FOFA)	123
Quadro 7	- Análise SWOT (FOFA) do PAE	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Respostas à questão A do questionário	55
Gráfico 2	- Respostas à questão B do questionário	58
Gráfico 3	- Respostas à questão C do questionário	62
Gráfico 4	- Respostas à questão D do questionário	73
Gráfico 5	- Respostas à questão E do questionário	76
Gráfico 6	- Respostas à questão F do questionário	80
Gráfico 7	- Respostas à questão G do questionário	85
Gráfico 8	- Respostas à questão H do questionário	88
Gráfico 9	- Respostas à questão I do questionário	93
Gráfico 10	- Respostas à questão J do questionário	99
Gráfico 11	- Respostas à questão K do questionário	103
Gráfico 12	- Respostas à questão L do questionário	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- TAEs da UFJF distribuídos por grau de formação (em 2020)	26
Tabela 2	- Organização de TAEs da FACOM por setor, subsetor e horário	29
Tabela 3	- Configuração horária da equipe técnica para o atendimento às demandas da FACOM (até março de 2020)	41

LISTA DE SIGLAS

CAEd	Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação
CEA	Departamento Comunicação e Artes
CONSU	Conselho Superior
DAVH	Diretório Acadêmico Vladimir Herzog
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EaD	Educação a Distância
ERE	Ensino Remoto Emergencial
ERECOM	Encontro Regional de Comunicação
FABICO	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
FACOM	Faculdade de Comunicação
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FTC	Departamento Fundamentos, Teorias e Contextos
IES	Instituições de Ensino Superior
IFE	Instituição Federal de Ensino
JOR	Departamento Jornalismo
Lab Tele	Laboratório de Telejornalismo
MAP	Departamento Métodos Aplicados e Práticas Laboratoriais
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
NEPTV	Núcleo de Ensino e Produção em Televisão/Estúdio de TV
NUCOM	Núcleo de Comunicação
PAE	Plano de Ação Educacional
PCCTAE	Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPGP	Programa de Pós-Graduação Profissional
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PRORH	Pró-Reitoria de Recursos Humanos
QVT	Qualidade de Vida no Trabalho
RAD	Departamento TV e Rádio
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RTVI	Rádio, TV e Internet
STF	Supremo Tribunal Federal
TAE	Técnico Administrativo em Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCE	Departamento Técnicas Profissionais e Conteúdos Estratégicos
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TI	Tecnologia da Informação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFJF-GV	Universidade Federal de Juiz de Fora <i>Campus</i> Governador Valadares
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, O TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO E O CURSO DE JORNALISMO ...	22
2.1	A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA E OS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO	22
2.1.1	A Universidade Federal de Juiz de Fora	23
2.1.2	Técnicos Administrativos em Educação – aspectos legais	24
2.1.3	Técnicos Administrativos em Educação – contexto profissional na UFJF	25
2.2	A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E O CURSO DE JORNALISMO ...	26
2.3	O USO DO LABORATÓRIO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E A ATUAÇÃO TÉCNICA NO CURSO DE JORNALISMO	33
2.3.1	Laboratório de produção audiovisual	33
2.3.2	TAEs e terceirizados: apoio técnico-administrativo e atividades práticas	36
2.3.3	Planejamento curricular e demandas práticas	42
3	ATUAÇÃO TÉCNICA NO LABORATÓRIO DE ENSINO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE JORNALISMO	45
3.1	ASPECTOS METODOLÓGICOS	46
3.2	CURRÍCULO (TEORIA E PRÁTICA), TECNOLOGIAS E ENSINO, FORMAÇÃO E PROFISSÃO DE JORNALISMO	51
3.3	GESTÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	70
3.4	ESPAÇO LABORATORIAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	83
3.5	ATUAÇÃO TÉCNICA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	97
4	PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: APRIMORANDO A GESTÃO PEDAGÓGICA DO LABORATÓRIO E A ATUAÇÃO TÉCNICA	113
4.1	FERRAMENTA 5W2H	115
4.2	CRIAÇÃO DE GRUPO DE ESTUDOS CURRICULARES	116
4.3	PLANEJAMENTO, ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DAS	

	PRÁTICAS LABORATORIAIS	117
4.4	ESTABELECIMENTO DE COMISSÃO REGULAMENTADORA E PROMOTORA DA IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO LABORATORIAL NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	120
4.5	PROMOVER MAIOR PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E CAPACITAÇÃO DA EQUIPE TÉCNICA	121
4.6	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAE – ANÁLISE SWOT	123
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	REFERÊNCIAS	130
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os técnicos	141
	APÊNDICE B – Questionário <i>on-line</i> aplicado a discentes e docentes envolvidos com as atividades práticas de telejornalismo .	144
	ANEXO A – Estrutura curricular (2019) de Jornalismo - Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora	150
	ANEXO B – Plano de Ensino da disciplina Telejornalismo	154
	ANEXO C – Plano de Ensino da disciplina Laboratório de Telejornalismo	155

1 INTRODUÇÃO

Com a expansão da oferta do ensino superior a partir dos anos 2000, sobretudo pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ocorreu um aumento significativo no número de concursos públicos para docentes e Técnicos Administrativos em Educação (TAEs), com os mais diversos perfis e formações (SILVA; ARAÚJO; DANTAS, 2018).

Conforme referido por Araújo, Silva e Dantas (2017), o caráter puramente meritocrático no ingresso como servidor público nas universidades por tais concursos representa muitas vezes uma não adequação do perfil de competências do profissional concursado às necessidades da instituição. Em contrapartida, os autores indicam a possibilidade de esse perfil ir se aprimorando durante a atuação profissional, por meio de processos de aprendizagem.

Uma universidade pública representa um espaço democrático em que há uma diversidade de personalidades, culturas, ideias, interesses e valores. Ou seja, uma universidade se caracteriza como uma instituição social, a qual, como Sanseverino e Gomes Júnior (2014) mencionam, acompanha as transformações sociais, políticas e econômicas. E, assim sendo, envolve o compartilhamento e a disputa de espaços entre aqueles que a compõem: alunos, professores e técnico-administrativos.

Nesse cenário, percebe-se a configuração social universitária em três corpos sociais: “o corpo discente, o corpo docente e o corpo técnico-administrativo, este último mais relacionado às atividades-meio da universidade” (MARTINS; RIBEIRO, 2018, p. 516), sendo que as atividades administrativas e acadêmicas concorrem-se e dependem-se reciprocamente. Em vista disso, o papel do técnico administrativo torna-se fundamental e estratégico para o funcionamento das universidades, e por isso mesmo não se pode determinar níveis de importância entre os atores institucionais (MARTINS; RIBEIRO, 2018), a saber: alunos, professores e técnicos. Além disso, não se pode deixar de mencionar aqui a existência e a atuação dos funcionários terceirizados em conjunto com os TAEs. A crescente terceirização em uma universidade pública como a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), demonstrada no estudo de Sirelli (2009), não pode ser negligenciada, e por isso os terceirizados são também considerados atores institucionais na presente pesquisa.

O caso aqui apresentado descreve o contexto pedagógico e de formação profissional relacionado ao laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV) no

curso de Jornalismo (Integral e Noturno) da Faculdade de Comunicação (FACOM) da UFJF, na perspectiva de minha atuação como TAE, nas atribuições do cargo Assistente de Laboratório desde maio de 2017 na referida unidade acadêmica.

Pesquisar como se configura a relação entre a dimensão formativa profissional do currículo do curso de Jornalismo e o papel da equipe técnica (TAEs e funcionários terceirizados) em contribuirmos para o processo de ensino-aprendizagem, no âmbito de aulas práticas desenvolvidas no laboratório de produção audiovisual na Faculdade de Comunicação, é de relevância na nossa prática profissional como TAE, uma vez que são consideradas atividades do pessoal técnico-administrativo de Instituições Federais de Ensino (IFEs) as relacionadas com a permanente manutenção e adequação do apoio técnico, administrativo e operacional necessário ao cumprimento dos objetivos institucionais (BRASIL, 1987). Partindo-se da ideia de que tais objetivos são: ensino, pesquisa e extensão, para o necessário cumprimento destes são necessários servidores docentes e técnico-administrativos, sendo estes últimos responsáveis pela administração e serviços de apoio (COUTINHO; DIOGO; JOAQUIM, 2008).

Partindo-se da análise realizada por Araújo, Silva e Dantas (2017), em que se constata a incipiência de pesquisas relacionadas aos perfis, atuação e importância tanto de docentes quanto de TAEs na implementação de políticas públicas de educação superior no Brasil, incrementadas a partir de 2007 com o REUNI e tomando-se o recorte institucional de um contexto em um curso universitário, busca-se aqui uma pesquisa que represente uma resposta à seguinte pergunta: como aprimorar a atuação técnica (de TAEs e funcionários terceirizados) no processo de ensino-aprendizagem no curso de Jornalismo da UFJF?

Assim, o objetivo geral é investigar a relação do currículo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF com as atividades e demandas no referido laboratório, identificando como nós, da equipe técnica, podemos colaborar melhor nesse processo, no contexto pedagógico e de formação profissional desse ambiente laboratorial de ensino, com vistas ao atendimento adequado às respectivas propostas curriculares.

Tendo-se em vista a capacitação profissional dos graduandos em Jornalismo alicerçada nas práticas experimentais desenvolvidas no laboratório de produção audiovisual, ter-se-ão como objetivos específicos: (i) descrever o que o Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso de Jornalismo apresenta e prevê em relação à

dimensão formativa profissional dos alunos, as atuais atribuições dos técnicos (TAEs e terceirizados) envolvidos nas atividades desenvolvidas no laboratório de produção audiovisual e os respectivos desafios relacionados ao desempenho do papel do técnico em atender às demandas respectivas de ensino-aprendizagem; (ii) analisar as causas das principais dificuldades enfrentadas pela equipe técnica (TAEs e terceirizados) em atender satisfatoriamente a tais práticas; e (iii) propor ações na busca de otimizar o aproveitamento pedagógico e formativo do espaço laboratorial e a respectiva atuação técnica, de modo a contribuir mais significativamente para a formação profissional dos graduandos dentro das propostas curriculares do curso.

O referencial teórico utilizado para o aporte desta dissertação traz concepções curriculares de Bloom *et al.* (1979) e discussão conceitual quanto ao currículo e ensino do Jornalismo por Schuch (2002), Campos e Rocha (2011) e Bernardo e Leão (2012). Abarca também argumentos teóricos de Costa (2008), Silva (2008), Primo (2010), Oliveira (2011), Dias (2012), Mick (2012), Silva e Moura (2012), Souza, Rocha e Gadini (2012), Bernardo e Leão (2013), Silva (2013), Horn, Dias e Costa (2015), Nogueira, Rocha e Maia (2015), Daher e Porto Junior (2017), Aguiar, Gomberg e Aucar (2018), Pereira e Maia (2016) e Silva e Mattos (2018), sobre ensino, formação e profissão de Jornalismo, bem como sobre a influência das tecnologias nessas atividades, além da questão da não obrigatoriedade de diploma para o exercício profissional.

São abordadas também concepções pedagógicas trazidas por Ferreira (2008), Moran (2013), Caetano e Santos (2014), Aguiar (2016), Nunes (2017), Sbizera e Dendasck (2019) e Ferreira e Oliveira (2020), relativas ao tema de gestão e prática pedagógicas e do processo de ensino-aprendizagem. Também se elencam notas dos trabalhos de Monlevade (2009), Magalhães (2016) e Wolniewicz (2019), quanto à relação que profissionais não docentes apresentam com o processo de ensino-aprendizagem. Mais especificamente ao ensino de Jornalismo, traz-se uma citação de Matos (2014). No tocante à avaliação do processo de ensino-aprendizagem, são usadas citações de Borges *et al.* (2014) e Bastos e Prado (2019). Com uma citação de Vieira Júnior (2002) levantada por Aguiar, Gomberg e Aucar (2018), retrata-se a importância avaliativa em um contexto específico ao Jornalismo.

De forma mais concernente ao caso estudado, apontam-se discussões e conceitos registrados por Vieira Júnior (2002), Pinto *et al.* (2004), Matos (2014),

Morais e Ferreira (2015), Porcello (2015), Coelho (2016), Aguiar, Gomberg e Aucar (2018) e Antonioli (2018), relativos à dimensão laboratorial do ensino de Jornalismo. Há ainda um aporte teórico quanto a aspectos de gestão organizacional, por Cancian (2006), Ferreira (2015), Santos e Marques (2015).

E por fim, para se localizar o papel do TAE no processo de ensino-aprendizagem, dialoga-se com os aportes teóricos de: Rezende (1984), Buarque (1994), Angst (2017) e Ramos e Macêdo (2018), que tratam da organização de trabalho de universidades e escolas; apontamentos de Alves (2015), Antonioli (2018) e Cirne *et al.* (2018), os quais abordam aspectos técnico-didáticos em Jornalismo; e também ideias de Magalhães *et al.* (2010), que tratam da questão do treinamento de servidores técnico-administrativos em educação.

A pesquisa de campo caracterizou-se pela coleta de dados por meio de entrevistas com funcionários da equipe técnica e aplicação de um questionário comum a professores e alunos, quanto à importância pedagógica do espaço laboratorial para a formação profissional de jornalistas.

Quanto à estrutura, a presente dissertação apresenta, além da presente introdução, três capítulos a saber: um descritivo, um analítico e um propositivo.

O capítulo descritivo detalha o caso de gestão em si, descrevendo-se o local em que se identifica o problema pesquisado, partindo-se do nível macro (UFJF) e alcançando o micro (laboratório de produção audiovisual da Faculdade de Comunicação da UFJF). Inicia-se o capítulo, apresentando-se a UFJF. A seguir, desenvolve-se um detalhamento quanto a TAEs (perfil profissional, atribuições e formas de ingresso), de forma geral e especificamente na UFJF. Em seguida, descrevem-se a FACOM e o laboratório de produção audiovisual e finaliza-se o capítulo aprofundando-se na descrição do caso de gestão, discorrendo-se sobre o uso do laboratório em si, destacando-se o trabalho conjunto de TAEs com os funcionários terceirizados, o planejamento e as demandas das práticas existentes, apresentando-se a situação-problema observada.

O capítulo analítico inicia-se com os aspectos metodológicos, identificando-se os instrumentos e participantes da pesquisa. Na sequência, desenvolve-se um diálogo do caso de gestão com o referencial teórico, a partir da análise dos dados coletados na pesquisa qualitativa. No referido capítulo, há citações dos autores relacionados anteriormente, em que há uma discussão sobre os eixos teóricos que serviram de fundamentação teórica para a análise e discussão dos resultados

obtidos com a realização da pesquisa de campo. São também apresentados, brevemente, para efeito exemplificativo e elucidativo do que é discutido e analisado a partir dos dados de pesquisa, laboratórios de ensino em cursos de Jornalismo de outras instituições. Tudo isso para que no capítulo seguinte apresente-se um plano de ações, desenvolvido a partir dos principais achados (dados) de pesquisa.

Portanto, no capítulo propositivo, desenvolve-se o Plano de Ação Educacional (PAE) que, por meio de suas ações e propostas, a serem implementadas no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, propõe-se uma gestão pedagógica relacionada ao espaço de ensino-aprendizagem prático laboratorial, promotora de uma otimização da atuação técnica nas demandas práticas. Tudo isso em busca de uma contribuição mais significativa para o processo de ensino-aprendizagem, especificamente na formação profissional prevista nas propostas curriculares do curso em questão.

2 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, O TÉCNICO ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO E O CURSO DE JORNALISMO

Neste capítulo descritivo, detalha-se o caso de gestão, apresentando seu contexto por meio de uma descrição do recorte da pesquisa, partindo-se do nível macro (UFJF) e culminando no micro (laboratório de produção audiovisual da Faculdade de Comunicação da UFJF). Portanto, descrevem-se a UFJF, a Faculdade de Comunicação, o curso de Jornalismo e o laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV). E no intuito de se compreender a atuação dos TAEs em tal espaço de ensino-aprendizagem, apresentam-se o perfil, as atribuições e as formas de ingresso de TAEs em instituições de ensino federais. Somado aos TAEs, apresentam-se também como atores no espaço laboratorial os funcionários terceirizados, abordando-se brevemente o tema da terceirização de serviços na universidade. Para finalizar o capítulo, aprofunda-se na descrição do caso de gestão, retomando-se a questão norteadora e evidenciando-se a situação-problema observada.

2.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA E OS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO

Esta seção apresenta a Universidade Federal de Juiz de Fora de forma geral, com uma breve descrição de quantidade de cursos, de docentes, de alunos e de TAEs, informações essas coletadas do Relatório de Autoavaliação Institucional Trienal 2018-2020 (UFJF, 2021a). Na sequência, abordam-se as atribuições e formas de ingresso de TAEs em Instituições Federais de Ensino, regulamentadas no Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE) – Lei nº 11.091/05 (BRASIL, 2005); o regime de trabalho constante na Lei nº 8.112/90 (BRASIL, 1991) e o regime de trabalho flexibilizado previsto nos Decretos nº 1.590/95 (BRASIL, 1995) e nº 4.836/03 (BRASIL, 2003), e na Resolução nº 54/2016 – Conselho Superior (CONSU)/UFJF (UFJF, 2017a). E de forma particular, são apontadas as atribuições sumárias do cargo Assistente de Laboratório, ocupado por mim, constantes no Edital 21/2014 – Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRORH)/UFJF (UFJF, 2014a). Por fim, contextualiza-se com as pesquisas de Búrigo (2003), Coutinho, Diogo e Joaquim (2008) e de Araújo, Silva e Dantas (2017),

quanto às constantes transformações no perfil de competências dos servidores técnico-administrativos, bem como com os apontamentos de Castro (2017), no que se refere à mudança do perfil de trajetória educacional, tendo-se o ingresso de TAEs com maior nível de formação e de qualificação do que seus pares mais antigos.

2.1.1 A Universidade Federal de Juiz de Fora

A Universidade Federal de Juiz de Fora é uma instituição pública vinculada ao Ministério da Educação (MEC), a qual oferece cursos de ensino superior, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* e atua indissociavelmente nas áreas de pesquisa e extensão. A instituição possui dois *campi* (*Campus* sede Juiz de Fora e *Campus* Governador Valadares – UFJF-GV) e mais 55 polos de Educação a Distância (EaD) no estado de Minas Gerais (MG), sendo considerada polo científico e cultural da região Sudeste e da Zona da Mata Mineira e também referência na formação de profissionais qualificados nas áreas de educação, saúde e tecnologia (UFJF, 2021a).

A UFJF foi criada em 23 de dezembro de 1960, durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek, e apresentou uma forte expansão em decorrência do REUNI (programa de expansão de universidades federais criado em 2007, no governo do presidente Lula, mencionado na Introdução desta dissertação), que foi acompanhada pelo avanço em suas áreas de atuação, ocorrendo-se a implantação do seu *Campus* Avançado de Governador Valadares (MG) em novembro de 2012. A gestão atual da instituição iniciou-se no mês de abril de 2016, reelegendo-se em 2019 (UFJF, 2021a).

A instituição apresenta atualmente 93 opções de cursos de graduação, 36 de mestrado e 17 de doutorado, em todas as áreas do conhecimento (UFJF, 2021b). Segundo dados referentes a 2020 e apresentados em 2021 em seu Relatório de Autoavaliação Institucional Trienal 2018-2020 (UFJF, 2021a), a instituição possuía:

- a) um total de 23.112 discentes matriculados no terceiro período de 2020, em cursos de graduação e de pós-graduação, nas modalidades presencial e a distância (EaD), inclusive discentes em mobilidade nacional, convênio internacional, graduação e especialização em Universidade Aberta do Brasil (UAB);
- b) 1.637 docentes (1.341 no *campus* sede e 296 no *campus* UFJF-GV); e

c) 1.521 Técnicos Administrativos em Educação.

2.1.2 Técnicos Administrativos em Educação – aspectos legais

As atribuições de um TAE, no âmbito das Instituições Federais de Ensino, vinculadas ao Ministério da Educação, encontram-se regulamentadas, atualmente, no artigo 8º da Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005, a qual dispõe sobre o PCCTAE:

Art. 8º São atribuições gerais dos cargos que integram o Plano de Carreira, sem prejuízo das atribuições específicas e observados os requisitos de qualificação e competências definidos nas respectivas especificações:

I - planejar, organizar, executar ou avaliar as atividades inerentes ao apoio técnico-administrativo ao ensino;

II - planejar, organizar, executar ou avaliar as atividades técnico-administrativas inerentes à pesquisa e à extensão nas Instituições Federais de Ensino;

III - executar tarefas específicas, utilizando-se de recursos materiais, financeiros e outros de que a Instituição Federal de Ensino disponha, a fim de assegurar a eficiência, a eficácia e a efetividade das atividades de ensino, pesquisa e extensão das Instituições Federais de Ensino.

§ 1º As atribuições gerais referidas neste artigo serão exercidas de acordo com o ambiente organizacional.

§ 2º As atribuições específicas de cada cargo serão detalhadas em regulamento. (BRASIL, 2005, recurso online).

A mesma Lei, em seu artigo 9º, estabelece as formas de ingresso de TAEs em IFE:

Art. 9º O ingresso nos cargos do Plano de Carreira far-se-á no padrão inicial do 1º (primeiro) nível de capacitação do respectivo nível de classificação, mediante concurso público de provas ou de provas e títulos, observadas a escolaridade e experiência estabelecidas no Anexo II desta Lei. (BRASIL, 2005, recurso online).

Quanto ao regime de trabalho do TAE, encontra-se regulamentado na Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, em seu artigo 19:

Art. 19. Os servidores cumprirão jornada de trabalho fixada em razão das atribuições pertinentes aos respectivos cargos, respeitada a duração máxima do trabalho semanal de quarenta horas e

observados os limites mínimo e máximo de seis horas e oito horas diárias, respectivamente. (BRASIL, 1991, recurso online).

No âmbito da UFJF, esse regime foi flexibilizado, conforme a possibilidade de flexibilização da jornada de trabalho para 30 horas semanais – seis horas diárias – em regime de turnos ou escalas, em período igual ou superior a 12 horas ininterruptas ou trabalho no horário noturno, prevista no Decreto nº 1.590, de 10 de agosto de 1995 (BRASIL, 1995), com alteração de redação conferida pelo Decreto nº 4.836, de 09 de setembro de 2003, em seu art. 3º (BRASIL, 2003). Tal flexibilização encontra-se regulamentada institucionalmente na Resolução nº 54/2016 CONSU/UFJF (UFJF, 2017a).

2.1.3 Técnicos Administrativos em Educação – contexto profissional na UFJF

A partir de minha experiência profissional como TAE, no cargo Assistente de Laboratório na FACOM da UFJF, tomando-se a descrição sumária das atribuições do respectivo cargo, presente no edital de concurso: “desempenhar atividades de laboratórios de acordo com sua área de atuação” (UFJF, 2014a, p. 1); e o fato de que o ingresso em tal cargo não me exigiu prova prática nem uma formação específica para lidar com equipamentos, acessórios e toda uma estrutura tecnológica de produção audiovisual, evidencio aqui que o esforço individual profissional se faz altamente necessário para a busca de conhecimento e aprendizagem em tal área. Considerando-se também que as universidades vêm enfrentando desde o início do século XXI uma racionalização de seus recursos humanos e financeiros (BÚRIGO, 2003), o perfil profissional dos técnicos administrativos vem sofrendo mudanças, como indicado na pesquisa de Coutinho, Diogo e Joaquim (2008, p. 103), seguindo o que os autores mesmos registram ser a tendência dos que ingressam nos cargos técnicos de aprender “a trabalhar trabalhando”, corroborando o exposto por Araújo, Silva e Dantas (2017), de que o perfil de competências do profissional concursado tem a possibilidade de ir se desenvolvendo ao longo da sua atuação, por meio de processos de aprendizagem a fim de se adequar às necessidades da organização.

E em conjunto a essa mudança do perfil profissional de TAEs, pode-se perceber no contexto da UFJF o relatado no estudo de Castro (2017) quanto ao

ingresso de mais servidores técnico-administrativos em educação com maior nível de formação e qualificação. Pode-se visualizar tal realidade a partir dos dados retirados do Relatório de Autoavaliação Institucional Trienal 2018-2020 (UFJF, 2021a). De acordo com tais dados, em 2020, a quantidade de TAEs com nível superior representou 88,5% do total, sendo 73,6% pós-graduados, como pode ser observado na Tabela 1:

Tabela 1 - TAEs da UFJF¹ distribuídos por grau de formação (em 2020)

Formação	Quantidade
Alfabetizado sem cursos regulares	3
Ensino Fundamental incompleto	23
Ensino Fundamental completo	12
Ensino Médio	137
Ensino Superior	227
Especialização Nível Superior	548
Mestrado	488
Doutorado	83
Total	1521

Fonte: Adaptada do Relatório de Autoavaliação Institucional Trienal 2018-2020 (UFJF, 2021a).

2.2 A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E O CURSO DE JORNALISMO

Descreve-se aqui a Faculdade de Comunicação da UFJF, trazendo-se dados de sua história, os cursos que a compõem: Jornalismo Integral e Noturno; Rádio, TV e Internet (RTVI); Pós-Graduação Mestrado e Doutorado (PPGCOM), a estrutura laboratorial, bem como a quantidade atual de alunos, professores e TAEs.

Em seguida, apresenta-se o curso de Jornalismo, sua história brevemente resumida (UFJF, [2015a], [2020a]) e aborda-se, especialmente, seu PPP (UFJF, 2015b). Em relação a este último, destacam-se as mais recentes mudanças curriculares e departamentais e os objetivos de formação profissional, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado (BRASIL, 2013).

A FACOM da UFJF possui os seguintes cursos superiores de graduação: bacharelado em Jornalismo (Integral e Noturno) e bacharelado em Rádio, TV e Internet – RTVI (UFJF, 2021c). Sua instituição como unidade acadêmica (faculdade

¹ Quantidade de TAEs nos dois *campi* – Juiz de Fora e Governador Valadares.

propriamente) ocorreu em 1990. Anteriormente, havia o Curso de Graduação em Jornalismo, existente desde 1958, à época vinculado à antiga Faculdade de Filosofia e Letras e, posteriormente, à Faculdade de Direito (UFJF, [2020a]). A FACOM também possui o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), desde 2007 com o Mestrado, e mais recentemente o Doutorado, iniciado em 2019 (UFJF, 2021d).

Há ainda, dentro da estrutura da faculdade, a Produtora de Multimeios, criada em 1996, para que os alunos que por ela passassem qualificassem-se melhor para o mercado de trabalho, aumentando seus conhecimentos na prática de produção audiovisual. As atividades da produtora se estendem à produção de programas de TV, vídeos institucionais e publicitários, além da cobertura de eventos (UFJF, 2014b).

Tem-se a seguir a descrição dos laboratórios de ensino da Faculdade de Comunicação da UFJF, presente no Regimento Interno dos Laboratórios de Ensino da Faculdade de Comunicação da UFJF – em fase de elaboração² (UFJF, [202-]):

- a) Sala 26A - Laboratório de Produção Audiovisual/Estúdio A: dispõe de equipamentos de iluminação, gravação e edição de vídeo, em espaço dividido em área de gravação e sala com estação de trabalho de pós-produção, para utilização preferencial (mas não exclusiva) em aulas de disciplinas laboratoriais voltadas para a área de produção audiovisual do curso de Rádio, TV e Internet, podendo também ser utilizado para atividades de ensino do curso de Jornalismo;
- b) Sala 26B - Laboratório de Produção Audiovisual/Estúdio B: dispõe de equipamentos de iluminação, gravação e edição de vídeo, em espaço dividido em área de gravação e sala de controle (ou sala de corte), para utilização preferencial (mas não exclusiva) em aulas de disciplinas laboratoriais voltadas para a área de produção audiovisual do curso de Jornalismo, podendo também ser utilizado para atividades de ensino do curso de RTVI;
- c) Sala 101 - Laboratório de Edição Audiovisual: dispõe de computadores para edição de vídeo, além de sala acústica, para utilização preferencial

² Em 2021, o Regimento Interno dos Laboratórios de Ensino da Faculdade de Comunicação da UFJF ainda se encontra em fase de elaboração, necessitando de revisão e aprovação. Esse novo regimento visa substituir o antigo, e em desuso, uma vez que a estrutura de laboratórios foi renovada com o novo prédio da FACOM.

em aulas de disciplinas laboratoriais dos cursos de Jornalismo e RTVI, voltadas para a área de produção audiovisual;

- d) Sala 109 - Laboratório de Rádio: dispõe de salas acústicas, equipamentos de áudio e computadores para a produção de mídia sonora, de utilização preferencial em aulas de disciplinas laboratoriais voltadas para a área de rádio/produção sonora dos cursos de Jornalismo e RTVI;
- e) Sala 204 - Laboratório de Multimídia I: dispõe de computadores para utilização preferencial em aulas de disciplinas laboratoriais multimídia dos cursos de Jornalismo e RTVI;
- f) Sala 206 - Laboratório de Multimídia II: dispõe de computadores para utilização preferencial em aulas de disciplinas laboratoriais multimídia dos cursos de Jornalismo e RTVI;
- g) Sala 213 - Laboratório de Multimídia III: dispõe de computadores para utilização preferencial em aulas de disciplinas laboratoriais multimídia dos cursos de Jornalismo e RTVI.

Esses espaços laboratoriais destinam-se prioritariamente ao desenvolvimento de atividades específicas de ensino, bem como atividades de pesquisa, extensão e pós-graduação, dos cursos de graduação em Jornalismo e em Rádio, TV e Internet. O uso, tanto do espaço quanto dos equipamentos existentes nesses laboratórios, é permitido a todos os alunos, devidamente matriculados nos cursos de graduação da FACOM, que estejam cursando disciplinas que demandem atividades práticas. Demais discentes e demais cursos da UFJF também podem usar tais espaços e equipamentos, desde que apresentem pedido especial autorizado pela direção da faculdade e não interfiram nas atividades próprias a que se destinam³.

Em 2020, a FACOM apresentava 309 alunos matriculados no curso de Jornalismo (UFJF, 2021a). No ano de 2021, conta com 30 docentes efetivos, 11 técnico-administrativos em educação (4 pertencentes à equipe técnica) e uma equipe terceirizada (4 funcionários) de serviços de apoio administrativo, técnico e operacional.

³ Desde março de 2020, tanto esses espaços laboratoriais de ensino quanto os equipamentos e acessórios existentes não foram usados em virtude do ensino remoto imposto pela situação de pandemia do novo coronavírus. Até o momento de finalização de escrita deste texto, medidas de biossegurança ainda estão em estudo e aplicação limitada para utilização desses espaços, destacando-se o uso ainda inviável dos estúdios A e B, pelo fato de não possuírem uma ventilação adequada.

A estrutura administrativa da FACOM, em 2021, é composta pelo SETOR A – Secretaria (sete TAEs); e SETOR B – Laboratórios (quatro TAEs e quatro funcionários terceirizados) (UFJF, [2018a]). Até março de 2020, antes do distanciamento social ocasionado pela pandemia de covid-19⁴, o horário normal de funcionamento da FACOM era das 7h às 23h, de segunda a sexta-feira, tendo-se a equipe de TAEs organizada em setores, subsetores e atuando nos seguintes horários, com a carga horária flexibilizada de seis horas diárias, nos termos da Resolução nº 54/2016 – CONSU/UFJF (UFJF, 2017a):

Tabela 2 – Organização de TAEs da FACOM por setor, subsetor e horário

SETOR A – SECRETARIA	SUBSETOR	HORÁRIO
Uma TAE Assistente em Administração	Secretaria de Pós-Graduação PPGCOM	10 às 16h
Uma TAE Assistente em Administração	Secretaria das Coordenações de Graduação	8 às 14h
Uma TAE Assistente em Administração		14 às 20h
Uma TAE Assistente em Administração	Secretaria Unificada	7 às 13h
Um TAE Assistente em Administração		13 às 19h
Uma TAE Assistente em Administração		
Um TAE Assistente em Administração		
	Produtora de Multimeios	
SETOR B - LABORATÓRIOS	SUBSETOR	HORÁRIO
Um TAE Técnico em Audiovisual	Produtora de Multimeios	7 às 13h
Um TAE Operador de câmeras de cinema e TV	Equipe Técnica	8 às 14h
Um TAE Assistente de Laboratório		14 às 20h
Uma TAE Técnica de Laboratório – Fotografia/Planejamento Visual		17 às 23h

Fonte: Elaborada pelo autor (2021) com base em UFJF ([2018a], [2018b]).

O curso de Jornalismo da UFJF já passou por muitas transformações desde sua criação, em 1958. Em 1969, com as reformas educacionais do governo militar, foi transformado em curso de Comunicação Social, permanecendo assim até 2011, ano em que, seguindo orientações do MEC, recuperou sua denominação, voltando a ser curso de Jornalismo (UFJF, [2015a]). Nesse mesmo ano, iniciou-se um processo

⁴ Desde março de 2020, a FACOM está sem expediente presencial normalizado, em consequência do distanciamento social decorrente da pandemia de covid-19. Dessa forma, tem sido adotado o Ensino Remoto Emergencial (ERE) no âmbito da UFJF. O estudo híbrido também está sendo adotado no momento de escrita deste texto (UFJF, 2021e).

de reforma curricular, seguindo as mudanças trazidas pelas novas DCN para o curso de Jornalismo. As mudanças que tais diretrizes demandaram para o curso de Jornalismo impactaram profundamente a FACOM, pois determinaram um ensino mais específico, com foco no Jornalismo, em oposição ao praticado até então no curso, que era o oferecimento de uma grade mais flexível e mais aberta ao campo da Comunicação, de forma geral (UFJF, 2015b).

Acompanhando a reforma curricular citada anteriormente, a FACOM também promoveu uma reformulação departamental. Como consequência, novos departamentos foram organizados por eixos pedagógicos para se adaptar à nova realidade. Os antigos departamentos de Comunicação e Artes (CEA), Jornalismo (JOR) e TV e Rádio (RAD) foram substituídos, respectivamente, por Fundamentos, Teorias e Contextos (FTC), Técnicas Profissionais e Conteúdos Estratégicos (TCE) e Métodos Aplicados e Práticas Laboratoriais (MAP) (UFJF, 2015b).

Para o curso de bacharelado em Jornalismo, são ofertadas, anualmente, 70 vagas: 35 para o Integral (manhã e tarde), no segundo semestre de cada ano; e 35 para o Noturno no primeiro semestre. Desde 2015, o curso apresenta uma nova matriz curricular, desenvolvida a partir das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Jornalismo, a qual representou uma elevação da carga horária para 3.005 (três mil e cinco) horas, contando com estágio obrigatório, novas disciplinas e produtos laboratoriais (UFJF, [2020a]).

A carga horária do curso de Jornalismo é composta por 2.505 horas em disciplinas obrigatórias (ofertadas nos turnos da manhã e/ou da tarde – INTEGRAL, e da noite – NOTURNO), 300 horas em atividades complementares (disciplinas opcionais ou atividades de Flexibilização Curricular) e 200 horas em estágio supervisionado obrigatório (a partir do 6º período – INTEGRAL e do 7º período – NOTURNO), totalizando-se assim as 3.005 horas (UFJF, [2020a]). A título de ilustração, as Figuras 1 e 2 apresentam as matrizes curriculares do Curso de Jornalismo válidas a partir do segundo semestre de 2019. Para mais detalhes, conferir Anexo A.

Figura 1 – Matriz curricular – Curso de Jornalismo (Turno Integral – currículo válido a partir do segundo semestre de 2019)

1º PERÍODO	2º PERÍODO	3º PERÍODO	4º PERÍODO	5º PERÍODO	6º PERÍODO	7º PERÍODO	8º PERÍODO
Teoria da Comunicação I	Teoria da Comunicação II	Semiótica da Comunicação	Pesquisa em Comunicação	Rádiojornalismo	Laboratório de Rádiojornalismo	Trabalho de Conclusão de Curso I	Trabalho de Conclusão de Curso II
Comunicação e Expressão Escrita I	Comunicação e Expressão Escrita II	Técnicas de Jornalismo Audiovisual	Opinião e Análise em Jornalismo	Telejornalismo	Edição Jornalística Audiovisual	Laboratório de Telejornalismo	
Fundamentos e História do Jornalismo	Teoria do Jornalismo	Desafios Éticos do Jornalismo	Comunicação Comunitária	Assessoria de Comunicação	Laboratório de Assessoria de Imprensa	Laboratório de Jornalismo Digital	
Comunicação e Expressão Visual	Fotojornalismo	Planejamento Gráfico	Mídia Digital I	Jornalismo Digital			
Mídia e Realidade Brasileira	Produção e Redação em Jornalismo Impresso I	Produção e Redação em Jornalismo Impresso II	Laboratório de Jornalismo Impresso	Comunicação e Marketing			
Sociologia: História, temas e Atualidades	Técnicas de Investigação Jornalística	Estudos Culturais	Comunicação e Estética				
História da Arte III	Comunicação e Expressão Oral						

Fonte: Elaborada pelo autor (2021) com base em UFJF ([2020a]).

Figura 2 – Matriz curricular – Curso de Jornalismo (Turno Noturno – currículo válido a partir do segundo semestre de 2019)

1º PERÍODO	2º PERÍODO	3º PERÍODO	4º PERÍODO	5º PERÍODO	6º PERÍODO	7º PERÍODO	8º PERÍODO
Teoria da Comunicação I	Teoria da Comunicação II	Teoria do Jornalismo	Pesquisa em Comunicação	Semiótica da Comunicação	Comunicação e Estética	Laboratório de Jornalismo Digital	Laboratório de Rádiojornalismo
Comunicação e Expressão Escrita I	Comunicação e Expressão Escrita II	Comunicação e Expressão Oral	Técnicas de Jornalismo Audiovisual	Telejornalismo	Rádiojornalismo	Laboratório de Telejornalismo	Laboratório de Assessoria de Imprensa
Comunicação e Expressão Visual	Fotojornalismo	Planejamento Gráfico	Mídia Digital I	Jornalismo Digital	Edição Jornalística Audiovisual		9º PERÍODO Trabalho de Conclusão de Curso I
Mídia e Realidade Brasileira	Fundamentos e História do Jornalismo	Produção e Redação em Jornalismo Impresso I	Produção e Redação em Jornalismo Impresso II	Comunicação e Marketing	Assessoria de Comunicação		10º PERÍODO Trabalho de Conclusão de Curso II
Sociologia: História, temas e Atualidades	Técnicas de Investigação Jornalística	Estudos Culturais	Comunicação Comunitária	Opinião e Análise em Jornalismo	Laboratório de Jornalismo Impresso		
História da Arte III			Desafios Éticos do Jornalismo				

Fonte: Elaborada pelo autor (2021) com base em UFJF ([2020a]).

As disciplinas destacadas nas Figuras 1 e 2, e que servem como base da investigação ora apresentada – Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo –, envolvem a realização de atividades práticas laboratoriais, sendo a primeira pré-requisito da segunda. A disciplina de Telejornalismo é ofertada pelo TCE durante o quinto período de curso, num total de 60h (4 créditos). Nela são desenvolvidas, dentre outras atividades (ver Anexo B), técnicas de reportagem em TV, reunião e produção de pauta para telejornais, transmissões diretas e externas gravadas, captação de imagens, estrutura narrativa em telejornalismo e redação de texto jornalístico em televisão (UFJF, 2015b).

No sétimo período, após os alunos já terem cursado Telejornalismo bem como Edição em Jornalismo Audiovisual (disciplinas de pré-requisito, ofertadas pelo TCE), é desenvolvida a disciplina Laboratório de Telejornalismo (tradicionalmente e popularmente conhecida por “Mergulhão de TV”). Ofertada pelo MAP, ocorre nessa disciplina um desenvolvimento prático maior, totalizando uma carga horária de 120h (8 créditos). Dentre as atividades desenvolvidas, estão (ver Anexo C): produção de telejornais, reunião e definição de pauta, apuração e produção de matérias, definição de funções e de equipes, gravação em externas e em estúdio, pós-produção de telejornal e simulação de transmissão ao vivo e *on demand* (UFJF, 2015b).

Dentre os objetivos do projeto acadêmico do curso de Jornalismo, destacam-se aqui dois, os quais dialogam mais com a presente pesquisa:

- Formar profissionais capazes de interagir no cenário profissional e no mercado de trabalho; [...]
- Preparar um profissional ético, competente, com capacidade de saber-pensar-atender-transformar as demandas/necessidades do mercado, bem como de intervir e transformar a realidade. (UFJF, 2015b, p. 7).

Dessa forma, o curso visa à formação de profissionais capazes de atuarem em veículos de comunicação, assessorias de comunicação em empresas públicas e privadas, produtoras de rádio, vídeo e TV, além do exercício de atividades de ensino, pesquisa e extensão em Instituições de Ensino Superior (IES). Dentre as capacidades buscadas nessa formação, encontra-se a prática – fundamentada nas atividades profissionais amparadas em suportes técnico e tecnológico compatíveis com os níveis exigidos pela profissão (UFJF, 2015b).

Para se alcançar o perfil e as competências exigidos do egresso, a estrutura curricular constitui-se de conteúdos distribuídos em seis eixos de formação, tendo-se buscado o equilíbrio da carga horária entre eles. Tais eixos são os definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, a saber: eixo de fundamentação humanística, eixo de fundamentação específica, eixo de fundamentação contextual, eixo de formação profissional, eixo de aplicação processual e eixo de prática laboratorial (BRASIL, 2013).

Para fins de análise deste caso, destacam-se aqui os eixos de formação profissional e o de prática laboratorial. O eixo de formação profissional tem por objetivo embasar o conhecimento teórico e prático, enquanto o de prática laboratorial visa desenvolver conhecimento e habilidades próprios da profissão, a partir da aplicação de informações e valores, integrando os demais eixos (BRASIL, 2013).

2.3 O USO DO LABORATÓRIO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E A ATUAÇÃO TÉCNICA NO CURSO DE JORNALISMO

Agora se detalham a estrutura e o uso do laboratório de produção audiovisual para realização de atividades práticas das disciplinas de Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo, descrevendo em seguida a atuação da assistência técnica ligada a tais demandas.

2.3.1 Laboratório de produção audiovisual

Apresentam-se aqui a estrutura e a organização do laboratório de produção audiovisual, bem como o seu uso, apresentando-se a demanda no ano acadêmico letivo de 2019⁵, pelas disciplinas práticas de Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo, conforme registrado na seção de horários e salas do sítio eletrônico (*site*) da FACOM (UFJF, 2019a). Nessa subseção, toma-se o Projeto Político-Pedagógico do curso investigado (UFJF, 2015b) para se descrever a importância desse espaço laboratorial para a formação profissional contemplada nele.

⁵ Com a pandemia de covid-19 e o conseqüente distanciamento social e adoção do ERE, 2019 foi o último ano em que houve a realização de atividades práticas no laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV).

Conforme descrito no PPP do curso em questão, o uso do laboratório e o desenvolvimento de práticas laboratoriais têm por objetivo: “desenvolver conhecimento e habilidades inerentes à profissão” (UFJF, 2015b, p. 13).

Para o recorte desta pesquisa, focou-se no Laboratório de Produção Audiovisual (Estúdio B), o qual foi utilizado para atividades práticas das disciplinas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo, do curso de Jornalismo (Integral e Noturno) no período referido – 2019. Utiliza-se e se reserva esse espaço laboratorial semestralmente (a cada período letivo) para as aulas em que ocorrem as respectivas práticas laboratoriais.

São disponibilizados, no *site* da faculdade, na secretaria e na chamada sala de tráfego (sala técnica), os horários e as respectivas disciplinas que usarão o laboratório de produção audiovisual (estúdio B). O agendamento desse espaço, fora dos horários de uso exclusivo das aulas, é realizado via *e-mail* ou presencialmente na sala de tráfego (local em que se concentra a equipe técnica da faculdade), ficando tudo devidamente registrado em agenda online e em formulários impressos específicos.

A demanda de uso do laboratório, praticamente diária, concentra-se tanto nas aulas práticas (previamente agendadas e reservadas durante o semestre) quanto na realização de atividades práticas solicitadas pelos professores (marcadas tanto previamente quanto de imediato, desde que não haja reserva ou uso para aula).

Tal demanda constante é necessária, uma vez que a formação profissional do curso perpassa obrigatoriamente pela prática, no intuito de embasamento do conhecimento teórico e prático e desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades técnicas e práticas (UFJF, 2015b), característicos das profissões correlatas: jornalista, repórter, produtor, diretor, roteirista, dentre outras. Tudo isso buscando-se o que é descrito por Campos e Rocha (2011, p. 17): “[...] os currículos poderiam partir para as disciplinas laboratoriais, a partir das quais o aluno aplicaria o que aprendeu, realizando a necessária experimentação nos mais diferentes produtos”.

As fotografias a seguir apresentam as diferentes situações de uso do laboratório.

Fotografia 1 – Gravação durante uma aula de Laboratório de Telejornalismo



Fonte: Banco de dados de um funcionário terceirizado da Faculdade de Comunicação, 2019.

Fotografia 2 – Uso da sala de controle em um teste de gravação



Fonte: Banco de dados de um funcionário terceirizado da Faculdade de Comunicação, 2019.

Fotografia 3 – Gravação durante uma aula com o uso de *teleprompter* (teleponto)⁶



Fonte: Banco de dados de um funcionário terceirizado da Faculdade de Comunicação, 2019.

2.3.2 TAEs e terceirizados: apoio técnico-administrativo e atividades práticas

Descreve-se aqui a atuação dos técnicos (TAEs e terceirizados) pertencentes à equipe técnica atuante no apoio às atividades práticas das disciplinas, as quais também serão aqui abordadas. Isso no intuito de se relacionarem as competências e atribuições que os técnicos apresentam com as reais demandas técnicas necessárias para o processo de ensino-aprendizagem envolvido, de acordo com o previsto no PPP (UFJF, 2015b).

A equipe técnica, à qual pertenço ocupando o cargo TAE Assistente de Laboratório, em conjunto com outros dois TAEs, em cargos diferentes (um TAE Operador de Câmera de Cinema e TV e uma TAE Técnica de laboratório – Fotografia/Planejamento Visual), e quatro funcionários terceirizados, exercia, até março de 2020 (antes da pandemia), as seguintes atividades:

- a) assistência (apoio) técnico a alunos e docentes durante a realização de atividades práticas de disciplinas práticas dos cursos de graduação;

⁶ Teleponto é um equipamento que consiste em um monitor espelhado, no qual se exibe o texto a ser lido pelo apresentador por meio de um programa computacional específico.

- b) assistência a demandas de suporte técnico a salas de aula, em relação ao uso e operação de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs);
e
- c) controle de empréstimos de equipamentos e acessórios audiovisuais (câmeras, filmadoras, microfones, cabos de áudio, p. ex.).

Desde minha posse como TAE, no cargo de Assistente de Laboratório, para atuar na FACOM, já tinha a noção de responsabilidade, novidade, desafios e o interesse pela nova profissão, conforme mencionado a seguir:

para Sandro José Lourenço Ferreira, que irá atuar nos laboratórios da Faculdade de Comunicação, a expectativa é de aprender e se desenvolver profissionalmente nesse novo desafio. “É um cargo que vai ter relação direta com professores e alunos. Espero contribuir o máximo com eles, dando suporte para servir os alunos no estúdio e na Faculdade. É tudo novo para mim”, afirma Sandro, que é formado em Química pela UFJF. (UFJF, 2017b, recurso online).

Conforme anteriormente mencionado, ao entrar em exercício, não recebi instrução ou formação específica para a atuação técnica. A minha familiarização com o novo ambiente de trabalho, cercado de equipamentos, acessórios e atividades desconhecidos, foi ocorrendo por intermediação dos funcionários terceirizados que atuavam no estúdio de TV do antigo prédio da FACOM⁷. Eles foram me apresentando e repassando as rotinas das atividades do setor técnico de produção laboratorial de TV (audiovisual). Houve também uma capacitação informal por iniciativa própria, a qual consistiu em eu assistir a videotutoriais para utilização de *softwares* de edição de vídeos, disponíveis na plataforma *YouTube* (autocapacitação), bem como a realizada por meio de instruções dadas pelos colegas terceirizados sobre operação de equipamentos e acessórios audiovisuais (p. ex. filmadoras, câmeras, tripés, iluminadores). Dessa forma, o meu aprendizado no exercício das atividades no cargo seguiu conforme o descrito e citado anteriormente por Coutinho, Diogo e Joaquim (2008), em que se aprende trabalhando.

⁷ Por 28 anos, a Faculdade de Comunicação funcionou em um prédio entre as faculdades de Direito e de Educação. Em março de 2018, o novo prédio da FACOM foi inaugurado, sendo a edificação totalmente destinada à Faculdade de Comunicação (UFJF, 2018c). Ressalta-se que a FACOM foi uma das unidades acadêmicas da UFJF que não aderiram ao REUNI, sendo que sua expansão estrutural com a construção de um novo prédio nada teve a ver com os recursos oriundos do referido programa nacional de expansão das universidades (SILVA, 2013).

Importante destacar aqui o fato de terem sido funcionários terceirizados mais experientes, e não TAEs, os que atuaram como tutores no ensino ao exercício de um TAE recém-empossado em um cargo público. Diante disso, percebe-se uma realidade que não se pode negar: o corpo social da universidade, como já apresentado, é formado por professores, alunos e técnicos (MARTINS; RIBEIRO, 2018), tendo-se os funcionários terceirizados como integrantes deste último grupo. O que é corroborado em “os ingressos dos servidores se dão por meio de concursos públicos baseados em critérios de meritocracia ou ainda por meio de contratação de empresas que terceirizam diversas funções, principalmente, as ligadas às questões mais operacionais” (ARAÚJO; SILVA; DANTAS, 2017, p. 1303).

Conforme apontado por Sirelli (2009), a terceirização da força de trabalho tem sido apoiada pela legislação e legitimada com a Reforma Gerencial de 1995⁸, tornando-se uma medida crescente e supostamente irreversível de gestão da força de trabalho tanto no setor público quanto privado, e que vem sendo confirmado nos sucessivos governos, fortalecendo a terceirização como uma técnica moderna, econômica e um efetivo mecanismo de gestão.

Ainda de acordo com Sirelli (2009, p. 142):

o primeiro gasto com pagamento de contratação de empresa terceira na UFJF ocorreu em 1991, por meio de processo licitatório. As primeiras atividades terceirizadas, conforme dados do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (SIAFI), foram de assistência técnica, limpeza e higienização.

A diversidade de cargos e funções de terceirizados na UFJF foi demonstrada na pesquisa de Sirelli (2009), a qual revelou que, em 2007, havia terceirizados atuando em 91 funções, dentre as quais são mencionadas: técnico em informática, auxiliar de serviços gerais, vigilante, serviços gerais, porteiro, agente administrativo, auxiliar de biblioteca, auxiliar de jardinagem, recepcionista e atendente. Dados mais recentes (UFJF, 2017c) demonstram um número total de 952 terceirizados, tendo-se 7 empresas envolvidas com serviços diversos (motoristas, motociclistas, lavadores

⁸ Reforma iniciada no governo de Fernando Henrique Cardoso com o então Ministro da Administração e Reforma do Estado Bresser Pereira, em que o Estado usa ferramentas gerenciais do setor privado e princípios do neoliberalismo. Uma de suas principais condutas foi o enxugamento da máquina estatal, adotando-se privatizações, publicizações e terceirizações para diminuição no número de servidores públicos. (SIRELLI, 2009).

de veículos, apoio administrativo, técnico e operacional, portaria, limpeza e conservação, vigilância armada, engenharia e conservação).

É válido apontar aqui que a minha função como TAE Assistente de Laboratório, no antigo prédio da FACOM, consistia principalmente em realizar empréstimos de equipamentos e assessorar professores e alunos no uso do estúdio para gravação e também da ilha de edição⁹. Além disso, atuava como apoio técnico nas salas de aula para montagem e operacionalização de TICs (i.e. *notebooks*, projetores, televisores). No início (junho de 2017), também houve uma ajuda no levantamento de preços de equipamentos e acessórios para o laboratório de rádio, para o processo de compras via licitação.

Com a mudança para o prédio novo em 2018, a rotina de trabalho mudou significativamente. No antigo, as atividades funcionais permaneciam mais restritas ao ambiente do estúdio de TV, havendo bem menos demandas para suporte em salas de aula. Como o ambiente do novo prédio era uma novidade para todos (professores, TAEs, terceirizados e alunos) e a sua estrutura permite uma integração maior com os outros setores (secretaria, coordenação, salas de aula, sala de professores), nós da seção técnica fomos bem requisitados para ajustes iniciais e adaptações. Dessa forma, o nosso contato e a nossa interação com professores, alunos, terceirizados bem como com outros TAEs foram intensificados. Conseqüentemente, as demandas de atividades também. Sem mencionar que, até 2017, havia apenas uma turma do curso de RTVI, uma vez que o referido curso começou a ser ofertado em tal ano. A partir de 2018, as turmas e demandas do curso de RTVI foram se ampliando junto às do curso de Jornalismo (Integral e Noturno), o que também nos exigiu maiores esforços e dedicação para o cumprimento e atendimento às necessidades das atividades.

No prédio antigo, o atendimento de empréstimos de chaves para salas e laboratórios era realizado somente na secretaria. Com o prédio novo, tal atividade ficou reservada à sala técnica, na qual também são realizados os empréstimos de equipamentos para alunos. Com isso, nosso trabalho técnico também ficou encarregado desse empréstimo e controle de chaves. Dessa forma, como o prédio é somente da FACOM, qualquer manutenção a ser realizada demanda o

⁹ Uma ilha de edição de vídeo é um computador com todos os componentes e acessórios que tornam possível a edição de vídeos e imagens. Trata-se de uma sala em que há tais computadores destinados a tal atividade.

acompanhamento de um TAE ou de um terceirizado na sua execução, ou seja, mais demandas a serem atendidas por nós técnicos (TAEs e terceirizados).

Um ponto a ser destacado nessa mudança de prédio, de estrutura física e tecnológica, é a conseqüente transição do analógico para o digital de equipamentos e acessórios audiovisuais na montagem do novo estúdio. Particularmente no curso de Jornalismo e no estúdio de telejornalismo (estúdio B), as gravações de telejornais, anteriormente realizadas com antigas filmadoras profissionais e capturadas em fitas magnéticas, passaram a ser realizadas por captação audiovisual em formatos digitais de alta definição por meio de câmeras mais modernas, o que muito facilitou o processo de edição do material, uma vez que diminui o tempo de tal processo, já que o material gravado é transferido para computadores de uma forma bem mais rápida. Por outro lado, a montagem da sala de controle do estúdio ficou comprometida, uma vez que os novos equipamentos exigem uma adaptação tecnológica para que todo o processo de gravação possa ser controlado na sala de corte, como ocorria no estúdio antigo. Tal processo de adaptação ainda se encontra em desenvolvimento, uma vez que demanda ainda adquirir acessórios para que ocorra a montagem por completa do novo estúdio para telejornalismo.

Outro ponto de destaque relativo a essa mudança estrutural e que impacta diretamente a nossa atuação técnica é a distância física existente entre a sala de tráfego e os estúdios. No prédio novo, os estúdios se localizam no térreo, enquanto a sala técnica (de tráfego) e a sala de edição se localizam no primeiro andar. Com essa configuração de espaços de atuação técnica, nós técnicos temos que nos deslocar entre esses pavimentos no prédio, dificultando ainda mais o atendimento às demandas práticas que ocorrem simultaneamente nos diferentes espaços de ensino-aprendizagem (estúdio e sala de edição). No prédio antigo, nós da equipe técnica permanecíamos em um bloco comum, que consistia no espaço do estúdio complementado por um mezanino¹⁰, em que a edição era realizada. A distância a ser percorrida era bem menor (escada para o mezanino), além de haver a possibilidade de visualizarmos do mezanino o que estava sendo realizado no estúdio mesmo estando no mezanino.

¹⁰ Mezanino refere-se a um “pavimento intermediário encaixado entre dois pisos e com acesso interno entre eles. Piso superior que ocupa apenas uma parte da construção, abrindo-se para um ambiente no piso inferior” (MEZANINO, 2021, recurso online).

Até o início da pandemia de covid-19 (março de 2020), nosso atendimento técnico às demandas da FACOM funcionou com a seguinte configuração, constante na Tabela 3:

Tabela 3 – Configuração horária da equipe técnica para o atendimento às demandas da FACOM (até março de 2020)

7 às 13h	Três terceirizados
8 às 12h	TAE Operador de Câmera de Cinema e TV e três terceirizados
12 às 14h	TAE Operador de Câmera de Cinema e TV e quatro terceirizados
14 às 17h	TAE Assistente de Laboratório e quatro terceirizados
17 às 20h	TAE Assistente de Laboratório, TAE Técnica de Laboratório – Fotografia/Planejamento Visual e um terceirizado
20 às 22h	TAE Técnica de Laboratório – Fotografia/Planejamento Visual e um terceirizado
22 às 23h	TAE Técnica de Laboratório – Fotografia/Planejamento Visual

Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

Como se percebe na Tabela 3, um ponto crítico é o fato de, no turno da noite, nossa equipe técnica apresentar menos funcionários (três), para que sejam atendidas às demandas do curso de Jornalismo noturno, além de outras demandas de uso do estúdio para gravações de alunos do curso de RTVI, que normalmente precisam de um uso prolongado do espaço, chegando a ficar até por 8 horas para gravações. No período da noite, além de aulas práticas do curso de Jornalismo noturno e atividades de RTVI, há também eventual uso do estúdio pela Produtora de Mídias, a qual faz parte da estrutura da FACOM, produtora esta que serve como um treinamento profissional para alunos bolsistas.

Com efeito, as atividades práticas necessitam de um alinhamento e real comprometimento com as propostas curriculares de formação técnica e profissional. Ao atuarmos em relação direta com docentes e discentes, um maior e aprofundado conhecimento de como o currículo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e as atividades e demandas no laboratório de produção audiovisual se relacionam é fundamental para o aprimoramento no nosso atendimento às demandas curriculares. Percebe-se assim uma necessidade de promover reuniões

entre docentes e TAEs que sejam profícuas na discussão de propostas e usos de equipamentos e laboratórios em cada disciplina, uma vez que elas não ocorrem em tal unidade acadêmica.

2.3.3 Planejamento curricular e demandas práticas

Finalizando-se esse capítulo descritivo, passa-se agora para um detalhamento da situação-problema observada, apresentando-se evidências que demonstram a falta de planejamento curricular consonante com as demandas práticas existentes. Retoma-se aqui a questão norteadora, a fim de que o capítulo descritivo possa ser encerrado, de forma que propicie uma prévia apresentação do capítulo analítico.

Uma situação-problema percebida, sob minha perspectiva de TAE Assistente de Laboratório, em função na Faculdade desde 2017, é a falta de efetiva conexão entre o planejamento curricular e a estrutura laboratorial existente. Não há um planejamento que detalhe a demanda e utilização de equipamentos ao longo do desenvolvimento das atividades do semestre (período) nas disciplinas práticas, o que pode ser confirmado com a leitura da ata da reunião da Congregação¹¹ da Faculdade de Comunicação, realizada em 5 de março de 2020. Em tal ocasião foi sugerido, por uma professora, um planejamento integrado dos usos, com indicação de equipamentos no plano de atividades do docente e repasse aos departamentos (UFJF, 2020b).

Ainda se tomando o registro em ata da reunião supracitada, percebe-se uma demanda vigente da FACOM em se organizar e normatizar o uso de laboratórios de ensino e o empréstimo de equipamentos, indicando ser uma preocupação conjunta de TAEs, professores e alunos, contexto este que reflete bem no caso de gestão aqui apresentado. Isso porque a atuação do TAE, no sentido de apoio e colaboração no ambiente pedagógico, depende da formalização de regimentos e normas estabelecidas democraticamente, em comum acordo, que possibilitem sua efetiva contribuição. Assim, uma vez que são estabelecidos e formalizados procedimentos e regras, tanto os técnicos quanto professores e alunos sabem quais os seus limites

¹¹ A Congregação é o órgão máximo de deliberação das políticas institucionais no âmbito das unidades acadêmicas, composta por diretor, vice-diretor, professores efetivos, representantes discentes e representantes técnico-administrativos em educação (UFJF, 1999).

de atuação e os dos outros também, possibilitando-se uma maior compreensão e cooperação entre eles. Tudo isso sob uma ótica das organizações, tendo-se a FACOM assumida como tal, em que o preceito de gestão organizacional conhecido por Qualidade de Vida no Trabalho (QVT)

se expressa por um conjunto de normas, diretrizes e práticas no âmbito das condições, da organização e das relações socioprofissionais de trabalho que visa à promoção do bem-estar individual e coletivo, o desenvolvimento pessoal dos trabalhadores e o exercício da cidadania organizacional nos ambientes de trabalho. (FERREIRA, 2015, p. 21).

Também foi evidenciada, na Congregação, preocupação em relação a demandas de cuidados com equipamentos, sua operacionalização, montagem, desligamento e suporte técnico durante eventos¹², aulas, bancas e defesas (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, Mestrado e Doutorado), evidenciando-se “o número reduzido de TAEs na Unidade, sobretudo no atual contexto das IES em relação às contratações de servidores” (UFJF, 2020b, p. 1). E é nesse contexto apresentado que se percebe um acúmulo de demandas técnicas que direcionam na maioria das vezes o trabalho do TAE para cumprimentos puramente técnicos, mecânicos e repetitivos, não propiciando uma integração ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, o qual necessita ser atendido de forma mais efetiva pelos TAEs, tornando-se verdadeiramente um auxílio às atividades de ensino, como destacado por uma discente durante a reunião, auxílio este definido como atribuições gerais dos cargos de TAEs, conforme descrito anteriormente no artigo 8º da Lei nº 11.091/2005 (PCCTAE), em que os verbos planejar, avaliar e organizar são citados além do executar “atividades inerentes ao apoio técnico-administrativo ao **ensino**” (BRASIL, 2005, recurso online, grifo nosso).

Frente ao descrito até aqui, retoma-se a pergunta norteadora da presente pesquisa: como aprimorar a atuação técnica no processo de ensino-aprendizagem no curso de Jornalismo da UFJF? Na busca pela resposta, desenvolveu-se o próximo capítulo no intuito de analisar as causas das principais dificuldades

¹² A FACOM realiza eventos periódicos em seu auditório e em uma sala para eventos (Sala de Demonstração), sobretudo aqueles organizados e promovidos pelo PPGCOM. Há também eventos promovidos pelo Diretório Acadêmico Vladimir Herzog (DAVH). Em 2019, destacaram-se o Encontro Regional de Comunicação (ERECOM) 2019, em novembro (UFJF, 2019b), e o III Simpósio de Literacia Midiática, em junho (UFJF, 2019c).

enfrentadas pela equipe técnica (TAEs e terceirizados) em atender satisfatoriamente ao descrito aqui: o que o PPP do curso de Jornalismo apresenta e prevê em relação à dimensão formativa profissional dos alunos, quais são as atuais atribuições dos técnicos (TAEs e terceirizados) envolvidos nas atividades desenvolvidas no laboratório de produção audiovisual e quais são os respectivos desafios relacionados ao desempenho do papel do técnico em atender às respectivas demandas de ensino-aprendizagem.

3 ATUAÇÃO TÉCNICA NO LABORATÓRIO DE ENSINO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE JORNALISMO

Neste capítulo, apresentam-se conceitos e discussões que contribuem para a análise e discussão dos resultados obtidos com a realização da pesquisa de campo. Tudo isso para se analisar, a partir dos dados obtidos com a pesquisa de campo, as causas das principais dificuldades enfrentadas pela equipe técnica (TAEs e terceirizados) em atender satisfatoriamente ao que foi descrito no capítulo anterior. Na primeira seção, é realizado o detalhamento da metodologia empregada na pesquisa de campo, apresentando-se os instrumentos utilizados – questionários e entrevistas. Também conta com a descrição dos participantes da pesquisa: uma amostra de alunos das turmas de 2019 da disciplina prática de Laboratório de Telejornalismo, quatro docentes das disciplinas práticas de telejornalismo atuantes em 2019 (dois de Telejornalismo e dois de Laboratório de Telejornalismo), dois TAEs e um funcionário terceirizado da equipe técnica da FACOM. Além desses, houve a participação de três TAEs de outras universidades públicas brasileiras (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS).

As quatro seções seguintes apresentam a base teórica, a qual traz colaborações de autores que abordam concepções curriculares, relação entre teoria e prática, formação profissional de jornalistas e gestão pedagógica do processo de ensino-aprendizagem. Tais abordagens teóricas são relacionadas a fundamentos teóricos sobre a utilização de espaços laboratoriais na formação profissional jornalística. E uma vez que tais espaços estão intimamente ligados à atuação técnica e ao ensino-aprendizado, elencam-se também argumentações teóricas quanto às competências e perfis profissionais de servidores técnico-administrativos em IES e a relação de técnicos com o processo de ensino-aprendizagem. E a partir do apresentado, analisado e discutido neste capítulo, desenvolve-se o Plano de Ação Educacional no capítulo seguinte.

3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi adotada uma abordagem qualitativa, uma vez que o caso aqui apresentado se enquadra na descrição de Patias e Hohendorff (2019, p. 2-3):

[...] na pesquisa qualitativa, a realidade é múltipla e subjetiva (Ontologia), sendo que as experiências dos indivíduos e suas percepções são aspectos úteis e importantes para a pesquisa. A realidade é construída em conjunto entre pesquisador/a e pesquisado/a por meio das experiências individuais de cada sujeito (Epistemologia). Sendo assim, os pesquisadores entendem que não há neutralidade e que estão, no processo da pesquisa, influenciando e sendo influenciados pelo que está sendo pesquisado (Axiologia). O raciocínio ou a lógica da pesquisa qualitativa é a indutiva, partindo do específico para o geral. Não se parte de uma teoria específica, mas ela é produzida a partir das percepções dos sujeitos que participam da pesquisa (Metodologia).

A pesquisa se baseou em dados primários obtidos a partir da aplicação de um questionário a alunos e professores e realização de entrevistas com técnicos. Justifica-se a escolha de tais instrumentos de coleta de dados, considerando-se as seguintes vantagens descritas por Maia (2020):

- a) detalhamento das respostas: entrevistas possibilitam que o entrevistado possa se expressar de forma mais clara;
- b) abrangência na obtenção de dados: ao se realizarem entrevistas, há a possibilidade de se obterem respostas com dados mais abrangentes aos temas pesquisados;
- c) maior amostragem: aplicação de questionário possibilita maior número de participantes;
- d) o tempo de realização: aplicando-se questionários, a coleta de dados se dá de forma mais rápida; e
- e) menor inibição dos participantes: por meio do questionário, os respondentes sentem-se mais à vontade, até mesmo pelo anonimato proporcionado, para informar o que, *a priori*, não responderiam em uma entrevista.

Pela proximidade e maior convivência minha com os técnicos, optou-se por realizar entrevistas, uma vez que considerei que o clima de proximidade entre mim,

como entrevistador, e os entrevistados propiciaria de fato **respostas mais detalhadas e obtenção de dados mais abrangentes**. Vale também destacar aqui que a presente pesquisa se fundamenta sob o olhar técnico, uma vez que atuo como TAE na FACOM-UFJF.

Com alunos e professores, decidiu-se pelo questionário, uma vez que o número de alunos foi maior que o de técnicos (**maior amostragem**), o que também levou, obviamente, a **um tempo de realização adequado (coleta de dados mais rápida)**. E para se obter visões de alunos e professores, uniformizou-se um questionário (comum a discentes e docentes), evitando-se que a presença de um entrevistador TAE inibisse as respostas dos participantes (menor inibição do participante).

Previamente à aplicação desses instrumentos de pesquisa, detalhados mais à frente, ocorreu uma primeira etapa para obtenção de dados, que consistiu em um contato meu com TAEs de outras universidades públicas federais atuantes em laboratórios de produção audiovisual de cursos de Jornalismo. Para tanto, foi realizada uma comunicação prévia de forma virtual (*e-mail* e aplicativo de mensagens), solicitando informações acerca da relação entre equipe técnica e docentes, no tocante a planejamento de atividades práticas. Ressalta-se que tal indagação foi realizada textualmente, de forma aberta, flexível¹³.

No dia 14 de setembro de 2020, encaminhei a referida solicitação à caixa de *e-mail* do TAE Operador de Câmera de Cinema e TV (TAE-UFMG) do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG, e o servidor retornou com informações via *e-mail* no dia 19 de setembro de 2020.

No dia 21 de outubro de 2020, encaminhei um *e-mail* solicitando o mesmo ao TAE Técnico Audiovisual (TAE-UFRGS) atuante no Núcleo de Ensino e Produção em Televisão/Estúdio de TV (NEPTV) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS. No mesmo dia houve o retorno com a resposta via *e-mail*.

Por fim, no mesmo dia 21 de outubro de 2020, realizei um contato via aplicativo de mensagens com o TAE Operador de Câmera de Cinema e TV (TAE-

¹³ Os TAEs consultados foram escolhidos de forma aleatória, por meio de pesquisas dos contatos dos respectivos servidores nas páginas institucionais, sendo encaminhados os *e-mails* aos endereços encontrados. Apenas o contato do TAE-UFSC foi pesquisado em rede social, uma vez que não foi encontrada tal informação na página da UFSC.

UFSC) do Laboratório de Telejornalismo (Lab Tele) do curso de Jornalismo da UFSC, uma vez que não encontrei o endereço eletrônico (*e-mail*) do referido servidor. O início da comunicação virtual ocorreu com o mesmo texto de apresentação encaminhado aos outros TAEs contatados via *e-mail*. Em seguida, enviei as perguntas ao TAE-UFSC, obtendo as informações por meio de uma interação síncrona, diferentemente dos outros contatos, que foram por *e-mail*.

A etapa seguinte da coleta de dados consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com dois TAES e um funcionário terceirizado da seção técnica. Em decorrência da pandemia de covid-19 desde 2020, as entrevistas não foram realizadas de forma presencial, respeitando-se as medidas de distanciamento social como forma de prevenção à transmissão da doença. Os entrevistados foram então convidados via *e-mail*, sendo-lhes enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digitalizado, o qual foi assinado pelos entrevistados e pesquisador de forma digital. As entrevistas ocorreram de forma remota por meio da plataforma de videochamada *Google Meet*, seguindo o roteiro de entrevista constante no Apêndice A. As perguntas previstas no roteiro foram elaboradas buscando-se um diálogo do problema pesquisado com o referencial teórico adotado bem como uma apropriação dos resultados para a elaboração e desenvolvimento do Plano de Ação Educacional, ao final desta dissertação. Para tal, as perguntas no roteiro foram ordenadas, dividindo-as em três blocos, a saber:

- a) bloco 1 – currículo, disciplina prática e formação profissional;
- b) bloco 2 – atividades práticas e planejamento; e
- c) bloco 3 – Atuação técnica laboratorial e ensino-aprendizagem.

Os dois TAEs (ora denominados TAE-1, TAE-2) entrevistados pertencem à seção técnica da faculdade, sendo os que ocupam os cargos de Técnico de Laboratório – Fotografia/Planejamento Visual (desde 2017 na FACOM-UFJF) e Operador de Câmeras de Cinema e TV (desde 1992 na FACOM-UFJF). O funcionário terceirizado entrevistado (denominado TCR) pertence à equipe técnica e trabalha na unidade, atuando no suporte técnico há mais de dez anos. Esses técnicos atuam diretamente com as demandas dos laboratórios, uso e empréstimos de equipamentos e acessórios audiovisuais para as disciplinas analisadas, atuando no atendimento a alunos e professores. Essa escolha da amostra da categoria de técnicos, de acordo com o exposto por Maia (2020), procedeu-se de forma não-probabilística, intencional ao objetivo do pesquisador em coletar dados

correspondentes ao recorte realizado na pesquisa: papel do TAE nas atividades relacionadas às atividades práticas de duas disciplinas do curso de Jornalismo da UFJF. Da mesma forma se procedeu a seleção das amostras de alunos e professores, como descrito a seguir.

Na terceira etapa de obtenção de dados, aplicou-se um questionário *on-line* (ver Apêndice B) a docentes e a discentes. Foi encaminhado, aos *e-mails* de 4 professores e de 62 alunos, um texto de convite, contendo o *link* do questionário para participação na pesquisa. Como respondentes, obtiveram-se os quatro professores e 18 alunos, dos contatados. Da mesma forma das entrevistas com os técnicos, as questões foram formuladas de forma a permitir um diálogo do problema pesquisado com o referencial teórico utilizado e uma apropriação dos resultados para a elaboração e desenvolvimento do PAE. Sendo assim, o questionário foi elaborado de forma a abranger os seguintes blocos temáticos:

- a) bloco 1 – Currículo (teoria e prática), ensino, formação e profissão de Jornalismo (questões A, B, C);
- b) bloco 2 – Gestão e prática pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem (questões D, E, F);
- c) bloco 3 – Espaço Laboratorial e formação profissional (questões G, H, I);
e
- d) bloco 4 - Atuação técnica e o processo de ensino-aprendizagem (questões J, K, L).

A amostra de docentes respondentes aos questionários foi composta por:

- a) dois docentes que lecionaram a disciplina Telejornalismo (pré-requisito de Laboratório de Telejornalismo) em 2019; e
- b) dois outros professores que ministraram a disciplina Laboratório de Telejornalismo também em 2019.

Os alunos selecionados para responderem aos questionários foram os que cursaram a disciplina Laboratório de Telejornalismo do curso de Jornalismo em 2019 (duas turmas do Integral e uma do Noturno), os quais já haviam cursado a disciplina Telejornalismo em período anterior. Tal seleção amostral representa a busca por uma representatividade de alunos que tiveram um contato mais recente com as aulas das duas disciplinas em questão, uma vez que em 2020 e 2021 não houve a realização de atividades práticas no laboratório em decorrência da suspensão de aulas presenciais devido à pandemia de covid-19.

O caso de gestão desta pesquisa envolve interações cotidianas entre alunos, professores e técnicos de uma universidade. Esse cenário justifica a abordagem qualitativa realizada com os instrumentos selecionados, dado que por meio dos questionários e das entrevistas se é possível obter testemunhos e relatos que representam “o que as pessoas dizem que sentem, fazem, pensam... (não exatamente o que sentem, fazem ou pensam)” (MAIA, 2020, p. 16). Portanto, como também apontado pela autora, as respostas obtidas podem não representar exatamente a realidade, contudo “isso não invalida nossa pesquisa, apenas é um fato que o pesquisador não deve ignorar” (MAIA, 2020, p. 16).

No mesmo sentido dessa constatação de aproximação do pesquisador com o caso pesquisado e sua relação com os participantes, é válido aqui destacar o descrito por André (2013, p. 97):

as abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. Assim, o mundo do sujeito, os significados que atribui às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais constituem os núcleos centrais de preocupação dos pesquisadores. Se a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações.

Dessa forma, para se responder “**como aprimorar a atuação do TAE no processo de ensino-aprendizagem no curso de Jornalismo da UFJF?**”, a pesquisa necessitou de uma metodologia e uma abordagem que não ignorassem a subjetividade envolvida. O fato de eu, como pesquisador, estar em contato direto com os participantes, “construindo e transformando a realidade” a ser investigada, exige que o preparo, a construção e a aplicação e realização dos questionários e entrevistas garantam “credibilidade e autenticidade”¹⁴ na posterior interpretação dos dados obtidos.

Buscou-se, dessa forma, o rigor metodológico expresso por André (2013, p. 96):

¹⁴ Nas palavras de Patias e Hohendorff (2019, p. 7): “a ‘credibilidade’ e a ‘autenticidade’ dizem respeito ao esforço do/a pesquisador/a para garantir que a sua interpretação dos dados está de acordo com a realidade refletindo os significados e experiências dos participantes”.

na perspectiva das abordagens qualitativas, não é a atribuição de um nome que estabelece o rigor metodológico da pesquisa, mas a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. Isso sim é importante, porque revela a preocupação com o rigor científico do trabalho, ou seja: se foram ou não tomadas as devidas cautelas na escolha dos sujeitos, dos procedimentos de coleta e análise de dados, na elaboração e validação dos instrumentos, no tratamento dos dados. Revela ainda a ética do pesquisador, que ao expor seus pontos de vista dá oportunidade ao leitor de julgar suas atitudes e valores.

Levando-se em consideração tais aspectos metodológicos de caráter qualitativo, as seções seguintes trazem uma análise e discussão dos resultados obtidos com a realização da pesquisa de campo, fundamentando-se no referencial teórico pesquisado, além de legislações pertinentes.

3.2 CURRÍCULO (TEORIA E PRÁTICA), TECNOLOGIAS E ENSINO, FORMAÇÃO E PROFISSÃO DE JORNALISMO

Esta seção aborda as concepções curriculares de Bloom *et al.* (1979), com enfoque na importância da relação existente entre teoria e prática. Será trazida a relação dos conceitos de Bloom com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado (BRASIL, 2013). Tal documento foi o estruturador do PPP (UFJF, 2015b) do curso investigado. Tem-se também uma discussão conceitual quanto a currículo e ensino do Jornalismo, trazida por Schuch (2002), Campos e Rocha (2011) e Bernardo e Leão (2012). Os argumentos teóricos sobre ensino, formação e profissão de Jornalismo, bem como sobre a influência das tecnologias nestes, são abordados com as discussões e análises apontadas por Costa (2008), Silva (2008), Oliveira (2011), Dias (2012), Souza, Rocha e Gadini (2012), Silva (2013), Horn, Dias e Costa (2015), Nogueira, Rocha e Maia (2015), Daher e Porto Junior (2017), Aguiar, Gomberg e Aucar (2018) e Silva e Mattos (2018). Nessa seção também se aborda a questão da não obrigatoriedade de diploma para o exercício profissional jornalístico, trazendo-se abordagens de Primo (2010), Mick (2012), Silva e Moura (2012), Bernardo e Leão (2013) e Pereira e Maia (2016).

Um dos objetivos da presente pesquisa é propor ações dos técnicos envolvidos nas atividades de disciplinas práticas de Telejornalismo, envolvendo principalmente a proposta curricular de formação profissional jornalística. Visto isso, os estudos de Bloom *et al.* (1979) são consideravelmente úteis na busca de tal objetivo, uma vez que a taxionomia

[...] deverá ser uma fonte de estímulos para a reflexão sobre os problemas educacionais. Deverá auxiliar os pesquisadores educacionais em sua tarefa de formular hipóteses a respeito dos processos de aprendizagem e de mudança nos alunos [...]. (BLOOM *et al.*, 1979, p. 19).

A busca de compreensão das propostas curriculares do curso de Jornalismo quanto à formação profissional está intimamente relacionada à busca do entendimento da descrição do currículo em si, como nos apontam Bloom *et al.* (1979, p. 10):

[...] as descrições de currículos estão assentadas em bases diferentes, tais como descrições do comportamento do professor, dos métodos de ensino e do comportamento esperado do aluno. Na qualidade de especialistas em avaliação e pesquisadores educacionais, os principais fenômenos de nosso interesse são as mudanças que ocorrem nos indivíduos, resultantes de experiências educacionais. Estas mudanças podem ser representadas pelas exposições globais dos objetivos de uma unidade educacional ou pela descrição real dos comportamentos do aluno que são considerados adequados e relevantes para os objetivos.

Campos e Rocha (2011) mencionam em seu artigo como os estudos de Bloom sobre currículo se fazem presentes nas legislações do Ministério da Educação, contextualizando com os currículos de Jornalismo:

é possível perceber que a legislação do Ministério da Educação (MEC) tenta contemplar uma taxionomia de objetivos educacionais pensada nas seis classes principais de Bloom: **conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação**. Infelizmente, porém, nem todos os currículos de Jornalismo estão estruturados de tal modo que no primeiro termo os estudantes possam ter disciplinas que favoreçam o **conhecimento**, levando-se em conta as deficiências do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio, principalmente, a falta de reflexão e de pensamento crítico. Só na sequência é que deveriam vir as disciplinas voltadas à **compreensão** dos fenômenos, pois é clássico que só quem conhece

pode compreender. Vencidas essas duas etapas, os currículos poderiam partir para as disciplinas laboratoriais, a partir das quais o aluno **aplicaria** o que aprendeu, realizando a necessária experimentação nos mais diferentes produtos. Auxiliado pelas disciplinas dessa fase, o jovem estaria pronto para aprender a **analisar** o que produziu, desenvolvendo, também, uma visão de conjunto sobre a realidade à sua volta. Agora ele estaria apto a **sintetizar** o conhecimento, incorporando sua visão de mundo, seu olhar próprio, sua construção crítica. No fim do curso, então, sim, o estudante passaria por disciplinas que favoreceriam uma **avaliação** do todo aprendido, percebendo a complexidade dos sistemas de comunicação e do mundo em geral, tomando noção de que é preciso gerir o processo, gerir, inclusive, o próprio texto, o próprio espaço, dentro da engrenagem comunicativa, dentro das equipes de trabalho, percebendo o todo, o conjunto, as interdependências inerentes ao processo. (CAMPOS; ROCHA, 2011, p. 18, grifo nosso).

Portanto, as experiências educacionais das atividades práticas das disciplinas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo muito indicam se os objetivos curriculares estão sendo alcançados, uma vez compreendidas como a aplicação dos aprendizados dos alunos. Isso corrobora a necessidade de um adequado envolvimento dos técnicos para maior conhecimento e consciência dos objetivos de tais atividades de aprendizagem.

As falas seguintes, retiradas de trechos das entrevistas com TAE-1 e TCR, retratam uma concepção de currículo, partindo-se da análise da relação que ocorre entre as disciplinas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo:

[...] no Telejornalismo, os alunos, eles vão ter uma... um aprendizado mais básico, mais estrutural, pra que eles entendam a linguagem, né? Os processos, como funciona toda a produção em Telejornalismo. Pra laboratório em telejornalismo, eles já atuarem muito mais independentes, né? E comecem até experimentar a linguagem e conduzirem aquele aprendizado anterior, né? Dentro de um programa, de um telejornal, programa de TV, né? Então eles vão ter que conduzir aquele aprendizado anterior que eles trazem de Telejornalismo. Isso é que eu entendo assim [...] do currículo. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

[...] foi no novo currículo¹⁵, que teve essa disciplina (Telejornalismo) [...] Aí tipo assim, antes dessa disciplina (Telejornalismo) [...] eu noto que os alunos chegavam bem mais “crus” assim no “Mergulhão” (Laboratório de Telejornalismo), sabe? Eles chegavam no “Mergulhão” assim [...] não tinha aquela visão geral do que que era

¹⁵ Refere-se ao currículo implementado em 2015 na FACOM-UFJF, após o processo de reforma curricular descrito na seção 2.2 do capítulo descritivo, seguindo as mudanças trazidas pelas novas DCN para o curso de Jornalismo.

você pegar uma câmera [...] de pegar uma câmera, saber colocar uma câmera no tripé, enquadrar, usar um (microfone de) lapela [...] e sair pra externa¹⁶ com equipamento. [...] pegava mais era no “Mergulhão”, que eles chegavam já cru de tudo. E não tinham essa noção. A partir [...] dessa disciplina do currículo novo [...] aí já mexia com parte de ir pra rua, de fazer enquadramento, de usar lapela [...] de edição mesmo [...] alguns ia pra rua, pegava os equipamentos, voltavam com [...] os arquivos (de vídeo) [...] editava. E tudo assim, lidava de frente com a gente mesmo, né? Era com a gente mesmo. Ia pra dentro do estúdio também, fazia algumas gravações no estúdio, algumas cabeças¹⁷ [...] usava a parte do *chroma key*¹⁸ também. Bem semelhante ao “Mergulhão” de TV mesmo. A partir desse currículo novo, eu acho que foi um grande aprendizado pros alunos em geral, né? Porque deu pra notar, assim, uma melhoria muito grande [...] não chegavam tão cru no “Mergulhão” de TV. Já chegavam sabendo, né? Aí assim, eu acho que teve uma melhoria muito grande pros alunos nessa parte [...] de preparar o pessoal pro “Mergulhão” de TV [...] Eu acho que foi fundamental [...] Aí tipo assim, a disciplina (Telejornalismo) [...] parece que é aquela coisa de preparativo, né? (TCR. Entrevista realizada em 30 de março de 2021).

Essa associação entre as disciplinas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo trazida pelas falas de TAE-1 e TCR nos remete a uma concepção de currículo de acordo com as ideias trazidas no texto de Campos e Rocha (2011, p. 17):

basicamente, trata-se de organizar os currículos de modo que as disciplinas obedeçam a uma determinada lógica de aprendizagem, de tal maneira que uma matéria conduza a outra, em um encadeamento crescente, que parte do mais simples para o mais complexo, gradualmente.

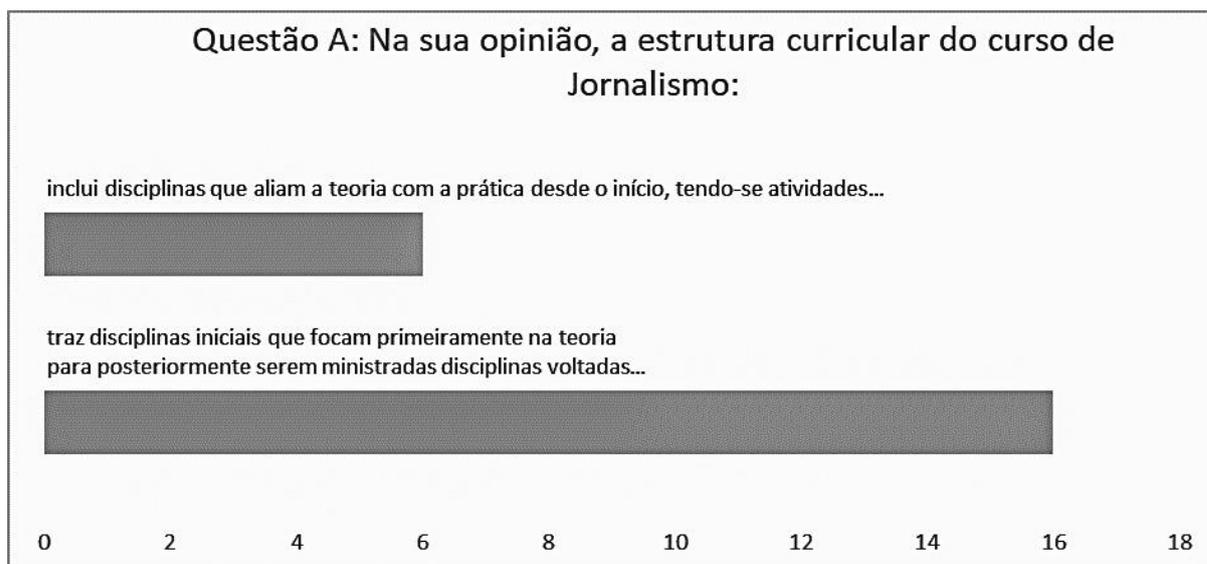
Também em consonância com esse entendimento de currículo, tem-se a opinião de dois alunos e da totalidade dos professores (quatro), respondentes ao questionário aplicado, de que o currículo do referido curso inclui disciplinas que aliam a teoria com a prática desde o início, tendo-se atividades práticas mais simples nos períodos iniciais do curso e mais complexas ao decorrer dos períodos, conforme observado no Gráfico 1.

¹⁶ Gravação fora de um estúdio.

¹⁷ Gravações em que apresentadores informam o telespectador, durante o telejornal, qual reportagem será exibida a seguir.

¹⁸ Efeito de edição que consiste em inserir uma imagem, por exemplo um cenário de telejornal, sobre outra através da anulação de uma cor padrão – como, por exemplo, o verde.

Gráfico 1 – Respostas à questão A do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Esta perspectiva se afina com a conclusão suscitada por Campos e Rocha (2011), de que é preciso oferecer, logo de início, aos alunos de Jornalismo

[...] disciplinas que aliem, ao mesmo tempo e não separadamente, teoria (porque precisa de embasamento teórico; precisa aprender a pensar criticamente) e prática (mesmo que, nos dois primeiros termos, seja uma prática mais simples, mais fluída, quase um convite ao envolvimento com o Jornalismo naquilo que ele tem de mais concreto que é o fazer jornalístico propriamente dito). (CAMPOS; ROCHA, 2011, p. 37).

Esse conceito de currículo é consonante com o intuito de se investigar duas disciplinas que envolvem práticas laboratoriais, ou seja, contam com o apoio técnico, e que são complementares. Apesar de as disciplinas pesquisadas nesta presente dissertação não serem ofertadas no início do curso, Telejornalismo é pré-requisito curricular de Laboratório de Telejornalismo. A partir das respostas obtidas e dos argumentos teóricos apontados anteriormente, pode-se perceber o quão é importante que todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem busquem um constante acompanhamento, reflexão e compreensão da evolução no ensino-aprendizado. Tal percepção por parte da equipe técnica propiciará uma conseqüente atuação técnica mais consciente e mais colaborativa para tal proposta curricular.

Também a partir da aplicação do questionário a alunos e professores, constatou-se que, para a maioria dos alunos respondentes (16 dos 18), a estrutura

curricular do curso de Jornalismo da FACOM/UFJF traz disciplinas iniciais que focam primeiramente na teoria para posteriormente serem ministradas disciplinas voltadas para a prática (ver Gráfico 1). Essa visão de currículo se aproxima àquela em que se percebe uma dicotomia entre teoria e prática:

[...] uma disciplina expositiva, que não utiliza laboratório, é uma disciplina “teórica” (e essa é típica da parte geral, para todas as habilitações), enquanto que uma disciplina com suporte em equipamentos é uma disciplina “prática” ou “técnica” (e essa é típica da parte específica, profissionalizante). (SCHUCH, 2002, p. 93).

Nota-se assim que, para a maioria dos alunos participantes da pesquisa, a estrutura curricular do curso de Jornalismo da FACOM-UFJF segue a tendência de não superação da separação entre teoria e prática, separação esta que afasta o ensino de Jornalismo da suficiência abordada por Schuch (2002, p. 94):

um ensino suficiente é aquele que direciona a carga total do currículo para a formação em jornalismo, com todos os conteúdos focados para o desempenho profissional – neste caso, não há disciplinas sem conexão com a profissão, nem divisão entre disciplinas “teóricas” e “práticas”, mas apenas disciplinas. Para a suficiência deste ensino, como em qualquer outro curso universitário, o aluno deve iniciar sua formação já nas primeiras disciplinas e, cumprindo o currículo, agregar conhecimento acadêmico-profissional. A teoria e a prática não são decididas a priori, mas obedecem à natureza dos conteúdos. Há disciplinas teóricas (expositivas), e disciplinas teórico-práticas, mas não é possível uma disciplina “puramente prática”, porque sempre haverá a aplicação de conhecimento, aprendido teoricamente.

Além dos argumentos teóricos acima citados, toma-se a pesquisa de Bernardo e Leão (2012), realizada a partir de análises curriculares de cursos de Jornalismo no Brasil, a qual aponta que a preocupação com a integração teoria/prática deve ser um critério fundamental para se entender a relação entre as atividades práticas e o aporte teórico. Com base no conhecimento e entendimento dessa relação, pode-se refletir melhor sobre a atuação da equipe técnica na realização de atividades práticas, as quais estão intimamente relacionadas na aproximação da teoria com a prática.

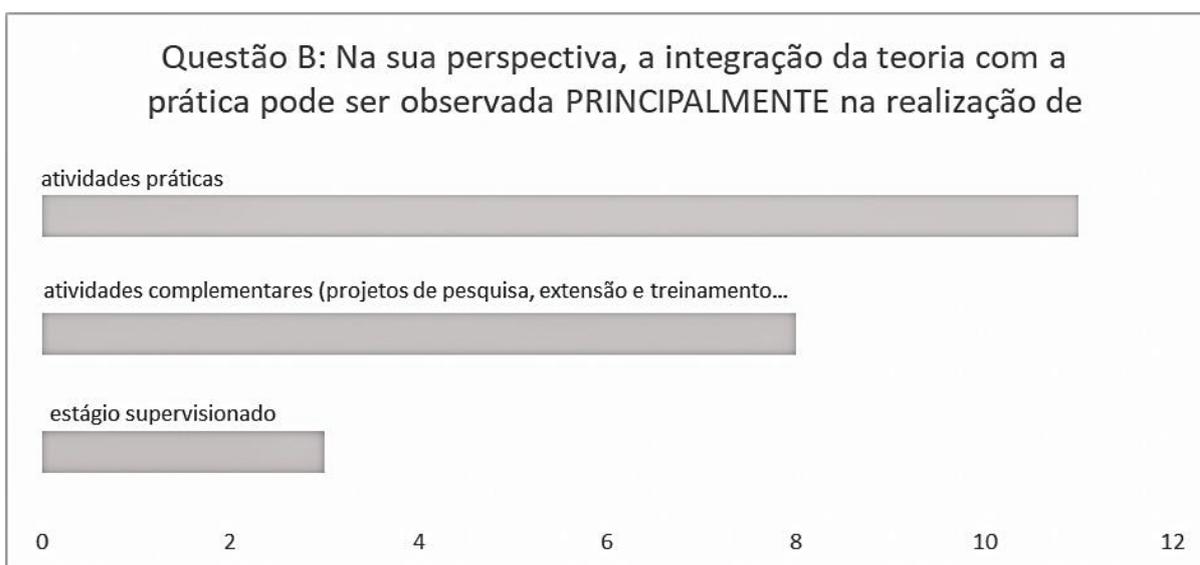
A estrutura curricular nacional aproxima-se muito do currículo ministrado na região Sudeste do país, até por esta região apresentar o maior número de habilitações em Jornalismo do Brasil.

As disciplinas voltadas para a prática sobrepõem o Conhecimento e Compreensão e a Síntese em mais de 50%. O mais grave é que, assim como na análise de cada região, não há um equilíbrio com a Síntese ou um espaço para uma integração entre teoria e prática. (BERNARDO; LEÃO, 2012, p. 272-273).

Uma vez que o Jornalismo “não se caracteriza em uma relação dicotômica e sim complementar entre teoria e prática” (SOUZA; ROCHA; GADINI, 2012, p. 25), é necessário que o papel da equipe técnica, no curso de Jornalismo, relacione-se de forma colaborativa para essa aproximação e complementaridade. Essa colaboração técnica se concentra no envolvimento da realização de atividades práticas. Sendo assim, é fundamental saber como tais atividades práticas são percebidas pelos professores e alunos nessa associação da teoria com a prática.

A partir das respostas ao questionário aplicado, observou-se que para a maioria dos professores (3 dos 4 respondentes) as atividades práticas são a principal forma de integração da teoria com a prática. O outro docente associou tal aproximação a atividades complementares (projetos de pesquisa, extensão e treinamento profissional). Já entre os alunos, a opinião dividiu-se entre atividades práticas (8 das 18 respostas) e atividades complementares (7 das 18 respostas) como principais meios de unir teoria e prática. Por fim, apenas três alunos conferiram a associação teórico-prática ao estágio supervisionado.

Gráfico 2 – Respostas à questão B do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

As falas a seguir, uma de cada técnico entrevistado, contextualizadas na realização das atividades práticas no estúdio de TV, indicam uma perspectiva de que elas são uma forma legítima de buscar a integração da teoria com a prática:

Fala 1: “[...] eu entendo muita coisa na prática, né? Se você vê aí, eu de prática entendo. Mas como é que você faz uma prática sem você ter uma teoria? [...] Tem que ter a teoria, entendeu? [...]” (TCR. Entrevista realizada em 30 de março de 2021);

Fala 2:

Não tem como você possibilitar uma formação em Jornalismo sem oferecer essa estrutura técnica e essa atuação ali, né? [...] Não só em termo de aprendizado quanto de experimentação. E envolvendo esse tripé da universidade, né? Ensino, pesquisa e extensão. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Fala 3: “[...] tem que ter essa interação entre os técnicos, entre a técnica e a teoria, ela tem que acontecer” (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

Destacam-se dessas falas as visões de uma prática dependente da teoria (Fala 1), de uma prática (experimentação) unida à teoria (aprendizado) para uma formação em Jornalismo (Fala 2) e de uma prática (técnica) interativa com a teoria

(Fala 3). A Fala 2, ao mencionar os objetivos institucionais da universidade (ensino, pesquisa e extensão), aproxima-se da perspectiva de um dos professores e de sete alunos respondentes ao questionário de que atividades complementares (projetos de pesquisa e de extensão) são a principal forma de aproximação teoria/prática.

Considerando-se tal percepção dos participantes desta pesquisa e a importância da prática na formação jornalística apontada por Souza, Rocha e Gadini, (2012), as atividades práticas, consideradas pela maioria dos professores como principal forma de integração da teoria com a prática, especificamente as atividades práticas em telejornalismo, objeto da presente pesquisa, devem receber os adequados apoio e suporte técnicos para somar forças na superação da falta de sintonia entre a academia e o exercício da profissão, descrita pelos autores supracitados: “o que se percebe, de maneira geral, é que não há uma sintonia entre a academia e o exercício da profissão, é como se fossem duas esferas independentes: os pragmáticos e os teóricos” (SOUZA; ROCHA; GADINI, 2012, p. 27-28). Tendo-se isso com o objetivo de os alunos saírem da universidade em condições de ingressar no mercado de trabalho de forma satisfatória: “além do conhecimento teórico e da profissão, o aluno quer sair da universidade em condições de ingressar no mercado de trabalho” (SOUZA; ROCHA; GADINI, 2012, p. 30). Quanto à relação entre atividades práticas laboratoriais e formação profissional em Jornalismo, a seção 3.4 aprofundará tal assunto.

Tendo-se em vista que as atividades complementares (projetos de pesquisa e de extensão) foram apontadas por boa parte dos alunos e por um dos professores participantes da pesquisa, é válido trazer aqui o seguinte apontamento de Nogueira, Rocha e Maia (2015):

a extensão, assim como o ensino e a pesquisa, compõe a base da universidade. No debate atual, busca-se superar a ideia de extensão universitária reduzida às práticas assistencialistas e caracterizá-la como uma função acadêmica, no mesmo patamar do ensino e da pesquisa, relacionando a produção do conhecimento com a realidade social. Nesse sentido, a extensão vai além de uma atividade complementar, **aliando teoria e prática**, o ensino e a pesquisa que alicerçam a formação profissional e humanística na universidade [...]. (NOGUEIRA; ROCHA; MAIA, 2015, p. 303-304, grifo nosso).

Não se pode, portanto, ignorar a importância de tais atividades complementares que, a exemplo da extensão tratada no texto das autoras acima

mencionadas, são fundamentais para que os objetivos da universidade sejam alcançados e conseqüentemente todos os envolvidos na educação superior reconheçam a potencialidade que projetos de pesquisa e atividades extensionistas, bem como treinamento profissional, possuem na integração da teoria com a prática, fortalecendo-se ainda mais a formação profissional almejada.

Sendo assim, as atividades de ensino práticas em telejornalismo podem certamente ser fortalecidas pela promoção e realização das atividades complementares que se conectem diretamente na realização das práticas em estúdio. Aliando teoria e prática, atividades complementares, a exemplo da extensão, representam mais do que um complemento do ensino, como indicado por Nogueira, Rocha e Maia (2015). Ademais, há a possibilidade de a equipe técnica se envolver diretamente com tais atividades complementares, a exemplo dos programas de Treinamento Profissional, nos quais os orientadores podem ser TAEs (UFJF, 2019d), e projetos de extensão em interface com a pesquisa, em que TAEs também podem apresentar propostas de projetos (UFJF, 2021f).

Já no caso do estágio supervisionado, apontado por três alunos, respondentes ao questionário aplicado, como forma principal de integrar teoria e prática, não há a mesma viabilidade da participação técnica. Em decorrência da limitação da participação técnica, o estágio supervisionado não será aqui considerado, uma vez que este se centraliza em orientação docente e/ou profissional da área (UFJF, [2020c]).

Em prosseguimento na discussão sobre ensino e formação em Jornalismo, é imprescindível abordar aqui como o cenário digital afeta a atuação profissional jornalística e conseqüentemente a formação profissional. Nesse sentido, Silva e Mattos (2018) apontam:

o jornalismo se introduz no ambiente digital criando uma nova modalidade, entretanto os seus princípios e fundamentos continuam com a mesma percepção desde o seu desenvolvimento no mercado de trabalho. Os fundamentos do Jornalismo são a pesquisa de coleta de dados, investigação e apuração dos fatos. Portanto, com o advento da internet isto permanece, apenas ocorre uma reconfiguração da profissão e de seus profissionais, que buscam novos métodos de fazer Jornalismo de acordo com as novas adaptações impostas. (SILVA; MATTOS, 2018, p. 8).

O seguinte trecho da entrevista com o TAE-2 ajuda na reflexão do apresentado por Silva e Mattos (2018):

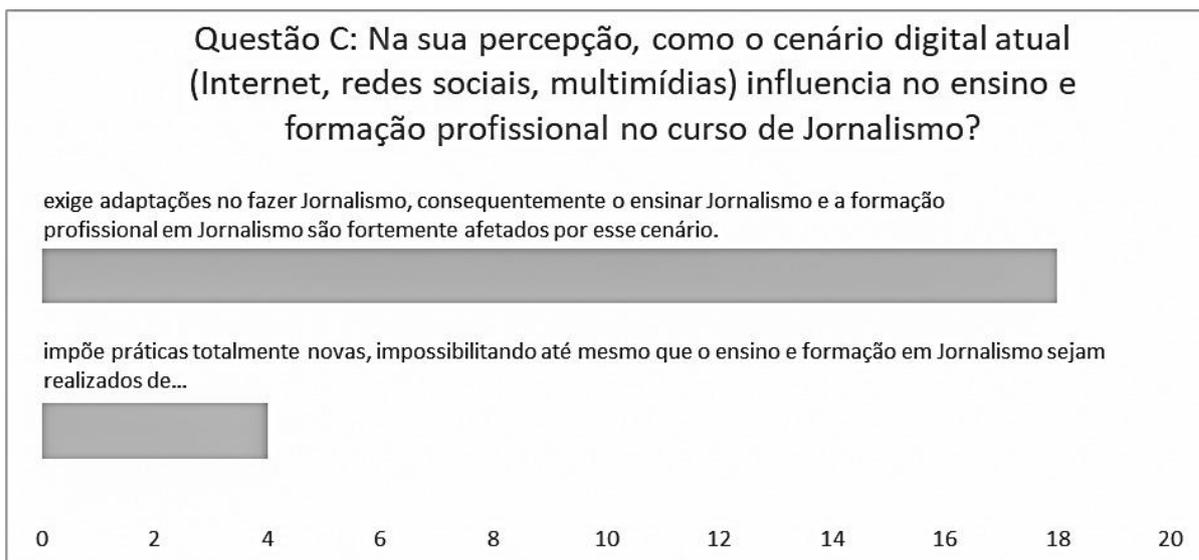
de 2018 pra cá, [...] eu tive uma atuação bem menor no estúdio de TV, tá? Eu fiquei mais concentrado na sala, na parte de empréstimo (de equipamentos e acessórios audiovisuais), né? E obviamente ajudei alguma coisa o TCR, o T. I.¹⁹ Talvez o T. I. tem mais [...] atuação, né? Ele, como na parte de informática, ele tenha tido muito mais atuação do que eu lá. Até porque a área de informática, ela dominou, né? [...] Aquilo que se falava [...] quando [...] todos os processos analógicos estavam caindo em desuso, em que a tecnologia digital tava começando a entrar definitivamente, né? [...] Todos direcionamentos, toda essa configuração, se fosse colocada num dispositivo, no caso a Internet, por exemplo [...] é um veículo de divulgação de todas as mídias que você possa imaginar, né? Texto, som, imagem, enfim [...] isso se voltou mais [...] pra área do T. I. [...] o T. I. tenha tido muito mais acesso ao estúdio de TV, ainda que seja pra configurar equipamento e tal e tal. **Mas o fazer jornalístico, ele continua de uma forma [...] bem próxima do que era [...] quando eu fazia a parte de edição [...] edição linear, né? Com [...] as fitas de videocassete.** (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

A partir do referencial teórico citado e dessa fala do técnico entrevistado, pode-se identificar o impacto que o cenário digital causa no ensino e formação jornalísticos. A presença da Tecnologia da Informação (TI) se tornou e se torna cada vez maior nos laboratórios e especificamente no estúdio de TV, laboratório ora investigado. O TAE-2 relata a sua menor participação nas atividades desenvolvidas no estúdio de TV, em decorrência da necessidade de um profissional específico da área tecnológica. Contudo, aponta que o fazer jornalístico em si não é tão fortemente afetado por tais mudanças, convergindo para o apontado por Silva e Mattos (2018), citado anteriormente, em que indica que os fundamentos do Jornalismo permanecem apesar das mudanças tecnológicas.

Analisando-se as respostas obtidas pela aplicação do questionário, observou-se que, para todos os professores e para a maioria dos alunos respondentes (14 dos 18 participantes), o cenário digital atual exige adaptações no fazer Jornalismo. Consequentemente, o ensinar Jornalismo e a formação profissional em Jornalismo são fortemente afetados por esse cenário.

¹⁹ Funcionário terceirizado da faculdade, responsável pela área de Tecnologia da Informação.

Gráfico 3 – Respostas à questão C do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Percebe-se o alinhamento das respostas de alunos e professores com as ideias de que “o avanço das tecnologias de informação e comunicação, a internet e as redes sociais modificaram a forma de fazer Jornalismo” (SILVA; MATTOS, 2018, p. 1), de que “é indiscutível o impacto que a internet e as ferramentas associadas a ela causaram no exercício jornalístico e, conseqüentemente, em seu ensino” (COSTA, 2008, p. 14) e de que “as alterações que as tecnologias digitais introduziram nas práticas jornalísticas levantaram uma necessidade de reformular os processos de formação dos profissionais da classe” (SILVA, 2008, p. 59).

Para a discussão da influência tecnológica, do cenário digital, e corroborando a análise acima discorrida, são trazidos os seguintes trechos das entrevistas com os técnicos TAE-2 e TCR²⁰, nos quais são descritas situações que impactaram a realidade na FACOM, afetada pelas mudanças e adaptações tecnológicas:

quando o analógico foi começando a perder espaço, o digital começou a entrar, as pessoas começaram a ficar com medo. “Ah, o que que é isso? Que ferramenta que é essa? Eu não vou nunca saber fazer isso!” [...] Então assim, pra muitos [...] foi até um pouco difícil [...] avançar [...] do ponto de apenas ligar o computador. Porque a partir do momento que a tela acendia e as coisas

²⁰ TAE-2 e TCR são participantes entrevistados que acompanharam o período mais significativo na transição do analógico ao digital na FACOM-UFJF.

apareciam, a pessoa já não sabia mais o que fazer [...] então, eu acho que foi um “divisor de águas”, cara. Eu acho que foi um “divisor de águas” bastante legal. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

Nesse trecho, é destacado o impacto da transição do analógico ao digital, tão cara ao Jornalismo, sendo uma das mudanças mais drásticas no campo do fazer jornalístico nas três últimas décadas (AGUIAR; GOMBERG; AUCAR, 2018). O que o entrevistado chamou de “divisor de águas” reflete bem o que o cenário digital representou e ainda representa no processo de ensino-aprendizagem em Jornalismo: “as tecnologias digitais continuam impondo desafios constantes aos processos de ensino-aprendizagem, sobretudo na direção de subverter os modelos tradicionais da sala de aula com integrações interdisciplinares e aberturas teóricas inovadoras” (AGUIAR; GOMBERG; AUCAR, 2018, p. 12).

E o estúdio de TV, que eu achava bastante bom o estúdio de TV²¹: em tamanho, em qualidade [...] das coisas que existiam lá para o aprendizado dos alunos. Mesmo [...] o serviço público não acompanhando a tecnologia que era adotada nas emissoras de televisão [...] O fazer jornalístico, né? Ou telejornalístico, era mais importante do que a qualidade final da imagem, né? Então, você aprender bem fazer uma passagem²², um *off*²³ [...] uma apresentação ao vivo, enfim [...] tudo era, pra mim, na minha visão, era muito mais importante do que necessariamente o suporte²⁴, né? Que você ia capturar²⁵ isso aí. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

Nessa fala, o TAE-2 chama a atenção para a boa estrutura do estúdio de TV do prédio antigo da FACOM que, apesar de não ter nível tecnológico no mesmo nível de emissoras de televisão, permitia o ensino e aprendizado necessários para que o fazer jornalístico fosse garantido.

A partir do momento que migrou pra edição não linear²⁶, aí não, beleza, qualquer *notebook* [...] Facilitou, melhorou [...] Por isso é que

²¹ Refere-se ao estúdio do prédio antigo da FACOM.

²² Termo utilizado para definir a gravação de um repórter falando diretamente com os telespectadores durante uma reportagem.

²³ Texto narrado por um repórter, locução coberta por imagens.

²⁴ Material tecnológico (equipamentos e acessórios audiovisuais).

²⁵ Obter material audiovisual.

²⁶ Edição audiovisual digital em que, por meio de programas computacionais editores, consegue-se selecionar trechos de vídeo e áudio para a edição sem ter que se percorrer

a gente aprendeu a editar no (cita nomes de programas computacionais de edição audiovisual). Aí assim, editava. Tinha três, quatro programa lá. A gente tinha que aprender a editar nos três programa diferente (sic). Porque tinha um aluno que tinha uma máquina (computador) boa, ele instalava o (cita o nome de um programa computacional de edição audiovisual) e pronto. Aí tinha outro (aluno) que tinha uma máquina mais ou menos, ele instalava. Aí tipo assim, eu acho que isso foi uma parte legal dessa migração [...] do analógico pro digital, porque tirou um pouco o aluno do comprometimento dele [...] com a universidade. Tudo era na universidade. Tudo era no estúdio. Dava briga por causa de ilha (de edição) no estúdio. Sabe? [...] A tecnologia é uma coisa muito interessante, porque o pessoal depois não queria aprender mais [...] o não linear. Aprendeu a editar no não linear, não queria mais o linear [...] É gostoso você editar no linear, mas aí você precisava de fita DVCPRO²⁷. Quanto que é uma fita? [...] Quanto que é uma fita DVCPRO? Você nem acha no mercado [...] Aí tipo assim, pra você poder gravar um “*offzinho*”²⁸, que hoje você grava no celular, né? Antigamente você tinha que pegar lá, ter uma mesa de áudio, só pro áudio [...] gastava cinco aluno dentro daquela ilha da direita embaixo que foi desmontada. Tinha a que gravava cabeça²⁹ e tinha outra que montava – a esquerda [...] Ali você precisava de cinco aluno ali dentro, com um calorão danado [...] Aquela sala com coluna no meio. Cinco aluno. Um dando o *play* dum lado, outro dando *rec* do outro. O outro soltando [...] Aí poxa, depois que migrou [...] pro não linear, a coisa mais maravilhosa do mundo. Sabe? Cê entrava no YouTube, pegava lá [...] (TCR. Entrevista realizada em 30 de março de 2021).

Hoje em dia você não marca ilha de edição³⁰ mais, né? Assim, você tem aquelas salas ali com computadores. O aluno tem o *notebook* dele que já edita perfeitamente, aquele “*basicão*”³¹ que ele precisa, não é nada tipo Spielberg³², que vai precisar de, né? De memórias e memórias e memórias, de HDs poderosos³³, então você edita. Você vai lá, edita aquilo ali e acabou [...] Tinha [...] aquele estúdio de TV, com aquelas máquinas lá em cima³⁴ e era só ali. Não tinha como o aluno: “ah, eu vou editar em casa”. Não adianta, não vai. Não vai conseguir. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

todo o material gravado. Trata-se do avanço tecnológico que possibilitou o uso de arquivos digitais em substituição a analógicos, como fitas magnéticas (filmes) em que para a edição era necessário se percorrer todo o material capturado no filme, sendo necessário cortar e colar pedaços de filme para edição final (edição linear).

²⁷ Modelo específico de fita magnética para gravação de vídeos.

²⁸ Refere-se ao termo *off* (ver nota 17), em diminutivo.

²⁹ Ver nota 13.

³⁰ Ver nota 6 (página 37).

³¹ Edições e efeitos audiovisuais simples.

³² Premiada cineasta, produtor cinematográfico, roteirista e empresário norte-americano.

³³ Relativo a *hardware* computacional.

³⁴ Referindo-se ao mezanino do estúdio antigo – ver nota 7.

Nessas duas últimas falas, TCR e TAE-2 descrevem como as mudanças tecnológicas permitiram uma dinâmica melhor na produção audiovisual. Isso porque a acessibilidade à tecnologia por parte dos alunos possibilitou a edição audiovisual a partir de computadores com programas editores dos próprios discentes, não dependendo da disponibilidade deles na faculdade. Assim, aqueles alunos que possuíam um *notebook* ou um computador com programas de edição diminuíram a demanda das ilhas de edição. Contudo, é importante destacar aqui que a estrutura do prédio novo, conforme descrito no Capítulo 2 desta dissertação, possui a sala de edição (sala 101), possibilitando a tarefa de edição tanto para alunos que possuem quanto para os que não possuem computadores e programas de edição privados. Ressalta-se que, para se avaliar uma possível exclusão tecnológica em decorrência da influência desse cenário digital no ensino e formação em Jornalismo, seria necessária uma investigação mais aprofundada. Neste estudo, o que pôde ser notado é que, em consonância com essa não exclusão de alunos a ferramentas tecnológicas na FACOM-UFJF, tem-se o fato de que nenhum dos respondentes (alunos e professores) ao questionário marcou a alternativa em que se afirmava que o cenário digital atual (Internet, redes sociais, multimídias) exclui do ensino e formação em Jornalismo aqueles que não possuem condições materiais para ter acesso a recursos tecnológicos atuais.

A opinião de 4 dos 18 alunos que responderam ao questionário (ver Gráfico 3) de que o cenário digital atual (Internet, redes sociais, multimídias) impõe práticas totalmente novas, impossibilitando até mesmo que o ensino e formação em Jornalismo sejam realizados de forma efetiva caso o curso não acompanhe tais avanços tecnológicos, demonstra a preocupação de não se ter um curso de Jornalismo que não acompanhe as mudanças tecnológicas. No texto de Costa (2008), encontram-se argumentos que respaldam tal preocupação e evidenciam o apontamento de TAE-2 sobre o fazer jornalístico independente do meio tecnológico:

[...] o professor Marcelo Lopes, da Universidade Mackenzie, comentou como o jornalismo cobre o cotidiano e reproduz o ritmo da vida: se esta acelera, aquele acelera também. E o modo como se faz a vida também se impõe à tecnologia, tecnologia que hoje permite ao jornalismo acompanhar a velocidade da sociedade. “Algumas coisas no jornalismo mudam com as tecnologias, outras não mudam e outras se aperfeiçoam”, disse. “Pauta e apuração independem do meio”.

Se a mudança dos tempos atinge a tecnologia e o jornalismo, não haveria razão para não atingir também os cursos de Jornalismo. A todo momento surgem novos aparatos, e as matrizes curriculares [...] trabalham em cima de suportes, como no caso das disciplinas de Telejornalismo, precisam acompanhar essas novidades, se o objetivo for formar jornalistas preparados para a rotina. (COSTA, 2008, p. 13).

A necessidade de o curso acompanhar avanços tecnológicos pode ser observada nas seguintes falas dos técnicos entrevistados, que descrevem como é necessário mudar as práticas de acordo com o que a atualidade do Jornalismo exige:

a gente sempre vai precisar de aprimoramento. Até porque a gente trabalha, vou mencionar, né? Comunicação, Jornalismo, telejornalismo, televisão, né? Que agora tá em outras [...] plataformas, entrou um monte de [...] novas rotinas, existe o *streaming*, né? Ninguém assiste mais telejornal como assistia antes. Tem toda a questão da Internet. Ou seja [...] não é [...] um aprimoramento só lá no currículo [...] que os professores vão trazer pras disciplinas. É um aprimoramento nosso, né? Técnico. O tempo inteiro. Então, isso é constante. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Porque agora o que tá faltando ali, na minha visão, e o que eu já falei com (cita nomes de diferentes professores): o sistema de transmissão ao vivo ali dentro do estúdio B. Pra você não só captar somente o que tá sendo feito ali num HD, mas que isso possa [...] ser transmitido também pela Internet. Tá? Aí o que vai acontecer com isso: vai dar muito mais ar profissional ao estúdio de TV e ao que tá sendo feito, porque [...] se você levar em consideração [...] é [...] o que as emissoras (cita nomes de emissoras de tevê), eu tô falando porque a gente tem visto [...] assistido, né? Aquilo ali [...] você colocar monitor atrás, você ter uma transmissão via *WhatsApp* lá do centro da cidade de uma repórter e o monitor atrás tá mostrando, coisas próximas do que tá sendo feito na TV comercial [...] Porque o caminho é esse: quem vai formar [...] no Jornalismo e vai trabalhar com telejornalismo, as emissoras [...] ele vai ver isso, cara, ele vai vivenciar isso, né? Vamo dizer [...] o “ao-vivo”, né? Então marca, manda um aluno lá pra fora, faz uma transmissão lá pra dentro, faz todo um sistema de câmera: uma câmera filmando, uma câmera filmando o que tá acontecendo ali também, igual as rádios tão fazendo agora. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

Portanto, não se pode ignorar como o ensino e a formação em Jornalismo podem ser comprometidos caso o curso não esteja em um ritmo de atualização adequado com as inovações tecnológicas. Tudo isso, tendo-se em vista que a

sobrevivência do próprio Jornalismo às mudanças tecnológicas depende do suporte da tecnologia para acompanhar tais avanços, como bem retratado por Silva (2013):

o jornalismo nunca foi uma profissão estanque, imutável, e, como uma instituição social secular, sempre sofreu transformações condicionadas pelo surgimento de novas tecnologias e novas formas de organização social. Na contemporaneidade, a cada dia mais, presenciamos, de uma forma acelerada, as mudanças nas práticas de apuração e construção da notícia dentro e fora das redações. Entre os motivos dessa constante metamorfose está a matéria-prima do jornalismo; a realidade social, infinita em fatos e em constante mutação. No entanto, um dos principais fatores desencadeador (sic) de transformações, que temos observado, no fazer jornalístico, tem sido a presença das tecnologias da comunicação e informação. Desde o início do século XX, várias inovações e equipamentos como: o telefone, o telégrafo e a máquina de escrever, deram velocidade e dinamicidade ao trânsito da informação. Esses dispositivos tornaram-se ferramentas que contribuíram de forma significativa e indispensável para a evolução da técnica e prática da profissão. (SILVA, 2013, p. 1-2).

Nesse cenário digital aqui apresentado e discutido, percebe-se como o ensino de Jornalismo atual não pode ignorar tal influência digital. Por isso, a tríade ensinar Jornalismo, fazer Jornalismo e ser jornalista em um mundo globalizado deve estar em um ponto de equilíbrio ajustando-se como unidade ou processo até a formação profissional (HORN; DIAS; COSTA, 2015). Portanto, a formação acadêmica profissional de jornalistas perpassa obrigatoriamente pela compreensão da globalização e os incessantes avanços tecnológicos que afetam diretamente o exercício jornalístico. Daí a importância de se ter uma equipe técnica alinhada e em constante comunicação e atualização com os docentes e alunos quanto aos avanços tecnológicos e sua influência no ensino e formação jornalísticos.

Juntamente à influência do cenário digital no âmbito do Jornalismo, outro ponto crítico a ser considerado trata-se da não obrigatoriedade de diploma para o exercício jornalístico. Entre os anos de 1969 a 2009 (40 anos), ter um diploma era requisito obrigatório para registro e exercício profissionais em Jornalismo (PEREIRA; MAIA, 2016). Em 17 de junho de 2009, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu suspender a exigência de diploma de curso superior em Jornalismo para o exercício profissional, considerando-a inconstitucional³⁵ (MICK, 2012). Tal decisão baseou-se

³⁵ A decisão do STF analisou, em última instância, ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal e Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo.

em uma retórica baseada em um “discurso da liberdade de expressão e, portanto, de imprensa” (BERNARDO; LEÃO, 2013, p. 356), em que, como destacado pelas autoras, qualquer cidadão comum pode vir a público emitir sua opinião.

A relação do cenário digital, de avanços tecnológicos, com a não obrigatoriedade de diploma para exercício do Jornalismo encontra-se na medida em que

o Jornalismo tem passado por transformações históricas ao longo dos anos, é perceptível que com o advento das novas tecnologias, seu papel tem sido reconstruído e rediscutido. Nesse contexto, a queda da obrigatoriedade do diploma de Jornalismo, decretada pelo STF em 17 de junho de 2009, vem referendar essa nova função do Jornalista. (SILVA; MOURA, 2012, p. 4).

Trazendo-se o obtido na pesquisa de campo, na questão relacionada à influência do cenário digital no ensino e formação profissional no curso de Jornalismo, tem-se que nenhum dos professores e alunos marcaram a alternativa “o cenário digital atual (Internet, redes sociais, multimídias) permite que, graças aos sistemas de informação disponíveis, o ensino e formação profissional em Jornalismo sejam realizados, cada vez mais, de forma individual, independente e autodidata”. Tal assertiva remete à possibilidade de uma formação informal, sem curso superior e conseguinte diploma. O fato de nenhum dos respondentes ao questionário ter marcado tal opção é consonante ao esperado, uma vez que eles são atores do curso de Jornalismo com objetivo de uma formação diplomada.

O trecho a seguir retirado da entrevista com o técnico TCR, após mencionar o uso indevido de mídias sociais com notícias falsas, além de corroborar a visão da importância, da diferença de um curso superior e respectivo diploma para o exercício do Jornalismo, suscita uma reflexão interessante:

pesquisador: [...] faz diferença a pessoa ser formada, né? Ter um curso superior, um diploma, né?

TCR: [...] Faz muita diferença. Inclusive a responsabilidade, né? A responsabilidade.

A decisão de primeira instância surgiu em janeiro de 2003, na 16ª Vara Cível de São Paulo. O resultado da votação no STF desagradou entidades de defesa dos jornalistas brasileiros e parte da sociedade civil (MICK, 2012, p. 2).

Ao mencionar a palavra responsabilidade, essa resposta do técnico acompanha a ideia de que “o jornalista diplomado frequentou um curso superior de Jornalismo, isso lhe possibilita uma visão mais holística do processo comunicacional e melhor assimilação das consequências sociais do exercício da profissão” (SILVA; MOURA, 2012, p. 4). Isso visto que

o ato de informar é um direito constitucional, garantido à sociedade e ao cidadão, sendo assim a queda da obrigatoriedade do diploma de Jornalismo reduz ao tecnicismo a profissão de Jornalista. Desta forma, não há critérios para exercer uma função social que vai além do ato de noticiar, mas sim de formar opinião. (SILVA; MOURA, 2012, p. 4).

Não é objetivo desta dissertação discutir e se chegar a uma conclusão em favor ou contra da não obrigatoriedade de diploma para o exercício jornalístico. Tal investigação renderia uma nova pesquisa. O que se expõe aqui é somente uma percepção, a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, da importância da formação superior diplomada que garanta o egresso de jornalistas que exerçam o Jornalismo de forma competente e capaz de atender às demandas atuais da profissão. O que se deixa aqui como boa reflexão em relação à necessidade ou não de diploma é o seguinte trecho retirado do texto de Primo (2010, p. 139): “sendo ele obrigatório ou não, o que se sabe é que uma ampla e boa formação está na base dos profissionais competentes. Em tempos de tantas transformações, em que tudo parece ficar obsoleto rápido demais, essa certeza permanece válida”.

A partir do analisado e discutido nesta seção, percebe-se o quão necessário é o conhecimento e envolvimento da equipe técnica fundamentados em noções sobre o currículo, o ensino, a formação e a profissão de Jornalismo. Nós técnicos, mais diretamente em contato com os aspectos tecnológicos, devemos nos empenhar continuamente na busca de acompanhamento e aprimoramento tecnológicos que garantam que o curso de Jornalismo da FACOM-UFJF seja capaz de fornecer jornalistas competentes e atualizados com o mercado e com a sociedade. Como será mostrado a seguir, o ensino precisa ser planejado para atingir seus objetivos. Na próxima seção, trata-se, portanto, da gestão pedagógica do processo de ensino-aprendizagem, buscando-se compreender como a equipe técnica se insere nesse contexto.

3.3 GESTÃO E PRÁTICA PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Esta seção apresenta, para a discussão e análise, apontamentos teóricos de Ferreira (2008), Moran (2013), Caetano e Santos (2014), Aguiar (2016), Nunes (2017), Sbizera e Dendasck (2019) e Ferreira e Oliveira (2020), relativos aos temas de gestão e prática pedagógicas e do processo de ensino-aprendizagem, no intuito de se consolidar a discussão da próxima seção quanto à especificidade de espaços laboratoriais jornalísticos. Também se elenca brevemente aqui, com notas dos trabalhos de Monlevade (2009), Magalhães (2016) e Wolniewicz (2019), a relação que profissionais não docentes, como os da equipe técnica, apresentam com o processo de ensino-aprendizagem, assunto que será tema da última seção deste capítulo. Mais especificamente ao ensino de Jornalismo, traz-se uma citação de Matos (2014) referente ao imprevisto característico na atuação profissional jornalística, para uma reflexão pontual quanto a planejamento pedagógico. No tocante à avaliação, aborda-se o conceito de *feedback* trazido por Borges *et al.* (2014) e Bastos e Prado (2019); e com uma citação de Vieira Júnior (2002) levantada por Aguiar, Gomberg e Aucar (2018), retrata-se a importância avaliativa em um contexto específico ao Jornalismo.

A Gestão pedagógica do processo de ensino-aprendizagem envolve didática e pedagogia como mediadores entre teoria e prática, como assinalam Sbizera e Dendasck (2019, p. 18): “de fato, no processo de gestão do ensino e aprendizagem, tanto a didática quanto a pedagogia possuem um papel importante como mediadoras entre a teoria e a prática”.

A pedagogia, que estuda as realidades educacionais, e a didática, área da pedagogia relacionada a questões de formação e adequação de conhecimentos e saberes que decorrem de situações reais nas salas de aula e nas Instituições de Ensino Superior (LIMA, 2015 apud SBIZERA; DENDASCK, 2019), são recursos das atividades docentes no processo de ensino-aprendizagem. Conhecê-los e estudá-los, portanto, é uma forma de o TAE, no objetivo de prestar um apoio mais efetivo às atividades práticas, contribuir para a gestão pedagógica do processo de ensino-aprendizagem.

O professor é o gestor do currículo (MASSETO, 1998 apud SBIZERA; DENDASCK, 2019), contudo na prática docente há espaço para o planejamento,

metodologia e avaliação, tópicos que precisam ser definidos com base na organização da universidade (SBIZERA; DENDASCK, 2019). Ademais, as autoras apontam para a realização de cursos de didática e prática para o ensino superior que capacitem os docentes a, dentre outras atividades:

- a) compreender os tipos de comunicações em diferentes grupos nas Instituições de Ensino Superior com uma distinção entre os diferentes papéis inseridos no ensino superior; e
- b) preparar um planejamento para todas as disciplinas dos cursos de graduação (SBIZERA; DENDASCK, 2019).

Uma vez que

o planejamento está relacionado à averiguação, estruturação e sistematização de situações que podem ser utilizadas para a prática de uma atividade buscando sanar um problema ou almejar um objetivo, ou seja, o planejamento ampara a orientação, organização e concretização daquilo que se deseja alcançar. (CAETANO; SANTOS, 2014, p. 3).

Destaca-se aqui a importância do planejamento no processo de ensino-aprendizagem, pois “o planejamento é algo crucial que está presente em todas as etapas da vida social, tornando-se indispensável também no desenvolvimento das ações pedagógicas” (CAETANO; SANTOS, 2014, p. 3). Sendo assim, a busca de uma compreensão de currículo, de Projeto Político-Pedagógico e de ensino e formação em Jornalismo pela equipe técnica, inserindo-se no entendimento, contexto e realização do processo de ensino-aprendizado, deve ser realizada em atuação conjunta com os docentes. Isso porque eles são os gestores do currículo (como mencionado anteriormente) e gestores pedagógicos, como apontado por Ferreira (2008, p. 183):

[...] o trabalho dos professores é a produção da aula e, nesta, a produção do conhecimento. Portanto, não há compreensão do trabalho dos professores senão entendido como pedagógico. Com isto, desde já, quero evitar compreensões errôneas que possam atrelar o pedagógico somente à ação dos professores. Contrariamente, ratifico que o pedagógico perpassa toda a dinâmica da educação, porém, estou defendendo a inversão da análise que se faz do pedagógico, passando a vê-lo como a centralidade do trabalho dos professores e que são estes sujeitos, em primeira instância, os gestores do pedagógico [...].

Tomando-se ainda o texto de Ferreira (2008), o qual foi escrito sob a perspectiva escolar, mas que bem pode ser aplicado ao contexto universitário, é importante frisar que o pedagógico

[...] está relacionado ao modo como o grupo que compõe a escola se organiza regularmente, a como entende e produz a educação. Transita entre o individual e o coletivo, de modo dialético, elaborando-se e acontecendo cotidianamente na escola. Por esses motivos, tenho defendido que a **gestão do pedagógico**, contrariando a tradição, deva acontecer a partir dos professores, sendo eles um dos sujeitos da prática pedagógica, ao lado dos estudantes e dos **demais sujeitos da dinâmica escolar**. (FERREIRA, 2008, p. 183, grifo nosso).

Seguindo-se essa fundamentação da autora, consolida-se aqui a ideia de que os técnicos, enquadrando-se na categoria “demais sujeitos da dinâmica universitária”, inserem-se na prática pedagógica juntamente a docentes e discentes. E daí a importância de atuação conjunta para uma adequada gestão pedagógica.

O trecho a seguir da entrevista com o TAE-1 é um indicativo de como a equipe técnica pode se inserir na prática pedagógica em conjunto com os professores enquanto gestores do currículo das disciplinas práticas e gestores pedagógicos. Ao ser questionado sobre o que é ensinado nessas disciplinas, o entrevistado responde:

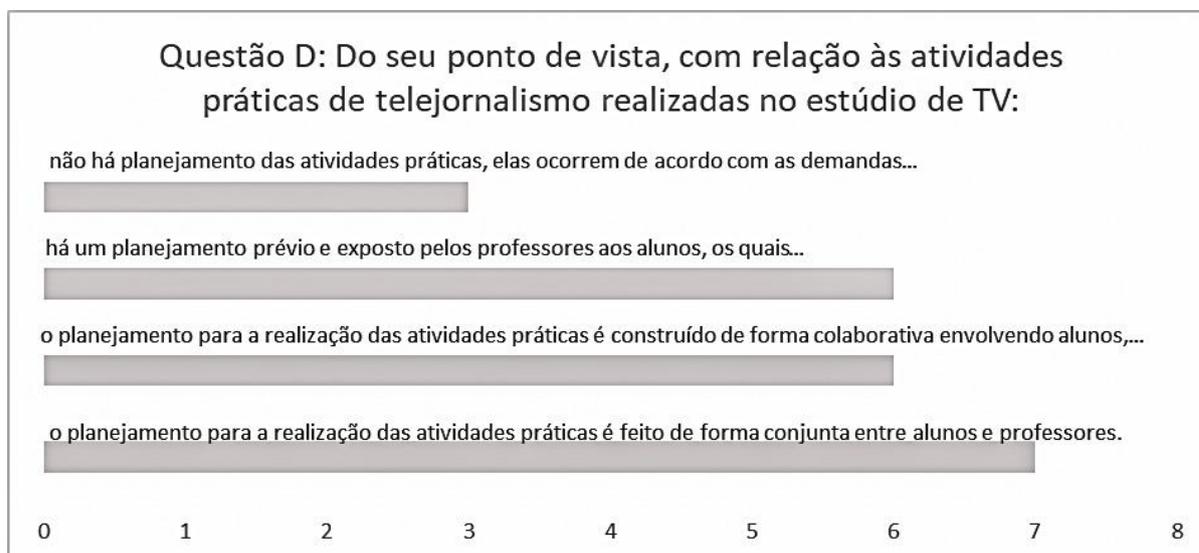
o que eu pude conhecer nessa vinda, nessa mudança, né? Que teve na minha atuação profissional, é... acho que foi por... por estudar, né? Procurar entender mais sobre telejornalismo e o pouco de contato que eu consegui assim com os professores, pra explicarem a construção do currículo, o que que eles queriam, né? Mas eu acho que é uma... uma carência e algo que a gente possa construir juntos é... é formatar esse... esse currículo conjuntamente, fazer esse currículo conjuntamente, né? Então assim, é... são as atividades de TV, reunir todos os técnicos de laboratório e conversar pra que essas rotinas sejam colaborativas. Isso eu também vejo como demanda. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Essa fala exemplifica o interessante aspecto de o técnico se interessar pelo conteúdo que é ensinado, de como o currículo se estrutura. Dessarte, o apoio técnico pode se somar à gestão pedagógica no espaço laboratorial de ensino-aprendizagem. Isso porque, a partir dessa fala do entrevistado, vislumbra-se a possibilidade de uma construção (formatação) conjunta de currículo entre técnicos e

professores que tornem as rotinas de práticas laboratoriais colaborativas. Esse clima colaborativo conseqüentemente geraria uma gestão pedagógica também conjunta do espaço laboratorial de ensino-aprendizagem, a qual propiciaria uma contribuição técnica mais significativa ainda para o processo de ensino-aprendizagem.

Tomando-se os resultados obtidos a partir da aplicação do questionário a alunos e professores, observou-se que apenas 1 dos 4 professores e 5 dos 18 alunos respondentes assinalaram a opção de que “o planejamento para a realização das atividades práticas é construído de forma colaborativa envolvendo alunos, professores e equipe técnica”. Essa assertiva embarca a concepção da participação dos técnicos no planejamento das atividades práticas. Dessa forma, conclui-se que na realidade da FACOM-UFJF, pesquisada, de acordo com as respostas obtidas, essa inserção participativa da equipe técnica no planejamento não é majoritariamente reconhecida por professores e alunos. Os dados apresentados constam no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Respostas à questão D do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Reconhecer o envolvimento da equipe técnica no planejamento das atividades práticas de ensino trata-se de identificar os técnicos como profissionais da educação de fato, educadores não docentes, como discutido adiante na seção 3.5, atuantes no processo de ensino-aprendizagem e bem-definidos por Magalhães (2016, p. 17): “compreende-se por técnico-administrativo aquele profissional, em

qualquer nível de escolaridade e/ou desenvolvendo qualquer atribuição não docente, e que empresta esforço educativo na sua atuação dentro do contexto escolar”.

Para a metade dos docentes e quatro alunos participantes, “há um planejamento prévio e exposto pelos professores aos alunos, os quais realizam as atividades de forma ordenada e sequencial” (vide Gráfico 4). Tal afirmação também não contempla a presença da equipe técnica no referido planejamento e conseqüentemente na prática pedagógica. Isso remete à centralidade do pedagógico no trabalho do professor, retratada anteriormente por Ferreira (2008), em que “o professor tem papel relevante, agindo como mediador dos conteúdos e das estratégias de aprendizagem, para que ocorra a efetiva compreensão e assimilação dos mesmos” (NUNES, 2017, p. 9-10).

Para 7 dos 18 alunos participantes, “o planejamento para a realização das atividades práticas é feito de forma conjunta entre alunos e professores” (Gráfico 4). Essa perspectiva também exclui os técnicos da prática pedagógica de planejamento. Isso indica mais uma vez que a realidade investigada da FACOM-UFJF, percebida por alguns alunos, não abarca a participação pedagógica dos técnicos no planejamento das atividades práticas, centrando-se na relação aluno-professor (atores sociais da sala de aula) que afeta todo o processo de ensino-aprendizagem (NUNES, 2017, p. 8).

Ainda em relação ao questionário aplicado, um professor e dois alunos escolheram a alternativa “não há planejamento das atividades práticas, elas ocorrem de acordo com as demandas que vão surgindo” (vide Gráfico 4). Essa assertiva acorda com a realidade referida por TAE-1:

[...] dificuldades [...] acontecem quando exatamente a gente não conhece muito [...] os planos, né? [...] o que que [...] os professores estabeleceram ali pra aquela disciplina. Então muitas vezes as dificuldades me vêm por [...] se apresentado uma coisa muito de última hora: “Ó, a gente vai ter que fazer isso e tal”. Talvez pela minha falta de costume mesmo de atuação [...] em TV. Porque eu reconheço que Jornalismo tem muito disso. Tem muito de última hora, isso faz parte, né? Mas eu acho que quanto mais a gente puder diminuir isso, é melhor. Melhor pra nossa atuação técnica ali. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Nessa fala de TAE-1, o contexto referente a “uma coisa muito de última hora” corresponde a “demandas que vão surgindo”. A equipe técnica não consegue

sempre atender a demandas de atividades práticas não previstas, por delimitações técnicas (espaço e equipamentos), sendo por isso essencial um planejamento. Por outro lado, essa imprevisibilidade de demandas vai ao encontro do imprevisto, o qual é necessário ao exercício profissional de um jornalista nesses tempos atuais: “a questão do imprevisto envolve, também, a possibilidade de serem enfrentados eventos indeterminados, ante os quais tais profissionais deverão parecer inabaláveis e em estado de prontidão, aptos a driblar qualquer inconveniente” (MATOS, 2014, p. 12), citação que corrobora a fala de TAE-1 (Entrevista realizada em 29 de março de 2021): “[...] Jornalismo tem muito disso. Tem muito de última hora, isso faz parte, né?”. Sendo assim, é necessário reconhecer que é preciso um equilíbrio entre essas demandas inesperadas, nem sempre previstas e planejadas, com um planejamento conjunto que garanta a realização das atividades práticas de forma adequada.

Outro assunto a se discutir é a questão da avaliação do que é desenvolvido na realização das atividades práticas de telejornalismo. O planejamento é fundamental, como visto, para que o processo de ensino e aprendizagem atinja seus objetivos. Levando-se em conta as dificuldades que surgem e as falhas e erros possíveis, para que estes sejam identificados, é necessária uma avaliação do que se realiza e/ou realizou (*feedback*³⁶). O presente texto utiliza o termo *feedback* (processo de retorno) para se referir a uma discussão/avaliação da realização das atividades práticas, identificando-se erros e acertos, melhorias e manutenções necessárias para que o processo de ensino-aprendizagem seja otimizado e evolua para os fins educacionais e formativos almejados.

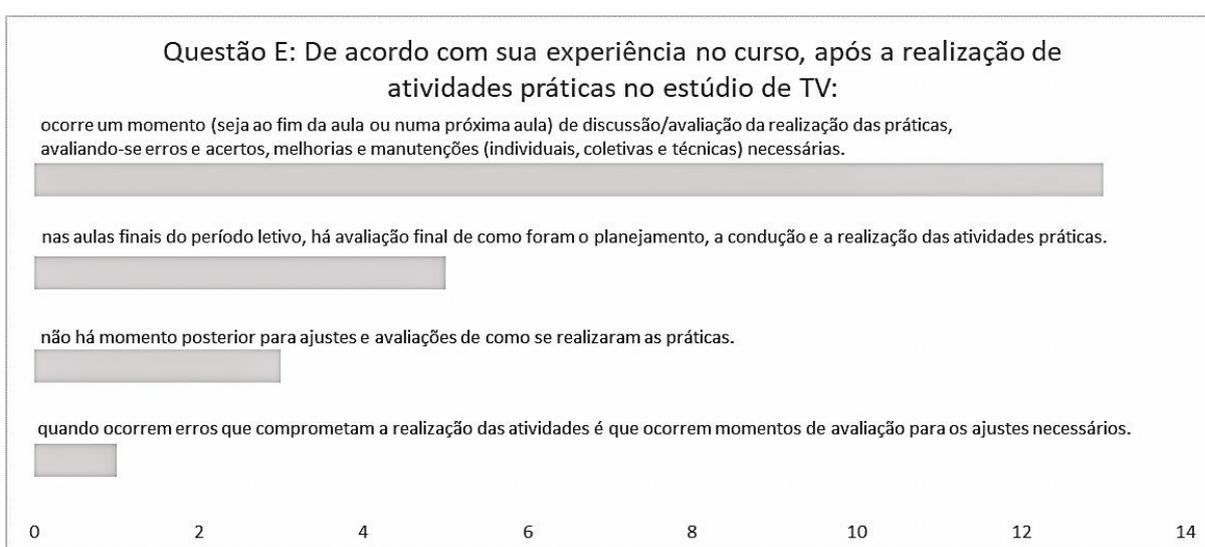
O *feedback* corresponde ao processo de retorno que “fornece ao aluno uma orientação clara e objetiva de como melhorar sua aprendizagem e desempenho” (BASTOS; PRADO, 2019, p. 144). Transpondo o objetivo da orientação ao aluno, o *feedback* pode se estender ao propósito de conduzir o aprimoramento técnico no atendimento das demandas do processo de ensino-aprendizagem das atividades práticas.

De acordo com as respostas obtidas com a aplicação do questionário, para todos os professores participantes e metade dos alunos respondentes ocorre um momento (seja ao fim da aula ou numa próxima aula) de discussão/avaliação da

³⁶ Termo encontrado na literatura que representa um processo avaliativo que permite acompanhar a evolução do processo de ensino-aprendizado, em que é fornecido ao aluno um retorno de como está seu desempenho de aprendizagem.

realização das práticas, avaliando-se erros e acertos, melhorias e manutenções (individuais, coletivas e técnicas) necessárias. Essa alternativa retrata a situação de um processo de retorno que representa a continuidade do *feedback* que “permite que os ajustes necessários para a melhor qualidade da aprendizagem sejam feitos precocemente, e não apenas quando o aluno falha no teste ao final do curso” (BORGES *et al.*, 2014, p. 326). A seguir, o Gráfico 5 apresenta as respostas dos participantes com relação às atividades práticas de telejornalismo.

Gráfico 5 – Respostas à questão E do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Decerto, o contato entre professor e aluno é fundamental, pois se trata de comunicação, ferramenta indispensável para que o ensino-aprendizado ocorra. E o *feedback* é um dos recursos necessários para que se estabeleça a comunicação, como bem destacado por Bastos e Prado (2019, p. 144):

em sala de aula essa ferramenta torna-se ainda mais essencial, uma vez que a comunicação precisa ocorrer entre duas esferas: professor e aluno. Para tanto, diferentes recursos são utilizados para se estabelecer essa comunicação. Dentre eles podemos ressaltar o *feedback*.

Para que, da mesma forma, o *feedback* contribua para o aprimoramento técnico no atendimento das demandas nas atividades práticas e o respectivo processo de ensino-aprendizado, é desejável que essa comunicação se desenvolva

entre todos os envolvidos na realização das atividades práticas em telejornalismo: professores, alunos e técnicos.

Ainda em relação a esse retorno avaliativo do desenvolvimento de práticas laboratoriais de telejornalismo, cinco alunos marcaram a opção “nas aulas finais do período letivo, há avaliação final de como foram o planejamento, a condução e a realização das atividades práticas” (ver Gráfico 5). Nesse contexto, apesar de haver um retorno, o qual permite uma reflexão e futuro aprimoramento da prática pedagógica, este se caracteriza mais como um processo avaliativo aos moldes de uma avaliação somativa, como se pode notar na descrição textual de Borges *et al.* (2014, p. 325): “[...] realizada de maneira pontual, geralmente ao final de um módulo ou curso. Essa modalidade de avaliação, denominada somativa, tem como objetivo avaliar se o aluno assimilou os conteúdos fornecidos durante determinado período”.

Portanto, percebe-se que, para esse *feedback* ser mais abrangente e representativo do processo de ensino-aprendizagem como todo, deve-se buscar o retorno mencionado na opção marcada por todos os professores e pela metade dos alunos pesquisados. Promovendo-se uma avaliação constante das práticas, o *feedback* pode se aproximar mais do que vem a ser uma avaliação formativa, a qual tem como um de seus componentes principais o *feedback*:

[...] os métodos de avaliação formativa se projetam como estratégias mais abrangentes e menos pontuais que os tradicionais métodos somativos de avaliação, contribuindo para a formação de profissionais mais autônomos e reflexivos [...]

[...] a avaliação formativa pressupõe que o ato de avaliar não faz sentido por si só, e sim que ele deve ser parte integrante de todo processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, a avaliação deve ser contínua e não mais pontual. Nesse sentido, todas as informações produzidas pela interação de professores e alunos, bem como entre os alunos, são relevantes para a verificação do grau de aprendizado e para eventuais ajustes necessários a fim de que o estudante consiga atingir os objetivos definidos [...] Com isso, a avaliação passa a ser uma atividade reguladora do processo de ensino-aprendizagem, detectando lacunas e proporcionando soluções para eventuais obstáculos enfrentados pelos estudantes, além de proporcionar melhorias nas ferramentas didáticas e eventuais ajustes no conteúdo programático ou mesmo na estrutura curricular.

Um dos componentes principais da avaliação formativa é o feedback. O feedback regula o processo de ensino-aprendizagem, fornecendo, continuamente, informações para que o estudante perceba o quão distante, ou próximo, ele está dos objetivos almejados. O fato de o feedback ser contínuo permite que os ajustes necessários para a melhor qualidade da aprendizagem sejam feitos precocemente, e

não apenas quando o aluno falha no teste ao final do curso, ou seja, na avaliação somativa. (BORGES *et al.*, 2014, p. 325-326).

Percebe-se, a partir dos excertos acima transcritos do artigo de Borges *et al.* (2014), como um *feedback* constante é potencial contribuidor para que a gestão do processo de ensino-aprendizagem se aprimore. Conforme discutido e apresentado nesta dissertação, não somente a interação entre professores e alunos é importante para o *feedback*, mas também a interação entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: professores, alunos e técnicos. Isso porque a participação dos técnicos nesse processo de retorno é essencial, dada a importância de a equipe técnica estar inserida e buscar se inserir no planejamento/realização das aulas práticas e conseqüentemente no processo de ensino-aprendizagem,

Apenas três alunos marcaram a alternativa que indica a ausência de qualquer retorno avaliativo de como se conduzem as atividades práticas de telejornalismo: “não há momento posterior para ajustes e avaliações de como se realizaram as práticas” (Gráfico 5), o que contraria o posicionamento de todos os professores e da maioria dos alunos que participaram desta pesquisa e também vai contra os argumentos teóricos aqui apresentados, os quais demonstram o quão importante é esse processo de *feedback* aqui discutido.

Vale ainda mencionar que 1 dos 18 alunos respondentes ao questionário assinalou a alternativa: “quando ocorrem erros que comprometam a realização das atividades é que ocorrem momentos de avaliação para os ajustes necessários” (vide Gráfico 5). Essa afirmação sugere um processo de correção bem pontual na condução das atividades práticas, quando há falhas que inviabilizam a realização da prática e geram a necessidade de verificação/avaliação das condições de realização das atividades, para se buscar os ajustes que permitam a efetivação das atividades. Tanto não haver momento posterior para ajustes e avaliações quanto haver tal momento somente com erros graves que nem permitem a continuidade da atividade não condizem com um ensino com prática em Jornalismo adequado. O que se deve buscar em práticas laboratoriais é um constante aprender com erros e acertos, não somente com erros graves, a exemplo do processo laboratorial editorial impresso pesquisado por Vieira Júnior (2002) apud Aguiar, Gomberg e Aucar (2018, p. 8):

[...] a visão de Vieira Júnior (2002, p. 10) segundo a qual o êxito do projeto laboratorial depende da avaliação das edições pelo professor

responsável. “Assim, o alunado abrange uma visão de erros e acertos práticos, ou melhor, daquilo que é adequado ou inadequado como diretrizes de produção editorial impressa”. O professor funciona como mediador e crítico das decisões editoriais produzidas pelos alunos.

A fala de TAE-1, ao ser questionada quanto às melhorias que julga necessárias às atividades práticas, demonstra a necessidade de uma avaliação das práticas laboratoriais que promovam esse *feedback* esperado:

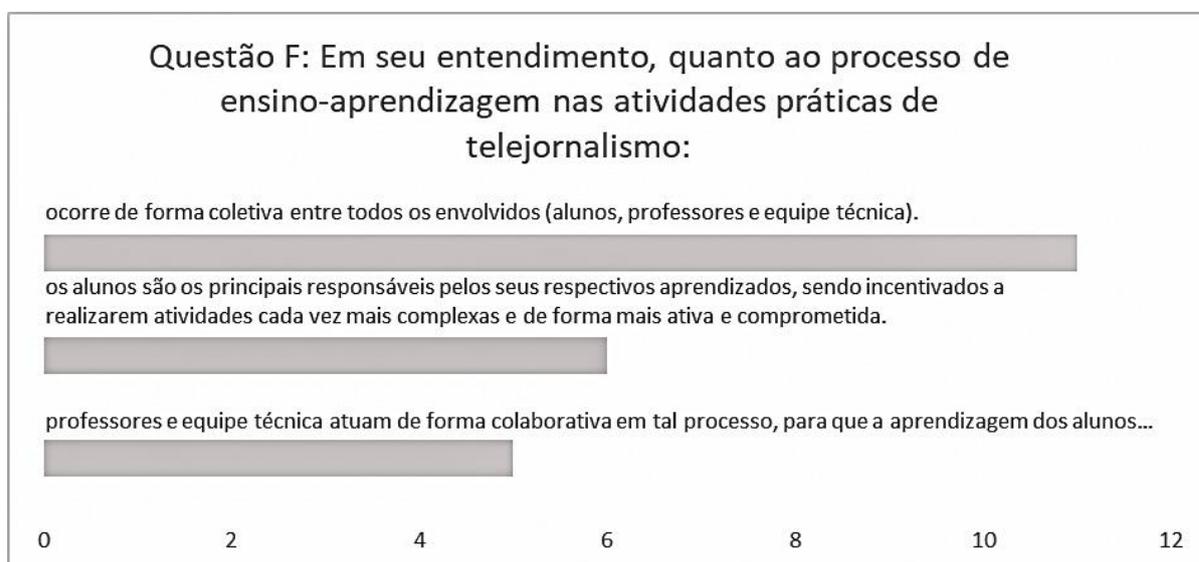
eu acho que, assim, a gente deveria ter mais instrumentos de avaliação pra apontar essas melhorias, porque eu não consigo dizer essas melhorias assim [...] Eu consigo ver, assim, alguma falha mesmo. Falha técnica que pode ter [...] tem relação a minha atuação, né? “Hum, ah lá! Aquela iluminação não ficou boa, tinha que ter falado pros alunos mudarem de lugar”. Sei lá, alguma coisa assim [...] e que é uma coisa que a gente consegue consertar, né? Pela gente tendo mais formação, mais capacitação, que é o que eu tô buscando fazer. Mas, assim, melhoria, vamos dizer na produção final dos alunos, aí eu acho que a gente tem que ter mais instrumentos de avaliação dos próprios alunos, dos professores, né? O que era esperado pro que ficou ali, no final das contas. Muitas vezes eu desconheço o que é esperado, né? (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Esse trecho da entrevista com TAE-1 revela o desejo de inserção do técnico nesse processo de retorno para saber se as atividades práticas estão atendendo da forma desejada ao processo de ensino-aprendizagem. Portanto, atenta-se novamente aqui para a colaboração da equipe técnica na busca de um ensino com prática em Jornalismo que permita esse *feedback* capaz de favorecer o ensino e o aprendizado, aprimorando-se, por conseguinte, a atuação técnica em si.

A participação dos técnicos no processo de ensino-aprendizagem é atestada pela metade dos alunos (nove) e metade dos professores (dois) participantes, ao assinalarem no questionário aplicado a seguinte alternativa que indica que “o processo de ensino-aprendizagem nas atividades práticas de telejornalismo ocorre de forma coletiva entre todos os envolvidos (alunos, professores e equipe técnica)”. Tal visão reconhece a inserção do corpo técnico no processo pedagógico, contribuindo para o ensino-aprendizagem. Uma perspectiva que se enquadra nas “concepções que mais reconhecem a dimensão educativa que o trabalho do técnico-administrativo pode assumir” (MAGALHÃES, 2016, p. 154). As respostas acerca da

participação dos diversos atores nas atividades práticas de telejornalismo estão apresentadas no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Respostas à questão F do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

De acordo com o Gráfico 6, cinco alunos e um professor marcaram no questionário que “os alunos são os principais responsáveis pelos seus respectivos aprendizados, sendo incentivados a realizarem atividades cada vez mais complexas e de forma mais ativa e comprometida”. Nesse ponto de vista, destaca-se a metodologia ativa em que,

se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. (MORAN, 2013, p. 1).

Nessa linha de entendimento, é necessário se reconhecer o valor da iniciativa do aluno, atuando no processo de ensino-aprendizagem de forma mais comprometida e ativa. É válido lembrar que

a educação é interativa, o professor que ensina, aprende; do mesmo modo, os estudantes, que estão na instituição educativa para aprender formalmente, têm muito a ensinar. Por isso, o ensino está para a aprendizagem de forma dinâmica e mútua.

Nesse cenário, o uso de metodologias ativas ajuda a estimular essa construção coletiva de conhecimento. E, no curso de Jornalismo especialmente (mas não só nele), elas são essenciais, por estimularem a participação dos acadêmicos no processo de formação e desenvolverem neles responsabilidades criativas inerentes ao bom jornalista. (FERREIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 2).

Nesse cenário, é que se deve também pensar a participação da equipe técnica para que metodologias ativas possam ser aplicadas pelos professores para que se permita esse aprendizado criativo e de iniciativa dos discentes. Como equipe técnica, devemos buscar também interagir com professores e alunos, viabilizando nossa participação no processo de ensino-aprendizagem, não se fechando à interação do ensino-aprendizado apenas entre alunos e professores.

Um professor e quatro alunos indicaram que, no processo de ensino-aprendizagem, “professores e equipe técnica atuam de forma colaborativa em tal processo, para que a aprendizagem dos alunos seja garantida” (ver Gráfico 6). Nessa perspectiva, o trabalho técnico não se restringe àquela concepção que “se construiu historicamente na periferia do ensino, vinculada às atividades burocráticas, administrativas e de controle” (WOLNIEWICZ, 2019, p. 23). A seguinte fala de TAE-2, ao relatar sua experiência de estúdio, ilustra uma atuação técnica de acolhimento que contribui para que se reconheça a proximidade da equipe técnica no processo de ensino-aprendizagem: “[...] a gente procurava fazer de tudo pra que os alunos, naquele momento [...] se engajassem bem [...] e se sentisse bem também, dentro do estúdio [...] nas produções das disciplinas que eles precisavam [...] aprender”. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

Com isso, da mesma forma que se deve reconhecer a importância da iniciativa e comprometimento dos alunos em sua aprendizagem, o papel da atuação conjunta entre docentes e técnicos tem seu valor para que os alunos desenvolvam seguramente seu aprendizado por meio do ensino prático.

A seguinte fala de TAE-1 leva ao reconhecimento da importância de uma atuação conjunta entre técnicos e professores em prol do processo de ensino-aprendizagem:

[...] a nossa atuação, os nossos planos de trabalho, estão diretamente relacionados a esse apoio, acompanhamento das atividades laboratoriais, dentro do curso, né? Então as estratégias de aprendizagem, o apoio às atividades de ensino, pesquisa, extensão,

né? Que são voltados principalmente a esse domínio técnico que os alunos precisam ter e isso tá ligado diretamente a nossa atuação ali. Vamo, vamo falar do estúdio, né? [...] a nossa atuação enquanto é [...] estabelecer esse espaço, né? Executar os trabalhos técnicos. Estabelecer esse espaço de ensino-aprendizagem, condições pra que isso aconteça [...] Esse que é o nosso trabalho, isso tá ligado a esse ensino-aprendizagem que os alunos vão ter. Então [...] acredito que, claro, assim, é bom, bom mencionar que o ensino [...] daquele procedimento técnico, né? Daquela, vamos dizer assim, daquela atividade [...] técnica, voltada a telejornalismo, o ensino, isso é papel do professor. Professor ensina. Mas agora o apoio ao processo de aprendizagem, a [...] construir aquele ambiente pra que esse processo aconteça, aí entra [...] na nossa atuação. Por isso que eu acho, assim, que é importante a gente diferenciar, claro né? Porque cada um tem a sua atuação ali, mas, assim, a gente [...] um depende muito do outro pra que dê certo [...] tá tudo muito junto [...] são atividades, são funções – a função da docência, a função técnica administrativa. São separadas, mas [...] pra que elas aconteçam plenamente, tem que ter essa articulação muito bem-feita, muito bem formada ali. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Em sintonia com o argumentado por Sbizera e Dendasck (2019), com uma perspectiva de uma gestão democrática da instituição universitária alicerçada na legislação educacional brasileira, Aguiar (2016) escreve:

a prática democrática requer essencialmente o desenvolvimento e o aperfeiçoamento **de todos que atuam na instituição**, no sentido de que compreendam a complexidade do trabalho pedagógico e a importância da contribuição individual e coletiva para sua realização. (AGUIAR, 2016, p. 224, grifo nosso).

Nota-se, assim, que os técnicos, à semelhança dos profissionais não docentes de escolas brasileiras abordados por Monlevade (2009, p. 350),

[...] precisam assumir o compromisso com o projeto político-pedagógico da escola e com a gestão democrática do sistema de ensino, engajar-se na formação continuada, no trabalho cotidiano de planejamento e avaliação coletiva do espaço e do tempo escolares.

Portanto, nós da equipe técnica devemos buscar ter o nosso papel e trabalho considerados e verdadeiramente inseridos em planejamentos, metodologias e avaliações do processo de ensino-aprendizagem, já que somos um dos diferentes grupos nas universidades, fazendo parte da organização delas. E o espaço de ensino-aprendizagem em que nós técnicos temos nossa atuação, a qual nos

possibilita interação com professores e alunos é o laboratorial, o qual é abordado na próxima seção relacionando-o à formação profissional de jornalistas.

3.4 ESPAÇO LABORATORIAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Esta seção trata da importância dos espaços laboratoriais na formação profissional jornalística, trazendo para a análise discussões e conceitos apontados por Vieira Júnior (2002), Pinto *et al.* (2004), Matos (2014), Porcello (2015), Coelho (2016), Aguiar, Gomberg e Aucar (2018) e Antonioli (2018), em que se aborda a dimensão laboratorial no Ensino de Jornalismo. Para caráter exemplificativo, apresenta-se um caso de laboratório de produção audiovisual bem demonstrativo quanto à importância pedagógica que um espaço laboratorial tem para a formação profissional – a TV Estácio do Núcleo de Comunicação (NUCOM) da universidade Estácio de Sá, *campus* Niterói, retratada pelo texto de Moraes e Ferreira (2015). E no intuito de uma boa gestão e organização desse espaço laboratorial para que este contribua de forma significativa para a formação profissional, trouxe-se um aporte teórico quanto a aspectos de gestão organizacional, por Cancian (2006), Ferreira (2015), Santos e Marques (2015). Também para fins de exemplificação, relata-se um caso de laboratório em que se tem uma boa gestão e organização do ambiente prático – o Núcleo de Ensino e Produção em Televisão/Estúdio de TV da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

Como apontado por Antonioli (2018), a prática laboratorial é um dos eixos curriculares que garante, em conjunto com os demais eixos, as competências esperadas do egresso bacharelado em Jornalismo:

com relação às competências que o egresso em Jornalismo deve ter, há uma divisão em competências gerais, competências cognitivas, competências pragmáticas e competências comportamentais, procurando assegurar, conforme consta no Relatório da Comissão que elaborou as Diretrizes, a formação de profissionais dotados de competência teórica, técnica, tecnológica, ética e estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, contribuindo para o seu aprimoramento. Para garantir essas competências, em função do perfil do egresso, os conteúdos do currículo foram distribuídos em seis eixos: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e prática laboratorial. (ANTONIOLI, 2018, p. 27).

Consonante com esse argumento da autora quanto à importância da prática laboratorial na formação profissional, tem-se a seguinte fala de TAE-1:

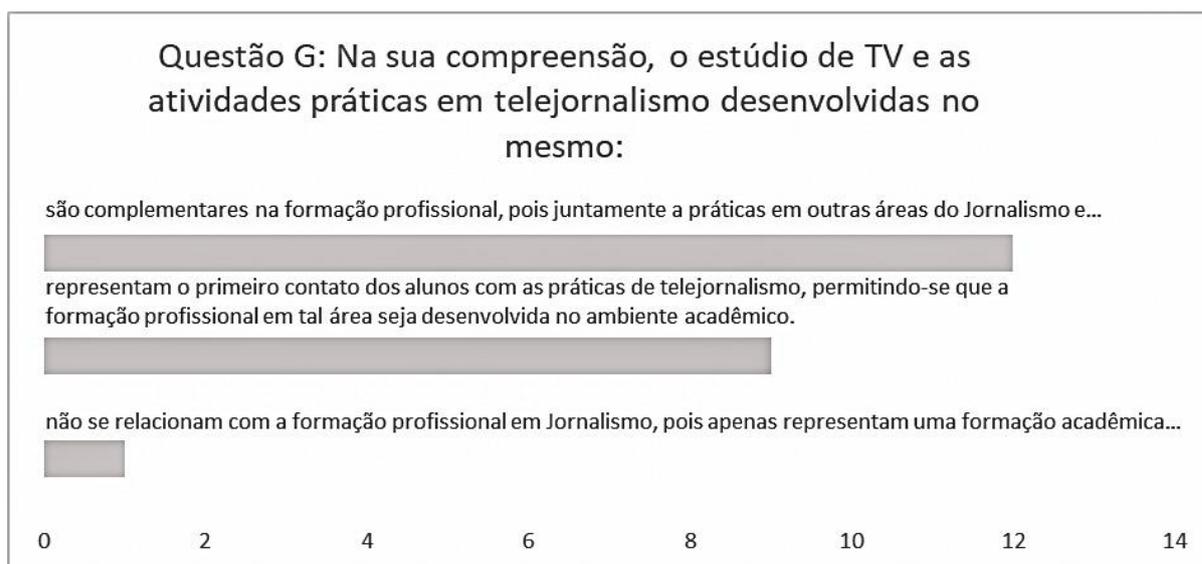
[...] o que eu pude conhecer lá nas rotinas dos laboratórios é... tem muita relação com ... aprendizado técnico, né? Você colocar ali pros alunos toda a parte técnica que eles precisam ter, habilidades e competências técnicas em telejornalismo, câmera, iluminação... edição, produção, né? Pré-produção, produção, pós-produção... usando aqui uma linguagem técnica, mas que engloba tudo e é o que eu vejo que eles trabalham ali dentro do laboratório e... isso tem tudo a ver com a nossa atuação ali, né? [...] Então assim, o que é técnica de... de telejornalismo, de produção de telejornalismo... que deve ser ensinado, né? Acredito que tá tudo ali no plano pedagógico, mas o que eu sei assim, muito de cabeça, é exatamente a atuação, né? Atuação do repórter em telejornalismo...tanto da parte de... de conduzir uma reportagem quanto da parte de habilidades técnicas, né? Competências técnicas pra lidar com os equipamentos. É isso. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Ao descrever as atividades realizadas nas práticas laboratoriais de telejornalismo, TAE-1 evidencia o aprendizado técnico necessário à formação profissional e que está intimamente ligado à atuação da equipe técnica. Percebe-se, com essa fala, que tais práticas laboratoriais vão ao encontro do objetivo do eixo curricular de prática laboratorial em cursos de Jornalismo: “adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores” (BRASIL, 2013, recurso online). Dessarte, nota-se a necessidade de os espaços laboratoriais, o trabalho da equipe técnica e a formação profissional jornalística estarem interligados para que o eixo curricular prática laboratorial cumpra o objetivo de formar egressos com as competências inerentes à profissão, como por exemplo, “saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação”, bem como “dominar o instrumental tecnológico – *hardware* e *software* – utilizado na produção jornalística” (BRASIL, 2013, recurso online).

Ao questionário aplicado, todos os professores e 8 dos 18 alunos respondentes assinalaram a assertiva de que na sua compreensão “o estúdio de TV e as atividades práticas em telejornalismo desenvolvidas no mesmo são complementares na formação profissional, pois juntamente a práticas em outras áreas do Jornalismo e ao estágio supervisionado garantem as competências e habilidades esperadas de um jornalista” (ver Gráfico 7). O eixo curricular prática laboratorial, que engloba práticas de telejornalismo (no caso no estúdio de TV e as

respectivas práticas) e de outras áreas como radiojornalismo e mídia impressa, juntamente a outros eixos curriculares, garantem as competências esperadas do profissional jornalista, o que ratifica o apontado por Antonioli (2018). A seguir, o Gráfico 7 exibe as respostas dos participantes do questionário com relação à questão em pauta.

Gráfico 7 – Respostas à questão G do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Além das práticas, o estágio foi apontado também como garantidor de competências e habilidades. Isso confirma o disposto na Resolução nº 006/2015 - FACOM/UFJF em relação ao estágio curricular supervisionado e obrigatório: “o estágio em Jornalismo visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional de jornalista, buscando o desenvolvimento do acadêmico para a vida e para o trabalho” (UFJF, 2015c, p. 4). Fica aqui registrado o reconhecimento do estágio como também propiciador da formação profissional, não sendo, contudo, objetivo desta pesquisa desenvolver uma análise e discussão teóricas sobre estágio e formação profissional para se atingir o objetivo almejado: aprimorar a atuação técnica no laboratório de produção audiovisual da FACOM no atendimento às demandas das atividades práticas dentro das propostas curriculares do curso de Jornalismo da UFJF. Ademais, conforme já discutido na seção 3.2, a participação técnica no estágio é limitada.

No escopo desta dissertação, as práticas de telejornalismo investigadas têm o seu reconhecimento como prática de ensino e formação profissional tanto por

professores e alunos. Pode-se inferir isso a partir do que foi apresentado no parágrafo anterior e no entendimento da metade dos alunos respondentes ao questionário de que “o estúdio de TV e as atividades práticas em telejornalismo desenvolvidas no mesmo representam o primeiro contato dos alunos com as práticas de telejornalismo, permitindo-se que a formação profissional em tal área seja desenvolvida no ambiente acadêmico” (Gráfico 7). Assertiva que condiz com apontado por Porcello (2015, p. 61), que é nos laboratórios de TV na universidade que “os futuros jornalistas têm o primeiro contato com as práticas do telejornalismo”. Dessarte, a equipe técnica se aproxima do processo de ensino-aprendizagem em tal ambiente prático, a exemplo do descrito por Porcello (2015) e TAE-1 no trecho da entrevista acima, em que alunos aprendem a operar os equipamentos de telejornalismo, orientados pelos professores e operadores técnicos.

Além do apresentado no parágrafo anterior, vale ressaltar que apenas um aluno assinalou a alternativa de que “o estúdio de TV e as atividades práticas em telejornalismo desenvolvidas no mesmo não se relacionam com a formação profissional em Jornalismo, pois apenas representam uma formação acadêmica experimental, sem fornecer subsídios a uma futura atuação profissional” (Gráfico 7). Entendimento esse que discorda do apresentado e discutido aqui na presente dissertação. No intuito de se demonstrar a importância das práticas para uma formação profissional, menciona-se aqui o seguinte trecho da entrevista com o funcionário terceirizado TCR, comentando de um episódio ocorrido entre um aluno e ele:

aluno chegou pra mim lá: - “ah, não sei editar”. - “Ah, senta aí, vamos editar.” - “Não, isso é difícil. Eu não vou aprender.” – “Não, senta aí, pô! Você sabe usar smartphone?” - “Sei.” “Você pode aprender editar.” O cara (aluno) aprende aí, de repente, vai trabalhar fora. Tem gente que já foi pra Europa, tá trabalhando lá. Aí entra no Facebook: “Oi, TCR!” [...] “TCR, graças àquela dica que você me deu, né? Você me deu uma dica lá [...] “Eu consegui um emprego [...]” (TCR. Entrevista realizada em 30 de março de 2021).

Esse relato simples demonstra a importância que a prática tem para o ingresso no mercado de trabalho, confirmando-se que o espaço laboratorial contribui para um dos objetivos do curso de Jornalismo da UFJF: “formar profissionais

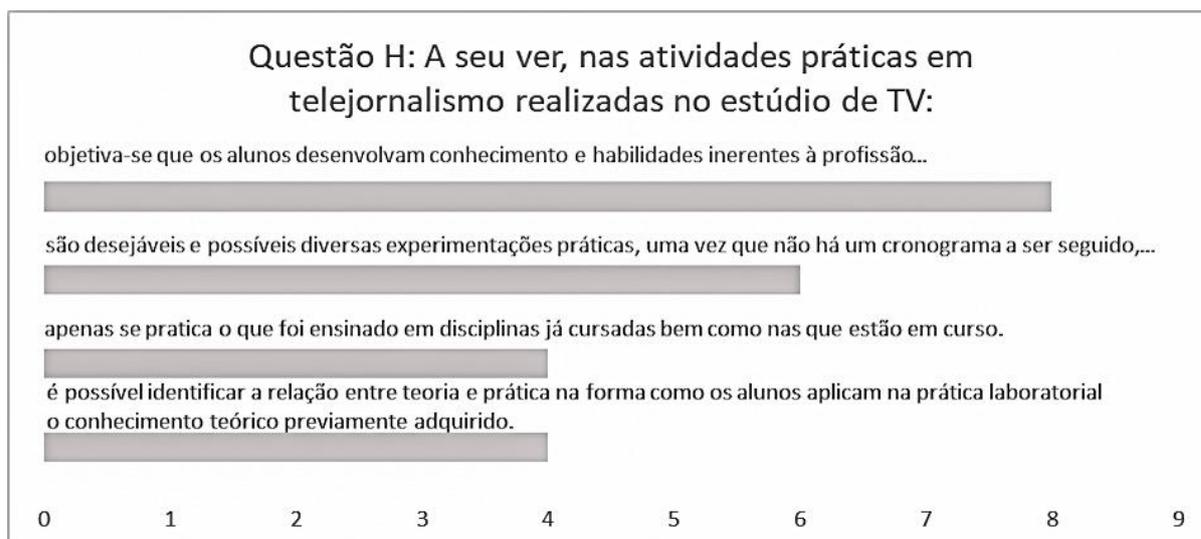
capazes de interagir no cenário profissional e no mercado de trabalho” (UFJF, 2015b).

Tratando do que é desenvolvido no espaço laboratorial de ensino, tem-se que quatro alunos responderam, no questionário aplicado, que nas atividades práticas em telejornalismo realizadas no estúdio de TV “apenas se pratica o que foi ensinado em disciplinas já cursadas bem como nas que estão em curso” (ver Gráfico 8). Esse ponto de vista reflete bem o apontado por Vieira Júnior (2002, p. 72): “o aluno transporta para as páginas do jornal-laboratório a vivência teórica da sala de aula, que fica distante do praticar jornalismo”. Tomando-se esse exemplo do jornalismo impresso trazido pelo autor citado, o mesmo pode ser aplicado ao aluno no telejornalismo que busca apenas seguir o que lhe é ensinado em sala de aula. É necessário se expandir essa visão para a descrita por Aguiar, Gomberg e Aucar (2018, p. 5):

os processos de ensino-aprendizagem por meio dos laboratórios permitem a construção do saber através do diálogo numa perspectiva educacional, que converte o discente em sujeito produtor do saber, invertendo a lógica tradicional da sala de aula. Ensinar não seria mais uma busca por transferir conhecimento, mas resultado de trocas comunicacionais, que ouvem e permitem a participação ativa dos alunos.

Seguindo esse entendimento de processo de ensino e aprendizagem laboratorial, Coelho (2016) versa que os cursos de Jornalismo representam o lugar onde todas as experiências são possíveis e desejáveis. Trata-se do local em que há espaço para o erro, testagem de modelos, discussão e reconstrução. Em consonância com o destacado pelo autor supracitado, na visão de um professor e de cinco alunos respondentes ao questionário, nas atividades práticas em telejornalismo realizadas no estúdio de TV “são desejáveis e possíveis diversas experimentações práticas, uma vez que não há um cronograma a ser seguido, podendo-se testar, errar e refazer as atividades propostas” (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Respostas à questão H do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Um resgate histórico em relação ao estúdio do prédio antigo da FACOM, presente no relato de TAE-2, exemplifica como a dimensão laboratorial trata-se de um espaço em que se busca o experimental, no improvisado aos moldes do exposto por Matos (2014), mencionado na seção anterior, que favorece o aprendizado:

quando a gente tinha aquele estúdio maravilhoso lá embaixo (prédio antigo) na FACOM, houve uma época, ainda no analógico [...] o ritmo de produção dentro daquele estúdio era muito grande: aquilo lá era usado o tempo todo, era usado a manhã toda, a tarde toda. Não tinha curso à noite, mas até o final do meu expediente, a gente tava dentro do estúdio fazendo alguma coisa. As coisas tavam acontecendo. Aquilo ali foi um “escolão”, “escolão” pra todo mundo, cara. A gente fazia muita coisa improvisada [...]. (TAE-2. Entrevista realizada em 21 de março de 2021).

Dois professores e dois alunos indicaram que nas práticas desenvolvidas no estúdio de TV “é possível identificar a relação entre teoria e prática na forma como os alunos aplicam na prática laboratorial o conhecimento teórico previamente adquirido” (vide Gráfico 8). Pode-se identificar em tal afirmação a percepção do professor Manuel Carlos Chaparro de que “os laboratórios são a espinha dorsal do curso, do meu ponto de vista. A formação que o aluno recebe na sua globalidade tem que se projectar, tem que aparecer no jornal-laboratório” (PINTO *et al.*, 2004, p. 103). Chaparro afirma ainda que “ter bons laboratórios constitui uma peça importante não apenas para aprender a fazer mas também para aprender a pensar, no sentido

em que constroem um espaço para o qual pode convergir a integração das várias vertentes do saber” (PINTO *et al.*, 2004, p. 101). Nessa concepção, tem-se que a dimensão laboratorial é propiciadora da integração teoria e prática, o que já foi apontado em seção anterior (3.2), demonstrando-se a importância que se deve dar às aulas práticas e ao preparo técnico delas para que se tenha uma:

[...] dimensão laboratorial que confere elevada visibilidade aos trabalhos dos alunos e onde é possível identificar a articulação permanente entre as dimensões teórica e prática, discernível na forma como os alunos concretizam os conteúdos jornalísticos em ambiente laboratorial. (COELHO, 2016, p. 9).

Da mesma forma, Porcello (2015, p. 71-72) atenta para a importância do laboratório no ensino de Jornalismo: “teoria e prática devem ser complementares no ensino de telejornalismo e os laboratórios de TV devem propiciar aos alunos as experiências e vivências do mundo real onde o jornalismo atua com seu poder de mediador”.

Para que haja a complementaridade citada por Porcello (2015) entre teoria e prática no ensino de telejornalismo, e que os laboratórios de TV propiciem aos alunos desafios que sirvam como “preparação para a vida profissional no mercado de trabalho” (PORCELLO, 2015, p. 75), a equipe técnica deve atuar em conjunto com professores e alunos numa busca constante pela oferta adequada de atividades e estrutura laboratorial que permitam uma experiência prática em que “os alunos possam ter cada vez mais contato com o mundo real que eles encontrarão na prática jornalística diária” (PORCELLO, 2015, p. 69).

Para ilustrar a importância do espaço laboratorial para a formação profissional, segue trecho da entrevista com TAE-1:

pro profissional [...] sair como profissional em Jornalismo, né? E atuante nos vários meios, sabendo das várias linguagens e formatos, tem que passar por essa experiência em estúdio. Porque é... não só uma questão de mercado: “ah, é o que tem no mercado”. Mas é uma... uma... uma condução da atividade, né? Atividade tá ali, tem um alicerce ali, né? Dentro de estúdios de TV [...] É muito, tá tudo muito ali junto e misturado. Não tem como você possibilitar uma formação em Jornalismo sem oferecer essa estrutura técnica e essa atuação ali, né? Nem... não só em termo de aprendizado quanto de experimentação. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Endossando essa assertiva de que o estúdio de TV e as atividades de ensino em telejornalismo ali desenvolvidas são relevantes na formação profissional, um docente e sete alunos respondentes ao questionário marcaram a opção de que nas atividades práticas em telejornalismo realizadas no estúdio de TV “objetiva-se que os alunos desenvolvam conhecimento e habilidades inerentes à profissão telejornalística” (Gráfico 8).

Tomando-se o relato de TAE-1 e esse último apontamento no questionário aplicado, nota-se que estão em consonância com os apontamentos teóricos de Porcello (2015) mencionados acima. Ou seja, a experimentação em estúdio de TV é uma dimensão que deve ser constantemente considerada e avaliada em um curso de Jornalismo para que a formação profissional se cumpra de forma efetiva.

A título de exemplificação de um espaço laboratorial referencial para um aproveitamento da estrutura técnica para uma formação profissional que capacite alunos para a prática profissional diária futura, toma-se uma universidade privada: a Estácio de Sá *campus* Niterói. Tem-se o caso de um laboratório de TV em que o desenvolvimento de uma TV com a presença de profissionais do mercado jornalístico propicia um ambiente onde “a convivência necessária e cotidiana com vários segmentos profissionais estimula a curiosidade, a criatividade do aluno e a necessidade de estar sempre aprendendo” (MORAIS; FERREIRA, 2015, p. 159):

no curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá, em Niterói, os alunos são convidados a conhecer o laboratório de TV, no 1º período, mais precisamente na primeira semana de aula, quando é conduzida, por um professor, a visita guiada ao Núcleo de Comunicação (NUCOM), onde estão instalados os laboratórios práticos (Mídia Impressa, Rádio, Televisão, Fotografia e Mídias Digitais). As instalações da TV Estácio compreendem um estúdio de 104 m², pintado com *chroma-key*, equipado com duas câmeras, um teleprompter e onde fica montado permanentemente o cenário de telejornal, que atualmente chama-se *Boletim Estácio*, e vai ao ar ao vivo todos os dias de aula às 18h10min. Anexo ao estúdio, há um *switcher* completo, de 11 m², com mesa de corte. Pertencem também à TV Estácio duas ilhas digitais de edição, que funcionam ainda como salas de aula, com aproximadamente trinta lugares. (MORAIS; FERREIRA, 2015, p. 147).

Com efeito, um curso de Jornalismo em que se tem a atuação/colaboração de profissionais experientes se torna mais enriquecedor e mais profissionalizante. Nesse viés, destaca-se a importância também de uma coordenação laboratorial,

também na pessoa de um profissional com experiência, orientadora das atividades desenvolvidas nesse espaço laboratorial, como ocorre na instituição citada:

[...] Há momentos em que colaboradores voluntários e o estagiário desempenham atividades semelhantes, ambos sob **orientação do coordenador de laboratório, que é um docente, mas também um telejornalista com sólida experiência de mercado**. (MORAIS; FERREIRA, 2015, p. 160, grifo nosso).

Essa importância da experiência profissional é percebida na atuação de auxílio acadêmico aos graduandos, como apontado em:

aos acadêmicos, junta-se a equipe técnica formada por profissionais de mercado, que atuam, em alguns casos, em emissoras de tevê e produtoras de conteúdo, alguns deles egressos do curso [...] chegam a sugerir aos alunos soluções para seus projetos, a fim de atender as demandas das disciplinas, das reportagens externas e dos trabalhos executados em estúdio [...].

[...] Embora sem formação pedagógica, a equipe técnica se esmera em orientar os acadêmicos acerca das características da linguagem televisiva no que se refere às questões técnicas, que vão desde o posicionamento do repórter, escolha dos planos, posicionamento do microfone, entre outros fatores inerentes ao cotidiano da reportagem, já apresentados em sala de aula, mas que merecem reforço no momento da prática. (MORAIS; FERREIRA, 2015, p. 148).

Ainda enfatizando a importância da dimensão laboratorial na formação profissional do egresso em Jornalismo, Antonioli (2018) chama a atenção para a exigência de domínio tecnológico e a manutenção dos laboratórios, a fim de que estes acompanhem os avanços tecnológicos e assim não se comprometa a efetiva formação:

[...] é exigido também que o egresso domine o instrumental tecnológico – hardware e software – utilizado na produção jornalística, conforme o previsto nas Diretrizes Curriculares. Ainda, com referência a esta questão, deve ser mencionada a necessidade de os cursos manterem atualizações laboratoriais constantes, tendo em vista o célere desenvolvimento tecnológico. (ANTONIOLI, 2018, p. 29).

Esse apontamento retoma o tema da influência do cenário digital no ensino e formação profissional de Jornalismo, discutido na seção 3.2, atentando-se para a

necessidade de o espaço laboratorial acompanhar os avanços tecnológicos, dado que

o impacto das novas tecnologias afeta significativamente as rotinas de produção em jornalismo audiovisual, por isso professores e alunos devem, juntos, enfrentar os desafios que servem na faculdade e nos laboratórios de TV como preparação para a vida profissional no mercado de trabalho. (PORCELLO, 2015, p. 74-75).

Argumento esse que leva a lembrar que as DCN para o curso de Jornalismo (BRASIL, 2013) fizeram com que o curso de Jornalismo da UFJF passasse por

significativas alterações curriculares, com o objetivo de atender às novas Diretrizes Curriculares Nacionais e se adequar às novas exigências da realidade do Jornalismo, um campo profissional fortemente impactado pelas evoluções tecnológicas e novas formas de comunicação. (UFJF, 2015b, p. [27]).

Considerando-se tal cenário, reitera-se que nós da equipe técnica devemos atuar em conjunto com professores e alunos nessa busca de superação das dificuldades a serem enfrentadas nos desafios atuais na formação profissional de jornalistas. Segue um trecho da entrevista com TAE-2 que representa bem o movimento de busca no envolvimento nesses desafios:

[...] a tecnologia vai evoluindo e algumas coisas vão acontecendo de mudança, você tem que acompanhar essa mudança. Então não adianta só o professor ver que tá sendo mudado, ensinar pro aluno alguma mudança e você ficar lá igual um “pastel”, lá de braço cruzado, com a (câmera apontada) pro cara (aluno) e não sabendo o que que tá acontecendo, cara. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

Tendo-se visto a importância do espaço laboratorial para a formação profissional e os desafios existentes, infere-se que tal ambiente deve ser bem gerido, para que as atividades e os equipamentos e acessórios envolvidos sejam bem utilizados e possibilitem o ensino e a formação apropriados. Ademais, é válido lembrar que laboratórios são importantes na verificação de infraestrutura durante a Avaliação Externa *in loco* realizada nas IES pelo MEC, a qual “consiste na composição de comissões de especialistas para a realização de avaliações externas

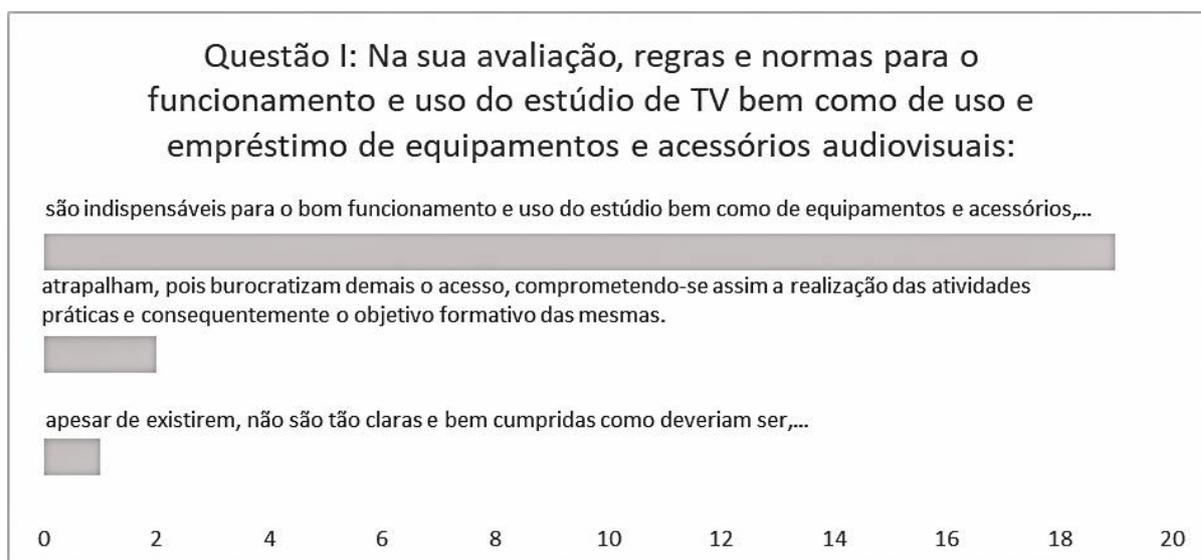
de instituições e cursos de graduação com o uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2021, p. 3). Portanto, a organização e funcionamento do espaço laboratorial deve ser um critério de constante preocupação para o funcionamento do curso.

Retomando-se o conceito de Qualidade de Vida no Trabalho, abordado por Ferreira (2015) e apresentado na subseção 2.3.3 do capítulo descritivo, tomando-se o espaço laboratorial como parte de uma organização (no caso a FACOM), a existência de normas e regras (regulamento) representa um fator determinante para uma adequada gestão organizacional para a promoção de QVT e conseqüentemente de um ambiente organizado e capaz de atender ao seu propósito pedagógico e formativo.

Assumindo-se o pensamento descrito acima, todos os docentes e 15 dos 18 discentes participantes assinalaram no questionário aplicado a opção que afirma, na opinião dos respondentes, que regras e normas para o funcionamento e uso do estúdio de TV bem como de uso e empréstimo de equipamentos e acessórios audiovisuais “são indispensáveis para o bom funcionamento e uso do estúdio bem como de equipamentos e acessórios, criando-se assim um ambiente propício à realização de atividades práticas de forma organizada, sem que haja descontrole e prejuízos aos envolvidos”.

As respostas dos participantes estão apresentadas no Gráfico 9:

Gráfico 9 – Respostas à questão I do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

De acordo com o observado no Gráfico 9, dois alunos assinalaram a opção de que tais regras e normas “atrapalham, pois burocratizam demais o acesso, comprometendo-se assim a realização das atividades práticas e conseqüentemente o objetivo formativo das mesmas”. Esse apontamento traz em si a preocupação com a má visão da burocracia, como Cancian (2006, recurso online) alerta:

nas últimas décadas, no Brasil e no mundo, o termo burocracia adquiriu fortes conotações negativas. É popularmente usado para indicar a proliferação de normas e regulamentos que tornam ineficientes as organizações administrativas públicas, bem como corporações e empresas privadas [...].

O leigo, em geral, costuma criticar o aparelho burocrático, devido à sua rigidez administrativa, inadequação das normas e grande quantidade de regulamentos. Estes aspectos produzem resultados contrários aos esperados, como, por exemplo, a lentidão dos processos.

A existência de regras e normas não pode ser encarada como uma burocratização que só atrapalha, que em nada contribui para a garantia da realização de práticas com o uso do estúdio e respectivos equipamentos e acessórios, bem como nos empréstimos destes. É necessário, sim, que haja regras e normas que representem “mecanismos burocráticos, longe de representarem obstáculos e entraves como costumeiramente são retratados, podem constituir-se em eficientes instrumentos para esse desenvolvimento” (SANTOS; MARQUES, 2015, p. 27).

Apenas um aluno respondente ao questionário assinalou a opção que afirma que regras e normas para o funcionamento e uso do estúdio de TV bem como de uso e empréstimo de equipamentos e acessórios audiovisuais “apesar de existirem, não são tão claras e bem cumpridas como deveriam ser, não fazendo tanta diferença na realização de atividades práticas” (ver Gráfico 9). Partindo-se desse posicionamento, atenta-se aqui que esse regulamento precisa ser claro, divulgado, observado e cumprido para que se alcance o objetivo desejado de auxiliar numa boa realização de atividades práticas de telejornalismo.

Apesar de se ter uma visão negativa da burocracia por alguns, não se pode negar que

a organização burocrática é condição sine qua non (“sem o qual não pode existir”) para o desenvolvimento de uma nação, por ser

indispensável ao funcionamento do Estado, **gestor dos serviços públicos**, e de todas as atividades econômicas particulares. (CANCIAN, 2006, recurso online, grifo nosso).

A demanda de uma regulamentação para uso do espaço laboratorial bem como para empréstimos e manuseio de equipamentos e acessórios audiovisuais na FACOM representa bem a necessidade que um espaço público tem de uma gestão burocrática eficiente. A equipe técnica, diretamente relacionada a esse aspecto burocrático administrativo, também assume a função de, democraticamente e conjuntamente com alunos e professores, elaborar, acompanhar e avaliar um regulamento que atinja o que retrata o significado de Qualidade de Vida no Trabalho

um conjunto de normas, diretrizes e práticas no âmbito das condições, da organização e das relações socioprofissionais de trabalho que visa à promoção do bem-estar individual e coletivo, o desenvolvimento pessoal dos trabalhadores e o exercício da cidadania organizacional nos ambientes de trabalho. (FERREIRA, 2015, p. 21).

e se traduza na assertiva de que regras e normas para o funcionamento e uso do estúdio de TV bem como de uso e empréstimo de equipamentos e acessórios audiovisuais “são indispensáveis para o bom funcionamento e uso do estúdio bem como de equipamentos e acessórios, criando-se assim um ambiente propício à realização de atividades práticas de forma organizada, sem que haja descontrole e prejuízos aos envolvidos”. Dessa forma, pode-se contribuir para a diminuição do impacto negativo ocasionado pela falta de técnicos para atuarem nas aulas práticas e sobrecarga de trabalho, conforme abordado na seção seguinte.

Um laboratório de produção audiovisual a ser considerado como exemplo dos benefícios de uma burocracia na gestão do espaço laboratorial é o Núcleo de Ensino e Produção em Televisão/Estúdio de TV da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. O espaço apresenta uma coordenação, ocupada por uma docente, sendo o coordenador substituto o TAE-UFRGS. Além desse TAE, integram a equipe do núcleo dois funcionários terceirizados.

O que vale destacar desse espaço de ensino-aprendizagem é a adequação técnica e a participação dos professores, de maneira que as questões relacionadas a este espaço, segundo o TAE-UFRGS, são tratadas em dois níveis:

- a) formal, com comunicações realizadas entre a direção da faculdade, a comissão de graduação e a vice-coordenação do núcleo (que trata das questões acadêmicas). Esta última, em geral, levanta nas reuniões de departamento quais as demandas e necessidades dos docentes, bem como a necessidade de bolsistas e quais são as disciplinas autorizadas a usar o espaço e equipamentos do núcleo; e
- b) informal, consulta direta ao TAE quanto à disponibilidade de horários para agendamento de: empréstimo de equipamentos para gravações externas; gravações em estúdio ou edição audiovisual para as disciplinas e projetos; e tira-dúvidas e dicas para os alunos quanto a soluções técnicas. Os professores que utilizam o laboratório para as atividades práticas têm ampla possibilidade de contatar o técnico tanto por e-mail quanto pessoalmente, seja para esclarecer dúvidas ou encaminhar projetos – dentro das possibilidades técnicas do laboratório.

Ficam sob a responsabilidade do TAE: a ordenação e o uso dos equipamentos, agendar as atividades práticas, encaminhar compras e manutenções técnicas, fiscalizar as atividades dos terceirizados e bolsistas; e realizar treinamentos. Todas as atividades devem ser agendadas com antecedência e precisam atender às regras de funcionamento do laboratório. Não é permitido a pessoas sem treinamento e vínculo direto (técnico ou bolsista) manusear os equipamentos sem permissão. Há também canais abertos de comunicação com a direção da unidade, com o departamento de TI e de infraestrutura da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação para atender às demandas dentro do possível (do ponto de vista logístico e orçamentário).

Apropriando-se de tudo o que foi apresentado nesta seção, nota-se que pesquisar o papel do TAE, bem como dos funcionários terceirizados pertencentes à equipe técnica, no processo de ensino e aprendizagem no curso de Jornalismo, torna-se uma forma de se reafirmar a importância que este profissional tem na formação profissional dos alunos. Isso uma vez que as disciplinas do eixo curricular de prática laboratorial são consideravelmente apoiadas e assistidas pela equipe técnica envolvida, dando suporte técnico, manutenção e auxílio no processo de ensino-aprendizagem, possibilitador da formação de jornalistas que atendam às normas das diretrizes curriculares bem como às exigências de um mercado em

constante transformação. Essa atuação técnica será agora mais aprofundada, analisada e discutida teoricamente na próxima seção.

3.5 ATUAÇÃO TÉCNICA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Esta seção apresenta e discute as abordagens teóricas retratadas por Castro (2017), que tratam das competências e perfis profissionais de TAEs e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem, trazendo-se aportes teóricos de Rezende (1984), Buarque (1994), Angst (2017) e Ramos e Macêdo (2018), que tratam da organização de trabalho de universidades e escolas; apontamentos de Alves (2015), Antonioli (2018) e Cirne *et al.* (2018), os quais abordam aspectos técnico-didáticos em Jornalismo; e também ideias de Magalhães *et al.* (2010), que tratam da questão do treinamento de servidores técnico-administrativos em educação. Tudo isso para se analisar e discutir a relação entre a equipe técnica da FACOM e o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas atividades práticas de telejornalismo no estúdio. No intuito de exemplificar casos em que há uma atuação técnica participativa no processo de ensino-aprendizagem, são descritos nesta seção o Laboratório de Telejornalismo do curso de Jornalismo da UFSC e laboratórios de ensino do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

É válido trazer o apontamento feito por Castro (2017) quanto ao fato de o ingresso de mais servidores técnico-administrativos em educação com maior nível de formação e qualificação (realidade presente na UFJF, conforme Tabela 1 apresentado no capítulo descritivo) promover novas concepções sobre a organização e a execução do trabalho administrativo. Com isso, de acordo com a autora, os processos de trabalho são realizados de forma mais interativa, participativa, crítica e reflexiva. É nesse sentido que se pretende aqui refletir sobre o trabalho de TAEs que “não só executam as tarefas, mas buscam novas formas para executá-las e alcançar resultados cada vez mais positivos” (CASTRO, 2017, p. 200).

Em um trecho da entrevista com TAE-1, percebe-se a busca pela realização do trabalho técnico de uma forma que se aproxima à indicada por Castro (2017), em que se tem mais interação e participação do técnico, com o necessário posicionamento crítico e reflexivo:

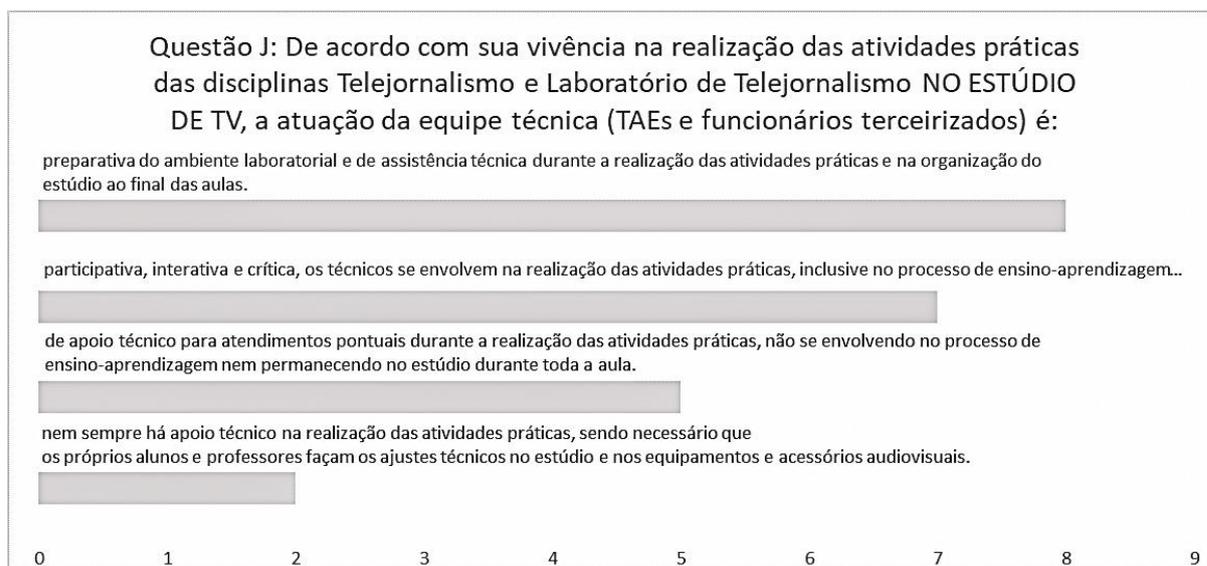
[...] o que eu entendo [...] de telejornalismo, de produção. [...] Se deu muito por [...] procurar saber, procurar estudar, procurar conversar com os professores, né? O que vocês estão propondo, até pra eu poder ajudar, poder auxiliar nas aulas, né? Então [...] eu tentei assim, sempre tentei estabelecer esse diálogo e entender as demandas pra saber como formatar o meu trabalho pro atendimento dessas demandas, né? (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

A fala de TAE-1, que atuava mais na área de fotografia e planejamento gráfico no curso de Jornalismo de outra universidade federal, evidencia como sua dinâmica de trabalho foi alterada vindo atuar na FACOM da UFJF, alteração esta que exigiu um esforço de adaptação e busca por autocapacitação e de diálogo e comunicação/interação com os professores envolvidos com as disciplinas de telejornalismo. Além disso, valeu-se de sua formação em Jornalismo e das experiências profissionais e vivências em outras áreas jornalísticas para uma atuação nas atividades práticas de telejornalismo. Tal empenho empreendido por TAE-1 é um exemplo de ação que a equipe técnica é capaz de buscar para que se amplie a participação dela no processo de ensino-aprendizagem, em conjunto com professores e alunos.

Apropriando-se dos resultados do questionário aplicado a professores e alunos, a resposta de dois professores e cinco alunos respondentes ao questionário indicam uma atuação técnica “participativa, interativa e crítica, os técnicos se envolvem na realização das atividades práticas, inclusive no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido com as mesmas”. Afirmação esta que confirma essa busca por uma atuação técnica mais participativa pedagogicamente.

As respostas a esta questão estão expostas no Gráfico 10:

Gráfico 10 – Respostas à questão J do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Por outro lado, na percepção de um docente e quatro discentes, na realização das atividades práticas das disciplinas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo no estúdio de TV, a atuação da equipe técnica (TAEs e funcionários terceirizados) da FACOM é “de apoio técnico para atendimentos pontuais durante a realização das atividades práticas, não se envolvendo no processo de ensino-aprendizagem nem permanecendo no estúdio durante toda a aula”, declaração esta que refuta a concepção de uma atuação técnica mais participativa, interativa e crítica, atuante mesmo no processo de ensino e aprendizado.

Dessa maneira, é importante reconhecer que é necessário se desenvolver mais e melhor a participação/interação de técnicos no planejamento, organização e realização das atividades práticas de ensino na FACOM. É necessário demonstrar o que apregoa a ideia trazida por Castro (2017) de que TAEs também educam (atividade-fim) por meio de seu trabalho administrativo (atividade-meio), quando se tem o aluno como foco. Tal assertiva encontra embasamento teórico no pensamento de Rezende (1984, p. 29) de que “administrar é educar ou deseducar”, não havendo meio-termo. Portanto, “o comportamento administrativo poderá manifestar seu alcance pedagógico de diversas maneiras” (CASTRO, 2017, p. 263).

É nesse contexto que o papel do técnico deve ser investigado para se avaliar a importância de sua colaboração no processo de ensino-aprendizagem e de formação profissional nos laboratórios de aulas práticas. Alves (2015) destaca a importância da linguagem técnica para o aprendizado jornalístico, sobretudo a

edição de imagens, deixando clara a importância da existência de um laboratório para o desenvolvimento prático da disciplina. O conhecimento técnico é demonstrado como um facilitador na aprendizagem e desenvolvimento profissional: “[...] o que se defende aqui é que o acadêmico que tem noções de edição de imagens desenvolve de forma mais satisfatória a sua pauta. Parece contraditório, no entanto pesquisa empírica comprova a afirmação” (ALVES, 2015, p. 99).

Um comentário de um aluno registrado no campo do questionário para livres comentários reforça a importância do conhecimento e experiência técnicos para o ensino e aprendizado:

em diversos momentos, os técnicos-administrativos do laboratório de TV eram os únicos que sabiam manusear, posicionar, editar etc. as ferramentas técnicas [...] Em muitas situações, os técnicos-administrativos ensinaram [...] por entenderem e estudarem o assunto, mas também lidarem com as ferramentas diariamente, ajudando os alunos. (QUESTIONÁRIO, aplicado em 2021).

Utilizando-se ainda o conteúdo desse livre comentário deixado pelo aluno, traz-se para esta discussão uma dificuldade presente, relatada em Congregação e brevemente discutida na seção 3.2 – a escassez de pessoal técnico na faculdade: “outro problema era quando ninguém sabia usar o equipamento mas, por terem poucos funcionários, técnicos-administrativos não conseguem nos auxiliar [...] Seria ideal ter pelo menos um funcionário por laboratório [...]”. (QUESTIONÁRIO, aplicado em 2021).

É válido trazer aqui a seguinte fala de TAE-1, ao ser questionado em relação a dificuldades enfrentadas na realização das atividades práticas, destacando-se o número reduzido de técnicos para atuarem durante as atividades práticas:

somos poucos e muitas vezes quando começa encadear uma disciplina na outra, isso gera um problema pra gente, uma dificuldade que é exatamente seguir aquela rotina de organização: montar, conseguir acompanhar e desmontar. Então quando tá muito encadeado e a gente tem que reservar também os empréstimos, nas outras demandas fora estúdio, né? Aí eu acredito que isso seja uma dificuldade [...] por tá tudo muito ali embolado [...] desencadeado. Aí termina uma disciplina já chega outra. Você mal conseguiu desmontar e já tá correndo tempo pra outra e [...] eu acho que isso pode se tornar [...] uma dificuldade ainda maior [...] A gente já tá no currículo novo que a parte técnica é muito mais presente ali. Então, assim, com o avançar dos períodos, vai ter muita atividade

acontecendo ao mesmo tempo. E por falta de pessoal [...] E aí eu acho que vem uma dificuldade, né? A gente não tem, assim, um técnico de laboratório [...] um técnico em audiovisual pra ficar ali, né? Simplesmente ali [...] na condução de tudo isso e tudo [...] É uma dificuldade que envolve a [...] essa questão [...] de falta de pessoal. Porque a gente tem que acompanhar [...] A gente tem que zelar pelo patrimônio, a gente tem que conservar e a gente tem também que [...] possibilitar [...] aprimoramento, não só conserto quanto: “ó, tá precisando comprar outro. Aqui esses equipamentos que já tão dando sinais de que vão parar qualquer momento”. Então, [...] participar dessa condução assim [...] desse zelo com o patrimônio [...] é uma dificuldade quando tem essa superprodução, e nós somos poucos, né? (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Nesse trecho da entrevista com TAE-1, soma-se à falta de planejamento prévio, o qual pode ser traduzido como falta de clareza nas tarefas e organização do trabalho, um número insuficiente de técnicos para se atender às demandas necessárias à realização de tais práticas. Recuperando-se o que foi discutido em relação à gestão pedagógica do processo de ensino-aprendizagem (seção 3.2), essa fala de TAE-1 reitera a importância de um planejamento de atividades práticas, que seja colaborativo entre professores e técnicos. Essa colaboração entre técnicos e docentes vai ao contrário da histórica relação de dominação e conflitos entre as categorias profissionais, sendo apontada por Castro (2017) como uma forma de valorizar o trabalho técnico dentro da universidade, além de aproximar as categorias:

segundo as teorias da Escola de Relações Humanas o reconhecimento é fator intrínseco da motivação humana. O indivíduo tem necessidade de realizar tarefas e tem necessidade de que elas sejam reconhecidas [...] A relação entre a motivação e o desempenho está na necessidade de realização do indivíduo. Portanto, ele precisa realizar-se e ter seu feito reconhecido, como afirmação de sua identidade, que o motiva e contribui para que realize novos projetos. (CASTRO, 2017, p. 229-230).

Ademais, o trabalho desenvolvido pela equipe técnica da FACOM se insere no seguinte enquadramento:

[...] não é meramente administrativo, mas compreende atividades também de ensino e pesquisa [...] Essas funções colocam esses trabalhadores numa classificação subjetiva em que possuem mais ‘capital’, ou seja, mais utilidade para a comunidade. Essa contribuição para além do administrativo facilita o relacionamento e a

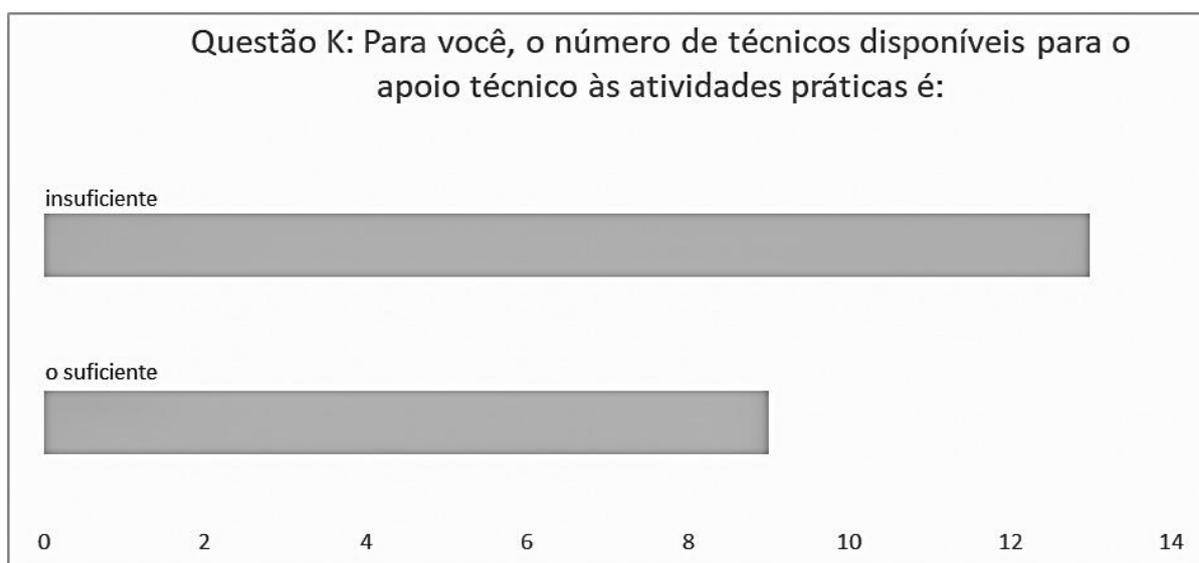
aproximação entre as categorias, devido a um certo prestígio profissional de técnicos e auxiliares. (CASTRO, 2017, p. 230-231).

O seguinte trecho da tese de Castro (2017, p. 161) retrata bem a realidade nessa escassez de técnicos para um atendimento adequado a tais crescentes demandas: “o acúmulo de atividades, somado à escassez de trabalhadores, falta de clareza nas tarefas por parte da Unidade e dificuldade para organização do trabalho tornam-se fatores potenciais de frustração do servidor no ambiente de trabalho”.

Em consonância com esse apontamento de Castro (2017), Ramos e Macêdo (2018) demonstraram em sua pesquisa que o aumento de demandas ao trabalho técnico-administrativo, dentre outros fatores, prejudica o próprio cumprimento das atribuições dos técnicos: “as atribuições cotidianas afetas ao servidor não são cumpridas por falta de adequação do espaço físico, por **sobrecarga de trabalho**, por falta de comunicação entre pares, gestores, segundo os relatos expressos” (RAMOS; MACÊDO, 2018, p. 117, grifo nosso). Considerando-se essa realidade, é inviável se pensar otimizar a atuação técnica sem se considerar tais fatores impeditivos de sua participação mais eficaz, interativa e motivada.

Apesar de a metade dos alunos (nove) respondentes ao questionário apontarem que o número de técnicos disponíveis para o apoio técnico às atividades práticas é o suficiente (vide Gráfico 11 abaixo), o problema de falta de técnicos apontado foi reverberado por todos os professores e pela outra metade dos alunos (nove), os quais assinalaram a opção “insuficiente” para a questão sobre o número de técnicos disponíveis para o apoio técnico às atividades práticas. Reverberou ainda na perspectiva de dois alunos que marcaram a seguinte assertiva para o questionamento quanto à atuação da equipe técnica (TAEs e funcionários terceirizados) nas atividades práticas investigadas: “nem sempre há apoio técnico na realização das atividades práticas, sendo necessário que os próprios alunos e professores façam os ajustes técnicos no estúdio e nos equipamentos e acessórios audiovisuais” (ver Gráfico 10). Apesar de esta última afirmação não indicar diretamente a falta de técnicos, ela é o reflexo justamente da realidade descrita por TAE-1 no trecho da entrevista descrito acima. As respostas acerca do número de técnicos disponíveis para o apoio técnico às atividades práticas estão expostas no Gráfico 11:

Gráfico 11 – Respostas à questão K do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A falta de recursos humanos, seja de TAEs, de terceirizados ou de docentes, trata-se de um problema cuja resolução foge do alcance da proposta desta pesquisa: realização de concursos públicos e contratação por terceirização. Como discutido em seções anteriores, um planejamento conjunto e a existência de regulamentos laboratoriais são medidas que podem diminuir os impactos dessa falta de pessoal técnico para atender às demandas práticas e eventual sobrecarga de trabalho, promovendo-se uma organização que alcance a QVT que promova a almejada participação técnica no processo de ensino-aprendizagem.

Além da falta de pessoal técnico para se atender às demandas práticas, outras dificuldades enfrentadas pelos TAEs e terceirizados em contribuir de forma mais efetiva para o processo de ensino-aprendizagem estão ligadas a um distanciamento, descrito no trabalho de Castro (2017), entre as categorias TAE e Docente, além de trabalhadores terceirizados, uma vez que isto dificulta a construção de um trabalho em conjunto que beneficie o ensino superior e a universidade democrática. Isso porque, segundo a mesma autora, a qualidade desse nível de ensino se deve aos recursos humanos da universidade, que são: o pessoal técnico-administrativo em educação somados ao exercício de professores e terceirizados. E por isso mesmo, todos devem ser considerados essenciais para que as atividades institucionais sejam efetivadas.

Para contextualizar esse distanciamento, toma-se um trecho da entrevista realizada com TAE-1, quando foi questionado o que é ensinado nas atividades das

disciplinas práticas investigadas. Identifica-se uma certa limitação nessa construção de um trabalho em conjunto, indicada por Castro (2017): “a gente não tem acesso a muitas das aulas, né? [...] A gente precisa conhecer mais do que que eles estão propondo pra formação desse profissional” (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021). A assertiva de que a equipe técnica não tem acesso a muitas das aulas demonstra como o acompanhamento técnico é limitado, uma vez que não há como se contribuir de forma efetiva para o processo de ensino-aprendizagem sem se ter um necessário e adequado conhecimento do que se desenvolve em tais aulas.

Outro trecho da entrevista com TAE-1 retrata a atuação técnica no processo de ensino e aprendizagem, apesar da limitação do técnico em saber o que é ensinado aos alunos:

mas assim, ali dentro de sala de aula, saber, né? Se o aluno tá aprendendo [...] a configurar a câmera, a montar um tripé, a qual o microfone usar pra qual... pra qual demanda, né? Isso não acontece muito com a gente, lá dentro da sala de aula. Mas isso acontece muito ali na sala de empréstimo, né? Que aí chega, aí o aluno chega com aquela demanda de equipamento e a gente acaba explicando muita coisa. E também talvez ajudaria se a gente já tivesse ali na sala, já taria ali adiantando desse lado, né? (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Essa interação entre técnico e discente descrita por TAE-1, a qual se relaciona diretamente ao processo de ensino-aprendizagem, demonstra como é importante se reconhecer que a construção da universidade e conseqüentemente do ensino superior perpassa pelo trabalho conjunto entre técnicos, professores e alunos (BUARQUE, 1994). Não se pode ignorar o fato de que as interações entre alunos, professores e técnicos em uma universidade se assemelham ao descrito em: “congrega pessoas em torno de um objetivo comum, fazendo-as interagir umas com as outras, visando organizar os processos de **ensino** e obter melhores resultados de **aprendizagem**, através dos meios e mecanismos disponíveis” (ANGST, 2017, p. 3, grifo nosso). Portanto, não se pode negar a cooperação técnica no processo de ensino e aprendizagem.

Para se exemplificar novamente a interação do técnico com o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas atividades práticas laboratoriais de telejornalismo, destaca-se a seguinte fala de TAE-1 o qual, ao ser perguntado sobre

como ocorrem tais atividades, qual a dinâmica de trabalho empreendida, apresentou a seguinte descrição:

então a gente estrutura o espaço e acompanha, né? [...] Atuando nos laboratórios, na disciplina de laboratório de produção também em telejornalismo, posso dizer que a grande maioria, ali no estúdio B, eu atuei junto com os professores, né? Não estavam só os alunos [...] muitas vezes, os professores davam os primeiros comandos, os alunos conduziam e eu só acompanhei ali, né? [...] a gente tanto faz a montagem, o acompanhamento. Claro que a gente tira as dúvidas técnicas, né? [...] “Ah, consigo mudar essa luz?” “Ah, esse enquadramento ficou bom?” “Olha só! Presta atenção [...]” “Vamos usar um filtro aqui.” “[...] quem sabe direcionar dessa forma, né?” E a gente acompanha. Vê se dá certo, né? [...] aquela produção, aquela gravação [...] e depois tem toda a desmontagem, né? Desmontagem do estúdio, organização [...] do estúdio e tudo o mais. Isso é o que eu posso dizer [...] de rotina. Organizar pra deixar tudo pronto, desmontado e organizado pra próxima atividade. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Nessa fala, TAE-1 descreve uma atuação técnica na realização das atividades práticas de telejornalismo que confirma o caráter técnico preparativo e organizador do ambiente laboratorial – atributo técnico confirmado por um docente e sete alunos respondentes ao questionário, os quais assinalaram a opção de que a atuação da equipe técnica (TAEs e funcionários terceirizados) é: “preparativa do ambiente laboratorial e de assistência técnica durante a realização das atividades práticas e na organização do estúdio ao final das aulas” (vide Gráfico 10).

No entanto, TAE-1, ao relatar o tirar dúvidas técnicas de alunos, demonstra uma atuação além de um mero suporte em solucionar problemas técnicos e preparar o espaço laboratorial. Para que a interação aluno, professor e técnico seja mais consolidada e aprimorada visando-se fortalecer o ensino-aprendizagem, destaca-se aqui a relevância de a equipe técnica buscar conhecer o conteúdo teórico envolvido nas práticas laboratoriais. Ao questionar sobre a importância de se conhecer o conteúdo que é ensinado no curso de Jornalismo no desempenho técnico, obteve-se a seguinte resposta:

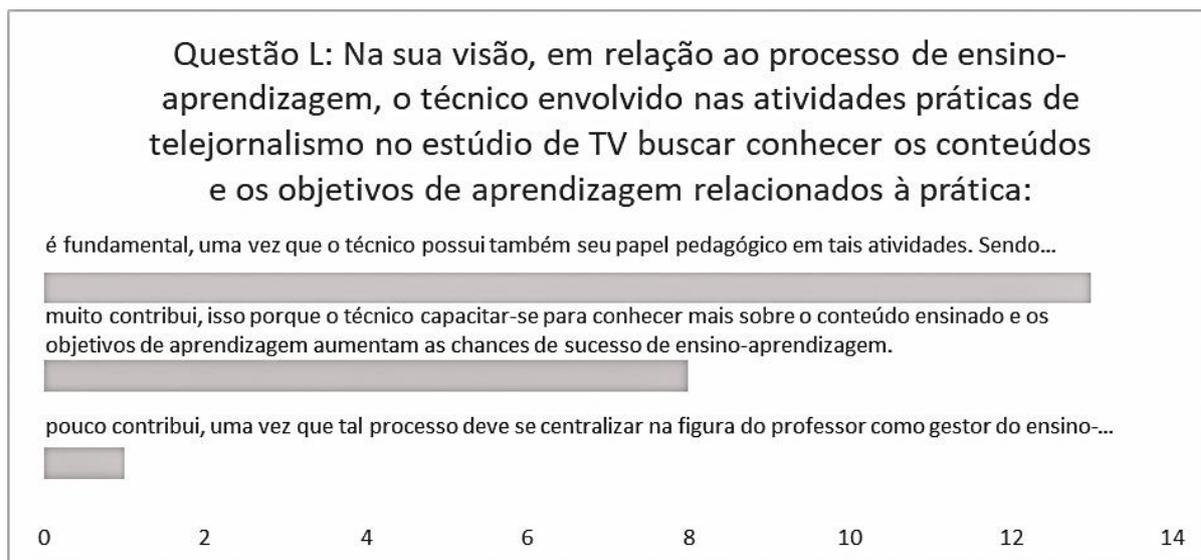
[...] é essencial conhecer o conteúdo... eu acho que a gente também precisa estar atuante [...] no estabelecimento desse conteúdo. Porque são disciplinas técnicas, disciplinas práticas, que envolvem técnicas, que envolvem o nosso trabalho diretamente [...] Então, assim, é essencial que a gente conheça, participe [...] da estipulação [...] desses parâmetros curriculares, né? Que a gente troque ideias

junto aos docentes, aos colegas técnicos e terceirizados [...] e não só [...] conheça quanto atue junto, né? [...] Pra gente atuar junto aos alunos, a gente tem que conhecer, saber o que está sendo proposto, como pode ser aperfeiçoado e como que a gente transforma, né? [...] Como que a gente transforma esse plano pedagógico em atividades de ensino-aprendizagem, né? Então minha atuação está diretamente vinculada a como que esse plano pedagógico foi estipulado, né? Por isso que eu acho que o diálogo, né? Quanto mais esse plano for feito conjuntamente, melhor. Porque eu acho que fica até uma... um plano de trabalho, uma atuação técnica e administrativa muito mais coerente e com muito mais qualidade ali. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

Depreende-se com essa resposta que o papel técnico se insere no processo de ensino-aprendizagem, ao estar envolvido diretamente com as disciplinas práticas. Considerando-se tal realidade e a partir do reconhecimento do trabalho técnico como atividade-meio da educação superior, pode-se notar que esse envolvimento técnico no processo pedagógico de ensino-aprendizagem é uma atividade-meio muito relacionada com a atividade-fim. Tomando-se o texto de Rezende (1984, p. 36), encontra-se essa percepção de maior ou menor aproximação dos meios aos fins: “mas se falamos de uma participação dos meios na caracterização do fim, isto significa também que eles se distinguem entre si pelo maior ou menor grau desta participação”. Portanto, buscar essa aproximação por meio do maior envolvimento da equipe técnica no processo pedagógico é fortalecer e aprimorar a atuação técnica e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem, atividade-fim da universidade.

Reafirmando-se a ideia de que a equipe técnica é participante ativa no processo de ensino-aprendizagem, tomam-se os seguintes resultados obtidos com a aplicação do questionário a alunos e professores, quanto ao que pensam sobre o técnico envolvido nas atividades práticas de telejornalismo no estúdio de TV buscar conhecer os conteúdos e os objetivos de aprendizagem relacionados à prática:

Gráfico 12 – Respostas à questão L do questionário



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Pelo exposto no gráfico, verifica-se que:

- 3 docentes e 10 dos 18 alunos (mais da metade) assinalaram a assertiva “é fundamental, uma vez que o técnico possui também seu papel pedagógico em tais atividades. Sendo assim, é necessário que a equipe técnica seja capacitada e se envolva na gestão pedagógica do processo de ensino-aprendizagem”;
- 1 professor e 7 alunos marcaram a alternativa que afirma “muito contribui, isso porque o técnico capacitar-se para conhecer mais sobre o conteúdo ensinado e os objetivos de aprendizagem aumentam as chances de sucesso de ensino-aprendizagem”;
- Apenas 1 aluno assinalou que “pouco contribui, uma vez que tal processo deve se centralizar na figura do professor como gestor do ensino-aprendizagem”. Tal alternativa, embora tenha sido escolhida por apenas 1 aluno, sugere a necessidade de uma aproximação maior entre a equipe técnica e os docentes e discentes, para que o processo de ensino-aprendizagem seja um trabalho de cooperação não somente entre alunos e professores, mas sim um processo compartilhado entre docentes, discentes e técnicos. A participação do técnico no contexto de atividades práticas de telejornalismo remete ao almejado processo educacional democrático e participativo descrito por Angst (2017), o qual foi pensado numa perspectiva escolar, mas que pode ser reproduzido no ambiente

universitário como argumento da importância de não se reduzir o processo educacional somente sob a ótica docente:

pensar a educação e o processo de gestão educacional apenas pela ótica docente é negar que as aprendizagens escolares e a reconstrução do conhecimento pressupõem um mínimo de materialidade: espaço escolar, material didático, registro acadêmico, relações interpessoais, etc. Os espaços transpiram conhecimento, os materiais exigem conhecimento e os registros geram conhecimento. Para isso e outras coisas mais, é fundamental a presença de profissionais que exerçam as atividades que não são exatamente de docência, mas que dão suporte à docência e ao próprio processo educacional. Integrar de forma participativa os docentes e os não-docentes em esforços coletivos, imbuídos de objetivos comuns é, acima de tudo, dar base para que o processo educacional democrático e participativo aconteça. (ANGST, 2017, p. 4).

Por isto, sendo a equipe técnica, envolvida em práticas laboratoriais com docentes e alunos, devemos buscar uma atuação conjunta com estes, a fim de permitir que tais práticas representem “uma oportunidade de contato efetivo com a prática do Jornalismo de televisão, aplicando as teorias em experiências pedagógicas, antes da inserção dos estudantes no mercado de trabalho” (CIRNE *et al.*, 2018, p. 102). Assim se percebe o quão essencial é a atuação técnica nas práticas laboratoriais no curso de Jornalismo, as quais, como vimos na seção anterior e demonstrado por Cirne *et al.* (2018), é fundamental para a formação de egressos que atendam às expectativas do mercado.

Um exemplo em que há uma atuação técnica interessante em relação a um protagonismo da atuação técnica frente ao processo de ensino-aprendizagem é o Lab Tele do curso de Jornalismo da UFSC. De acordo com o TAE-UFSC, os técnicos são convidados pelos professores para ministrar uma aula inicial de noções gerais sobre câmeras, enquadramentos, edição, dentre outros assuntos técnicos de telejornalismo. Por ter formação na área (graduado em Jornalismo na UFSC em 1988 e cursando Mestrado em Jornalismo na mesma instituição), o TAE, que atua também como supervisor do referido laboratório, criou um vínculo forte com alunos, sendo uma referência para estes e para os professores do curso, uma vez que detém uma forte experiência em técnica jornalística, já tendo atuado como cinegrafista antes de ocupar o cargo na universidade. Quanto ao funcionamento do laboratório, segundo o TAE-UFSC, os alunos aprendem a operar os equipamentos e

programa de edição de vídeo, de forma que consigam realizar as atividades de forma autônoma, tendo-se a supervisão técnica para que não haja mau uso ou até mesmo danos a equipamentos.

Outro exemplo válido apontar aqui é o curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Conforme informado pelo TAE-UFMG, quando os laboratórios de ensino são demandados pelos professores, os TAEs agendam as atividades demandadas. Alguns docentes chegam a convidar os técnicos para contribuírem numa ideia de atividade, principalmente para os alunos dos primeiros períodos. Contudo, o TAE consultado afirmou que os técnicos não são chamados para a discussão ou contribuição para o processo pedagógico. Uma ação que merece ser destacada é a realização de oficinas ministradas pelos técnicos em algumas disciplinas desenvolvidas nos laboratórios audiovisuais.

Considerando-se o exposto acima, não há como se discutir o aprimoramento da atuação técnica no processo de ensino-aprendizagem no curso de Jornalismo da UFJF sem que seja levado em conta o reconhecimento recíproco da importância de cada categoria profissional (docente e técnica), pois “pelo reconhecimento de um grupo pelo outro que se estabelecem relacionamentos estáveis, coesos e justos, porém, não livre de conflitos” (CASTRO, 2017, p. 235). E mesmo não sendo possível eliminar conflitos, que eles possam ser funcionais, para que se melhore o desempenho dos grupos, sob uma visão interacionista, descrita por Castro (2017).

Outro ponto dificultador de um atendimento técnico satisfatório e mais eficiente a demandas práticas e conseqüentemente ao processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas analisadas é justamente a necessidade de treinamento, uma capacitação da equipe técnica, sem a qual não há como se pensar uma participação técnica efetiva no processo de ensino-aprendizagem. Tal constatação é corroborada com os seguintes relatos de TAE-1:

[...] uma coisa que eu acho que é uma demanda [...] é exatamente esse: assim, a gente ter mais treinamentos. Treinamentos pra conseguir trabalhar com esses laboratórios multi. [...] e digo multi porque é um cenário que é do Jornalismo atualmente. É da Comunicação atualmente [...] a gente já tá fazendo prática de laboratório integrado, ou seja, é tudo multiplataforma, multidisciplinar, né? É multilinguagens, né? Tudo muito híbrido. Isso significa que não dá pra ficar trabalhando aquele quadradinho: “ah não, eu sou fotografia e planejamento gráfico, tô aqui nesse cantinho”. Então

assim [...] eu entendo que vai ser uma demanda cada vez mais presente pra gente trabalhar em setores múltiplos, né? E sair. Eu também entendo que eu vou sair sempre da fotografia pra atuar lá no telejornalismo. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

[...] eu praticamente não atuo na pós-produção, ou seja, nos processos de edição do material [...] não tenho praticamente nenhum conhecimento assim. [...] conheço as ferramentas, mas assim, todo o sistema de pós-produção eu sou [...] bem ruim assim, confesso que eu tô até em processo de aprendizagem, tô pegando muito material pra aprender edição e aprender até ferramentas alternativas, né? [...] a gente tem problema de *software* lá. Então eu tô tentando aprender essas alternativas. (TAE-1. Entrevista realizada em 29 de março de 2021).

[...] a capacitação te permite dar um atendimento melhor pro aluno dentro daquele ambiente (prático) [...] nós deveríamos ser convidados periodicamente pra capacitação, tá? Porque veja bem: eu posso conhecer muito bem como lidar com determinado equipamento [...] às vezes até não na sua totalidade. Porque a gente tá sempre descobrindo alguma coisa [...] nova num determinado equipamento. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

A primeira fala (TAE-1) indica a necessidade de adaptação do trabalho técnico que deve se tornar polivalente em decorrência da prática laboratorial multilinguagem ou multimídia atual, em que as atribuições do cargo ocupado não dão conta de demandas diversas. Isto é, mesmo ocupando um cargo da área de fotografia e planejamento visual, TAE-1 terá de atuar em telejornalismo, rádio, dentre outras, de forma interligada e integrada. Da mesma forma, as demais falas chamam a atenção para a importância e necessidade de treinamento e aperfeiçoamento de servidores públicos. Trata-se de uma atual e constante demanda relacionada ao trabalho de apoio técnico: treinamento frente à constante mudança tecnológica que influencia diretamente as práticas jornalísticas. Isso nos remete à influência do cenário digital no ensino, formação e fazer jornalísticos, aqui já abordada, e que fatalmente influi na atuação técnica, demandando o referido treinamento/capacitação. Tudo isso bem reflete no seguinte registro de Magalhães *et al.* (2010):

[...] o conhecimento dos servidores públicos, em algumas situações, é limitado, o que se reflete na realização de um trabalho inferior ao exigido, não correspondendo às necessidades atuais dos cidadãos. Essa situação demanda trabalho efetivo de modo a dar atenção especial à capacitação permanente dos servidores, por meio do treinamento. (MAGALHÃES *et al.*, 2010, p. 57).

O esforço individual de cada técnico deve se sobressair pela necessidade de capacitação (até mesmo autocapacitação, como descrita por TAE-1 – segunda fala) para otimização de atendimento técnico a alunos e professores nas atividades práticas de telejornalismo.

Essas falas da entrevista reafirmam o que aponta Antonioli (2018) quanto à importância da dimensão laboratorial na formação profissional do egresso em Jornalismo. Como discutido na seção anterior, a autora chama a atenção para a exigência de domínio tecnológico e a manutenção dos laboratórios, a fim de que esses espaços acompanhem os avanços tecnológicos e assim não se comprometa a efetiva formação de egressos em Jornalismo. Da mesma forma, os técnicos precisam buscar uma formação continuada, um constante treinamento, que possibilite que os laboratórios se tornem efetivos espaços de ensino-aprendizagem para uma adequada formação profissional.

Tendo-se reconhecida a importância da participação dos técnicos no processo de ensino-aprendizagem é necessário que se promova cada vez mais a inserção deles nas aulas práticas, para que a contribuição técnica seja efetiva e promova um ensino e aprendizado de qualidade. E a participação deles nas aulas práticas é uma forma de se capacitarem para uma atuação técnica mais preparada, como retratado nas seguintes falas:

Fala 1: “que que custava a gente acompanhar essas aulas? Cê entendeu? Você acompanhava a aula automaticamente dentro de um ano, né? Você teria aprendido” (TCR. Entrevista realizada em 30 de março de 2021).

Fala 2:

[...] o técnico administrativo de carreira [TAE] quanto o terceirizado deveria ser convidado a assistir disciplinas, acompanhamento de disciplinas em sala de aula, se possível, pra que algumas informações fossem projetadas [...] no sentido de reverberar aquilo no estúdio de TV, no fazer prático, no fazer técnico. (TAE-2. Entrevista realizada em 31 de março de 2021).

São diversas as dificuldades e os desafios que se põem à frente da atuação técnica para que esta possa contribuir mais efetivamente para a realização das atividades práticas laboratoriais e conseqüentemente para o processo de ensino-aprendizagem ali desenvolvido. Em suma, trataram-se nas outras seções questões relacionadas ao entendimento curricular, influência tecnológica no ensino e

formação, gestão pedagógica, planejamento, processo de ensino-aprendizagem, espaço laboratorial e formação profissional e finalizou-se na presente seção a relação da atuação técnica e o processo de ensino-aprendizagem. No capítulo seguinte é apresentado um Plano de Ação Educacional que apresenta propostas de ações para que tais dificuldades e desafios possam ser enfrentados e transformados em oportunidades de ações que promovam estratégias para ampliação das práticas do ensino aqui investigadas, de forma que se destaque o papel pedagógico do laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV) na formação profissional de jornalistas da Faculdade de Comunicação da UFJF.

4 PLANO DE AÇÃO EDUCACIONAL: APRIMORANDO A GESTÃO PEDAGÓGICA DO LABORATÓRIO E A ATUAÇÃO TÉCNICA

Partindo-se da pergunta que norteou a presente pesquisa: “como aprimorar a atuação técnica (de TAEs e funcionários terceirizados) no processo de ensino-aprendizagem no curso de Jornalismo da UFJF?”, desenvolveu-se o caso de gestão apresentado no Capítulo 2, com o objetivo geral de investigar a relação entre o currículo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF e as atividades e demandas nos laboratórios de produção audiovisual, buscando-se identificar como o técnico pode colaborar melhor nesse processo, no uso desse ambiente para atendimento adequado às respectivas propostas curriculares.

Para isso, descreveram-se no Capítulo 2 a UFJF, os aspectos legais da carreira dos TAEs bem como o contexto profissional na UFJF, a FACOM (estrutura e pessoal) e seu curso de Jornalismo, seu laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV) e as respectivas atividades práticas nele desenvolvidas e atuação da equipe técnica no apoio a tais atividades.

No terceiro capítulo, apresentaram-se conceitos e discussões teóricas que embasaram a análise e a discussão, a partir dos resultados obtidos com as entrevistas com técnicos e o questionário aplicado a alunos e professores, das causas das principais dificuldades enfrentadas pela equipe técnica (TAEs e terceirizados) em atender satisfatoriamente ao que foi apontado no capítulo descritivo. Além disso, abordaram-se os aspectos metodológicos da pesquisa desenvolvida. Dessa forma, o capítulo analítico concluído foi a base de roteirização para a elaboração do PAE, desenvolvido no presente capítulo. Seguem apresentadas no Quadro 1 as propostas de ações, as quais serão descritas nas seções a seguir:

Quadro 1 – Principais dados de pesquisa e ações propostas (por eixo de análise)

Nº	Eixo de pesquisa	Dados de pesquisa	Ação propositiva
1	Currículo (teoria e prática), tecnologias e ensino, formação e profissão de Jornalismo	Percepção pela maioria dos alunos de uma separação entre teoria e prática	Criação de um grupo de estudos curriculares no curso de Jornalismo da UFJF
		Atividades práticas de ensino e atividades complementares como integradoras da teoria com a prática	
2	Gestão e prática pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem	Falta de conhecimento do planejamento das atividades práticas pelos técnicos	Realizar conjuntamente (equipe técnica, professores e alunos) planejamento, acompanhamento e avaliação das práticas laboratoriais
		Ausência de retorno ao corpo técnico em relação à realização das atividades práticas	
3	Espaço laboratorial e formação profissional	Demanda de um regulamento para melhor organização da estrutura laboratorial de ensino	Estabelecer uma comissão (alunos, professores e técnicos) regulamentadora e promotora da importância do espaço laboratorial para a formação profissional
		Identificação do espaço laboratorial como local da experimentação para formação profissional	
4	Atuação técnica e o processo de ensino-aprendizagem	Necessidade de desenvolver mais e melhor a participação/interação de técnicos no processo de ensino-aprendizagem	Proporcionar maior participação da equipe técnica no processo de ensino-aprendizagem e capacitação técnica
		Falta de capacitação da equipe técnica	

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Portanto, neste capítulo, tendo-se em vista o caso apresentado e o que foi discutido e analisado no capítulo anterior, desenvolveram-se propostas de estratégias (ações) para uma ampliação das práticas do ensino que promovam um aprimoramento na atuação técnica no processo de ensino-aprendizagem relacionada, destacando-se o papel pedagógico do laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV) na formação profissional de jornalistas. Isto é, o capítulo consiste em propostas de ações otimizadoras a serem aplicadas na dimensão laboratorial da FACOM, centradas na atuação técnica, de forma a contribuir mais efetivamente para o processo de ensino-aprendizagem, especificamente na formação profissional prevista nas propostas curriculares do curso em questão. É importante frisar que a pesquisa foi desenvolvida tendo-se como base o laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV), contudo, considerando-se a abordagem

teórica referida à dimensão laboratorial, tais estratégias desenvolvidas no presente PAE podem ser replicadas, com as devidas adaptações, nos demais laboratórios (rádio, multimídia, impresso, fotografia) do curso de Jornalismo da FACOM.

Para a construção deste PAE, foi utilizada a ferramenta de planejamento estratégico 5W2H; e, para breves considerações sobre o referido plano de ações, aplicou-se a ferramenta de análise SWOT. Ambas as ferramentas são apresentadas neste capítulo seguidas de suas aplicações no presente caso de gestão.

4.1 FERRAMENTA 5W2H

Partindo-se da seguinte definição dessa ferramenta de planejamento estratégico, justifica-se seu uso no PAE: “uma ferramenta para colocar em prática os planos de ação por meio de perguntas capazes de definir claramente as atividades desenvolvidas no processo que se deseja melhorar” (PINHO *et al.*, 2019, p. 17). Sendo assim, o Plano de Ação Educacional aqui elaborado necessita de tal ferramenta para ser posto em prática. Mas o que significa 5W2H?

Os 5W do nome correspondem às palavras de origem inglesa *What* (O quê), *When* (Quando), *Why* (Por que), *Where* (onde) e *Who* (Quem), e os 2H referem-se à palavra *How* (Como) e à expressão *How Much* (Quanto). Tais palavras representam sete questões a serem feitas e respondidas, de acordo com o Quadro 2:

Quadro 2 – Descrição da ferramenta 5W2H

<i>What</i> – O que será feito?	Definir a ação
<i>When</i> – Quando será feito?	Estabelecer prazos para realizar a ação
<i>Why</i> – Por que será feito?	Apresentar a justificativa para a realização da ação
<i>Where</i> – Onde será feito?	Informar o local de realização da ação
<i>Who</i> – Quem fará?	Citar quem será responsável pela ação
<i>How</i> – Como será feito?	Descrever como se realizará a ação
<i>How Much</i> – Quanto custará?	Estimar custos que a ação demandará

Fonte: Elaborado pelo autor (2021) baseado em Rosseto, Tozo e Rodrigues (2020).

Dessa forma, passa-se agora para as seções que apresentarão as propostas de ações do PAE, descrevendo-as utilizando-se o 5W2H.

4.2 CRIAÇÃO DE GRUPO DE ESTUDOS CURRICULARES

O estabelecimento de um grupo de estudos curriculares visa à percepção por parte da equipe técnica de como se estrutura o currículo do curso de Jornalismo da FACOM-UFJF. Sendo formado por docentes e técnicos, a ideia é que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo sejam estudadas em conjunto, tornando-se conhecidas e compreendidas pelos responsáveis por sua aplicação no ensino-aprendizado. Busca-se, dessa forma, debater concepções curriculares em que a integração da teoria com a prática se faça valer e traduzir em estratégias que permitam que as atividades práticas sejam vistas como forma de superar a separação entre teoria e prática, tendo-se desde o início do curso o aporte teórico caminhando junto a atividades práticas.

Isso porque a maioria dos alunos que responderam ao questionário entendem o currículo do curso como uma dicotomia entre teoria e prática, a qual, conforme apontado Schuch (2002), afasta o ensino de Jornalismo para um ensino suficiente, que promove a formação em jornalismo, com todos os conteúdos focados para o desempenho profissional, objetivo do curso aqui em foco. Para o autor, portanto, o ideal é que não exista essa divisão entre disciplinas teóricas e práticas, e, sim, apenas disciplinas. Considerando-se que, como apontado pela maioria das respostas de professores e alunos, a forma de se aproximar a teoria da prática é a realização de atividades práticas e atividades complementares, estas devem ser o foco desse grupo de estudos para se buscar um currículo de integração teórico-prática.

Nessa concepção, propõe-se a criação de um grupo de estudos curriculares com o objetivo de se estabelecerem práticas que permitam aos alunos uma formação profissional desde as primeiras disciplinas por meio da aplicação de conhecimento adquirido em atividades práticas de ensino bem como de extensão e pesquisa (atividades complementares), as quais foram apontadas por professores e alunos como forma de integrar teoria e prática. Dessa forma, a elaboração, pelo grupo de estudos, de um programa de Treinamento profissional bem como práticas de extensão em interface com a pesquisa (atividades complementares que possibilitam uma efetiva participação de TAEs), em que se desenvolva e se demonstre a importância do espaço laboratorial para a formação profissional, é uma proposta de ação como aplicação do desenvolvido pelo grupo de estudos.

A Ação 1 é apresentada no Quadro 3 com base na ferramenta 5W2H:

Quadro 3 – 5W2H Ação 1

O quê?	Criação de um grupo de estudos curriculares no curso de Jornalismo da UFJF
Quando?	Janeiro a dezembro de 2022
Por quê?	Necessidade de se fortalecer a integração curricular da teoria com a prática
Onde?	Sala de reuniões da FACOM
Quem?	Equipe técnica (TAEs e terceirizados) e docentes envolvidos nas disciplinas práticas de telejornalismo
Como?	Uma reunião inicial com a apresentação dos resultados obtidos por esta pesquisa e o respectivo PAE seguida da proposição do grupo de estudos curriculares, tendo-se uma análise, avaliação e votação para aprovação ou reprovação da proposta. Aprovada a proposta, o grupo de estudos iniciará seu trabalho tendo como objetivo final a elaboração de um programa de Treinamento Profissional e/ou projetos de extensão em interface com a pesquisa, em que se promova uma maior e perceptível integração curricular entre teoria e prática no curso de Jornalismo
Quanto?	Carga horária dos professores e técnicos envolvidos e material de apoio para reunião (notebook para ata, impressão de material)

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

As ações propostas a seguir necessitarão de seis meses de reuniões do grupo de estudos curriculares, tempo para ajustes e alinhamentos com o intuito de se realizar um planejamento para se viabilizarem as Ações 2 e 3 a partir de julho de 2022, provável data em que ocorrerá o término de um período letivo e o necessário prazo para reuniões antes de se iniciar o próximo período letivo.

4.3 PLANEJAMENTO, ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS LABORATORIAIS

Decerto, precisa-se vencer a visão do técnico como mero executor de tarefas/ajustes para aluno/professor. No caso pesquisado, deve-se promover uma maior aproximação/interação entre técnicos e docentes durante a realização das atividades práticas. Para isso, torna-se imprescindível um convívio maior entre os referidos profissionais, o que se torna praticável pelo planejamento conjunto, como previamente apontado no capítulo analítico. Nesse contexto, reuniões, sejam formais ou informais no decorrer do expediente dos envolvidos (alunos, professores e técnicos), propiciam uma troca de informações e preparo do ambiente laboratorial para atividades práticas em que o processo de ensino-aprendizagem pode ser acompanhado e avaliado constantemente, e assim seja aprimorado com a

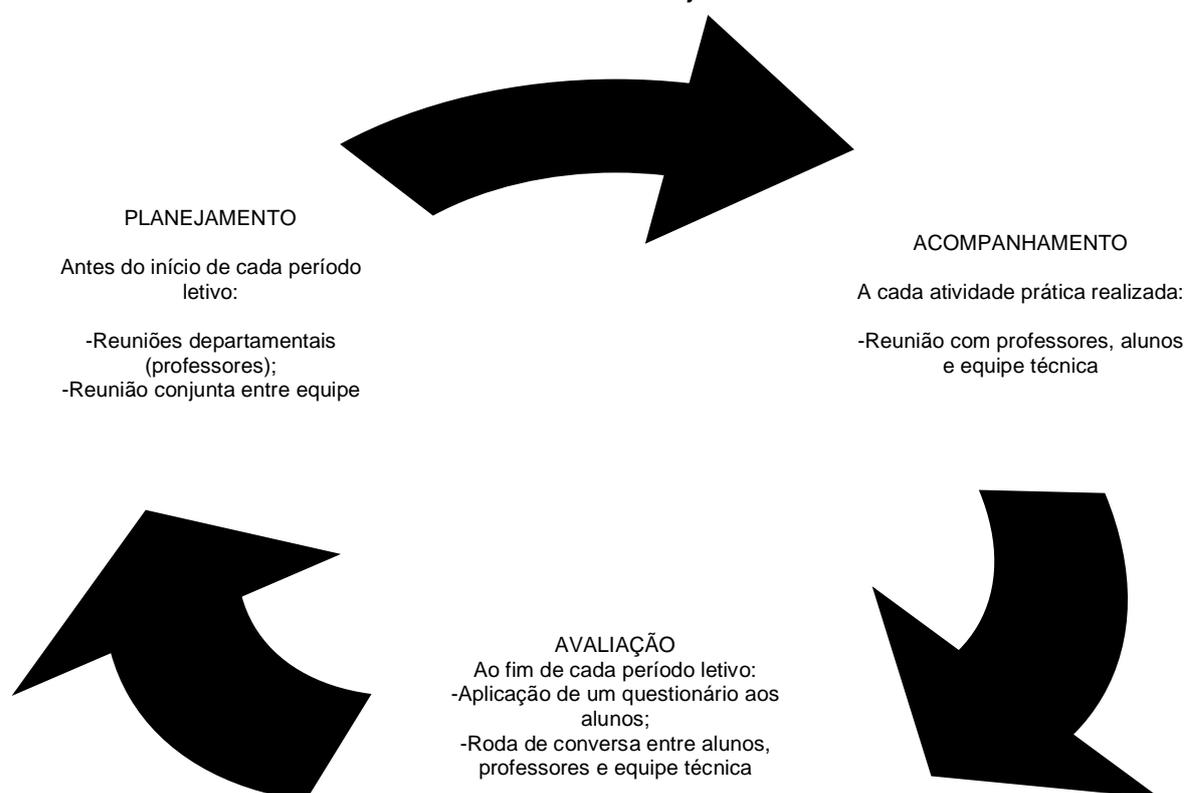
identificação de erros e falhas para os ajustes necessários. Portanto, os técnicos, com o conhecimento prévio do que será realizado nas atividades práticas, conseguem se apropriar mais de suas atividades de apoio e suporte técnico, de forma mais objetiva e mais contributiva para o fim educacional almejado: a formação profissional em Jornalismo.

Previamente, são necessárias reuniões departamentais semestrais (antes do início de cada período letivo), envolvendo somente os professores. Tais reuniões são necessárias a ajustes e acordos referentes às reais necessidades de cada disciplina para uso do laboratório, equipamentos e acessórios. Seguidamente, demanda-se uma reunião (também semestral, antes do início de cada período letivo) envolvendo professores, TAEs e funcionários terceirizados da equipe técnica. De tal encontro, um planejamento conjunto deve ser feito, contendo a previsão de uso do espaço laboratorial, dos equipamentos e acessórios, ao longo de cada semestre (planejamento semestral).

Tendo-se o planejamento fechado, para o acompanhamento a cada atividade laboratorial prevista, faz-se necessária, ao término de cada atividade (na mesma aula ou na aula seguinte), uma rápida reunião entre professores, alunos e técnicos para se apontarem e destacarem os acertos, falhas, erros e os ajustes necessários para que as atividades permaneçam no mesmo padrão, sejam refeitas ou aprimoradas em seguida. Ao final de cada período letivo, deve ser procedida à realização de avaliação do funcionamento e aproveitamento pedagógico do espaço laboratorial, por meio de um questionário aplicado aos discentes e elaborado pelos professores e equipe técnica, com espaço para críticas, apontamento de pontos positivos e negativos, bem como sugestões de melhoria. Com a aplicação do questionário e elaboração e divulgação de um relatório a partir das respostas coletadas, uma avaliação final conjunta (alunos, professores, TAEs e terceirizados envolvidos), em forma de uma roda de conversa, culmina em um direcionamento para as adequações e ações necessárias à manutenção e aprimoramento do uso pedagógico laboratorial. Tal direcionamento, também registrado sob a forma de um relatório divulgado ao fim do período letivo, torna-se uma base de dados a serem tratados na nova reunião entre docentes e equipe técnica antes do início do próximo período letivo, tornando-se assim um ciclo de planejamento, acompanhamento e avaliação.

Assim se propõe essa ação em forma do seguinte ciclo, apresentado na Figura 3:

Figura 3 – Ciclo de planejamento, acompanhamento e avaliação de práticas laboratoriais em telejornalismo



Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

A seguir, o Quadro 4 sintetiza a proposição no esquema 5W2H:

Quadro 4 – 5W2H Ação 2

(continua)

O quê?	Realizar conjuntamente (equipe técnica, professores e alunos) planejamento, acompanhamento e avaliação das práticas laboratoriais
Quando?	A cada período letivo a partir de julho de 2022
Por quê?	Para se aprimorar a atuação técnica no laboratório de produção audiovisual, deve-se aproximar a equipe técnica do planejamento das atividades práticas, promovendo-se, por conseguinte, um acompanhamento e avaliação das práticas laboratoriais envolvendo alunos, professores e técnicos
Onde?	Sala de reuniões da FACOM e laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV)
Quem?	Alunos, equipe técnica (TAEs e terceirizados) e docentes envolvidos nas disciplinas práticas de telejornalismo

Quadro 4 – 5W2H Ação 2

(conclusão)

Como?	Reunião departamental de professores para se estabelecerem as demandas laboratoriais. Em seguida, uma reunião conjunta entre a equipe técnica e os docentes para planejamento das atividades práticas. Técnicos, alunos e professores realizam o acompanhamento de cada atividade prática e, ao final do período letivo, realizam a avaliação por questionário e roda de conversa
Quanto?	Carga horária dos professores e técnicos envolvidos e material de apoio para reunião, planejamento e avaliação (notebook para elaborar atas, questionários e relatórios, impressão de material)

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

4.4 ESTABELECIMENTO DE COMISSÃO REGULAMENTADORA E PROMOTORA DA IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO LABORATORIAL NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Uma preocupação discutida em Congregação (UFJF, 2020b) trata-se da necessidade de existência e efetivo cumprimento de regras e normas (regimento) claras para o funcionamento e agendamento de uso do laboratório, de empréstimo, uso e devolução de equipamentos/acessórios audiovisuais. No capítulo analítico, na seção 3.4, demonstrou-se a importância de regras e normas para a organização do espaço laboratorial, a fim de se promover um ambiente que cumpra adequadamente sua função pedagógica, de forma que o trabalho da equipe técnica possa ser realizado de forma mais organizada e planejada. Para isso, tal regulamento expresso deve ser facilmente disponível (acessível) a toda a comunidade acadêmica: disponibilidade impressa para consulta na secretaria, no laboratório, na sala técnica, na sala de professores e no *sítio* da unidade acadêmica.

O estabelecimento de uma comissão para que tal regulamento seja desenvolvido, aprimorado e amplamente divulgado é o passo inicial para que as normas sejam cumpridas e verdadeiramente úteis. Isso porque tal comissão, formada por professores, alunos e técnicos, estaria incumbida de monitorar o cumprimento e efetividade/utilidade das normas, detectando-se as falhas e ocorrências negativas de aplicação do regulamento para correção e otimização de regras.

Tendo-se um espaço laboratorial organizado, com normas e regras bem estabelecidas que contribuam efetivamente para que o laboratório possa cumprir seu papel pedagógico no ensino e formação em Jornalismo, é necessário que tal

ambiente tenha sua importância reconhecida na formação profissional de jornalistas, como apontado na seção 3.4 – Espaço laboratorial e formação profissional. Propõe-se aqui uma promoção de encontros (presenciais ou virtuais) durante o período letivo de profissionais egressos do curso de Jornalismo que relatem a importância da prática laboratorial em telejornalismo durante sua graduação para o atual exercício profissional.

No Quadro 5, encontra-se a ação propositiva aqui descrita no esquema 5W2H:

Quadro 5 – 5W2H Ação 3

O quê?	Estabelecer uma comissão para regulamentar a estrutura laboratorial e promover a importância do espaço laboratorial na formação profissional
Quando?	Implantação a partir de julho de 2022
Por quê?	Para que o espaço laboratorial seja um ambiente que cumpra adequadamente sua função pedagógica, de forma que o trabalho da equipe técnica possa ser realizado de forma mais organizada e planejada, é necessário um regulamento. Além da importância de regras e normas, para que o laboratório possa cumprir seu papel pedagógico no ensino e formação em Jornalismo, é necessário que tal ambiente tenha sua importância reconhecida na formação profissional de jornalistas
Onde?	Sala de reuniões, auditório e laboratório de produção audiovisual (FACOM)
Quem?	Alunos, equipe técnica (TAEs e terceirizados) e docentes envolvidos nas disciplinas práticas
Como?	Estabelecer uma comissão para que tal regulamento seja desenvolvido, aprimorado e amplamente divulgado. Uma comissão formada por professores, alunos e técnicos, incumbida de monitorar o cumprimento e efetividade/utilidade das normas, detectando-se as falhas e ocorrências negativas de aplicação do regulamento para correção e otimização de regras. Num esforço conjunto entre equipe técnica, contatar alunos que se formaram no curso de Jornalismo da FACOM/UFJF e atuam profissionalmente na área, para a realização de encontros (presenciais ou virtuais) durante o período letivo, em que haja relatos de experiências que demonstrem a importância da prática laboratorial em telejornalismo na graduação para o atual exercício profissional
Quanto?	Carga horária dos professores e técnicos envolvidos e material de apoio para reunião, planejamento e avaliação (notebook para elaborar atas, questionários e relatórios, impressão de material)

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

4.5 PROMOVER MAIOR PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E CAPACITAÇÃO DA EQUIPE TÉCNICA

Conforme demonstrado no capítulo analítico, é necessário fomentar um envolvimento maior dos técnicos no processo de ensino-aprendizagem, a fim de

aprimorar a atuação técnica no atendimento do laboratório. A exemplo do laboratório de produção audiovisual da UFSC, citado como exemplo no capítulo analítico, propõe-se aqui que haja a realização de aulas iniciais a cada semestre, nas quais haja a apresentação do laboratório, equipamentos e acessórios e o regulamento laboratorial existente.

Ainda para que haja uma efetiva participação e contribuição da equipe técnica para o processo de ensino-aprendizagem, é necessário que os técnicos possam acompanhar toda a realização das atividades práticas. Como exposto na última seção do capítulo analítico, a equipe técnica tem a possibilidade de se capacitar ao participar das aulas práticas, conforme relatos dos técnicos entrevistados. Além dessa capacitação durante as aulas práticas, é necessária também uma capacitação da equipe técnica, por meio de cursos e/ou treinamentos ministrados por TAEs da UFJF com formação específica em audiovisual ou por profissionais da área com experiência convidados, ao menos uma vez por ano.

Segue o Quadro 6 com a proposta de ação detalhada sob a forma do 5W2H:

Quadro 6 – 5W2H Ação 4

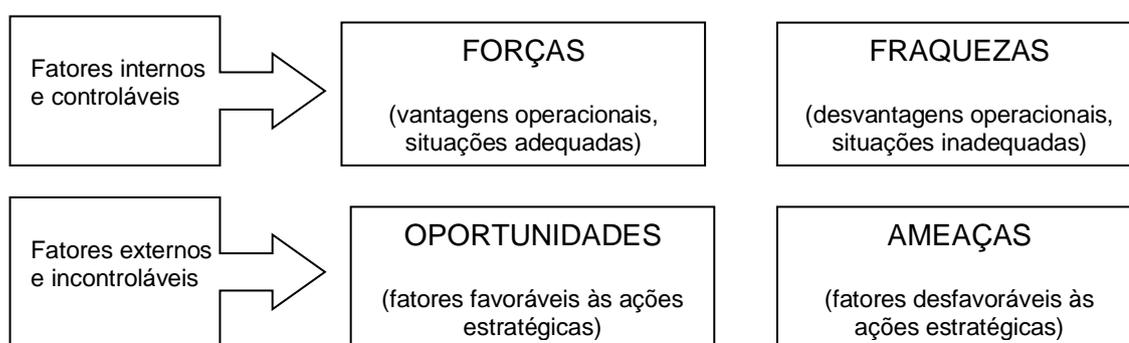
O quê?	Proporcionar maior participação no processo de ensino-aprendizagem presente nas atividades práticas e capacitação da equipe técnica
Quando?	A cada atividade prática (participação) e ao menos uma vez por ano (capacitação) a partir de julho de 2022
Por quê?	Para que a atuação técnica possa ser mais contributiva ao processo de ensino-aprendizagem, a equipe técnica necessariamente precisa acompanhar e participar das atividades práticas desenvolvidas, bem como se capacitar para conhecer o conteúdo relacionado e assim contribuir melhor para o ensino e aprendizado
Onde?	Laboratório de produção audiovisual
Quem?	Equipe técnica, professores e direção da FACOM
Como?	Em atuação conjunta com professores e a direção da FACOM, a equipe técnica buscará uma organização do trabalho técnico que permita o acompanhamento e a participação durante toda atividade prática no laboratório de produção audiovisual, bem como solicitar e organizar cursos e treinamentos (presenciais ou <i>online</i>) para capacitação
Quanto?	Carga horária dos professores e técnicos envolvidos, gastos com profissionais da área para ministrar curso/treinamento e material de apoio para capacitação (equipamentos e acessórios audiovisuais)

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

4.6 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAE – ANÁLISE SWOT

De acordo com Navarro e Alencar (2016), uma ferramenta muito utilizada em planejamento estratégico para fornecer subsídios para a gestão e o planejamento das organizações é a análise SWOT (sigla em inglês de *Strengths, Weakness, Opportunities and Threats*); em português, análise FOFA (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças). De forma bem resumida, a Figura 4 representa o que vem a ser tal ferramenta:

Figura 4 – Análise SWOT (FOFA)



Fonte: Elaborada pelo autor (2021) baseado em Navarro e Alencar (2016).

Portanto, a partir de uma análise SWOT, e apropriando-se dos apontamentos de Navarro e Alencar (2016), o PAE aqui apresentado pode ser avaliado quanto a fatores internos (forças e fraquezas) à FACOM, que podem ser controlados, ajustados, usando-se ao máximo as forças e buscando-se sempre eliminar as fraquezas, para se possibilitar a realização das ações estratégicas propostas. E também em relação aos fatores externos (oportunidades e ameaças) à FACOM, os quais precisam ser considerados, aproveitando-se as oportunidades e enfrentando-se as ameaças.

A seguinte análise SWOT (FOFA) está apresentada no Quadro 7, a seguir, considerando-se os fatores externos e internos da FACOM, que puderam ser identificados pela presente pesquisa a partir dos dados obtidos com a pesquisa de campo:

Quadro 7 – Análise SWOT (FOFA) do PAE

Fatores internos	<p style="text-align: center;">Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> - Empenho da equipe técnica em se capacitar e participar mais do processo de ensino-aprendizagem - Sinergia entre equipe técnica, alunos e professores para uma boa realização de atividades práticas - Estrutura laboratorial capaz de acompanhar as demandas de capacitação e aprimoramento profissionais - Presença de técnicos com formação e experiência na área de Jornalismo e audiovisual (TAE-1, TAE Técnico em Audiovisual) - Existência de uma produtora de audiovisual na estrutura da FACOM 	<p style="text-align: center;">Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Falta de planejamento conjunto e antecipado na realização de atividades práticas, bem como para uso e empréstimo de equipamentos e acessórios audiovisuais - Estrutura laboratorial dependente ainda de instalações e ajustes finais para pleno funcionamento
Fatores externos	<p style="text-align: center;">Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> - Existência e possibilidade de programas de Treinamento Profissional, bem como projetos de extensão em interface com a pesquisa, em que TAEs participam diretamente como responsáveis - Contatos com profissionais jornalistas formados pela UFJF 	<p style="text-align: center;">Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escassez de recursos humanos, sobretudo de técnicos - Escassez de recursos financeiros na área educacional nacional - Cenário de ensino híbrido e retorno gradual das aulas presenciais em decorrência da pandemia de covid-19

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

De acordo com os fatores internos e externos (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças) à FACOM apontados no Quadro 7, pode-se atentar para itens que são fundamentais se contornar para que o PAE possa ser executado. Dentre eles destacam-se:

- a) a **ameaça** escassez de recursos humanos, sobretudo de técnicos. Falta esta de recursos humanos apontada ao longo desta dissertação, a qual necessita de um empenho de coletividade para que ações estratégicas, como proporcionar a presença de técnico participante durante toda atividade prática frente a constantes demandas e sobrecarga de trabalho, sejam possíveis;
- b) uma **força** que auxilia a ação estratégica de capacitação trata-se da presença na equipe técnica de dois TAEs com formação e experiência na área de Jornalismo e audiovisual. Eles podem ministrar curso/treinamento para capacitação da equipe técnica;

- c) outra **força** a se evidenciar é a existência da Produtora de Multimeios na estrutura da FACOM, a qual representa um espaço também laboratorial, que permite a **oportunidade** de se elaborarem projetos de extensão em interface com a pesquisa bem como o desenvolvimento de programa e Treinamento Profissional em conjunto com o laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV), favorecendo-se assim a Ação 1 proposta;
- d) uma **fraqueza** que compromete ações como capacitações técnicas e a promoção da importância do espaço laboratorial na formação profissional é a necessidade de ajustes e finalizações de instalações de equipamentos e acessórios no estúdio de TV para que seu funcionamento seja pleno e permita diversas experimentações tecnológicas digitais. Fraqueza esta que precisa ser minimizada e até mesmo eliminada ao se usar a **força** de que a estrutura laboratorial tem de acompanhar as demandas de capacitação e aprimoramento profissionais; e
- e) uma **ameaça** inevitável de se destacar aqui é o cenário educacional fortemente impactado pela pandemia de covid-19 desde o ano de 2020. As ações aqui propostas dependerão em muito de protocolos, planejamentos e ações tomadas pelas instâncias superiores da UFJF, instituição que por sua vez enfrenta e enfrentará fortes ameaças em questões orçamentárias e de planejamento. E sendo ameaça, a imprevisibilidade e falta de controle, inclusive para essa situação nova vivenciada pela humanidade em todos os aspectos, esta deverá ser encarada para que seus impactos sejam minimizados e contornados.

A análise SWOT (FOFA), em suma, permite vislumbrar os diferentes esforços que a equipe técnica da FACOM, em conjunto com professores e alunos, deve empreender para se somarem as forças às oportunidades com o objetivo de se minimizarem e até mesmo se anularem as fraquezas, enfrentando-se assim as ameaças existentes, que estarão sempre fora do controle da faculdade, e se atingir o objetivo de aprimorar o atendimento técnico ao processo de ensino-aprendizagem para a formação profissional de jornalistas na UFJF, seguindo-se as diretrizes curriculares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como principal objetivo investigar a relação do currículo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF e as atividades e demandas no referido laboratório, identificando como o técnico pode colaborar melhor nesse processo, no uso desse ambiente para atendimento adequado às respectivas propostas curriculares.

No capítulo descritivo, percebeu-se como o currículo em questão, em consonância com as DCN (BRASIL, 2013) para cursos de Jornalismo, aponta a formação profissional consolidada pela realização de atividades práticas, as quais propiciam o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos específicos da profissão. De acordo com o que foi apresentado como uso do laboratório de produção audiovisual e atuação técnica na FACOM – UFJF, notou-se a necessidade de um planejamento conjunto (professores e técnicos) das atividades práticas para que ocorra um satisfatório atendimento, pela equipe técnica, às práticas laboratoriais e, por conseguinte, ao processo de ensino-aprendizagem e formação profissional. Em seguida, tendo-se descrito o que o Projeto Político-Pedagógico do curso de Jornalismo da UFJF apresenta e prevê em relação à dimensão formativa profissional dos alunos, às atribuições dos técnicos (TAEs e terceirizados) envolvidos nas atividades desenvolvidas no laboratório de produção audiovisual e aos respectivos desafios relacionados ao desempenho do papel do técnico no processo de ensino-aprendizagem, finalizou-se o capítulo descritivo partindo-se para o capítulo analítico.

O capítulo analítico, por sua vez, apresentou e descreveu a metodologia de pesquisa empregada – a qualitativa com o uso dos instrumentos metodológicos questionário e entrevistas. Na sequência, trouxe como fundamentação teórica conceitos e discussões com a integração dos temas currículo (teoria e prática); tecnologias e ensino, formação e profissão de Jornalismo; gestão e prática pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem; espaço laboratorial e formação profissional; e atuação técnica e o processo de ensino-aprendizagem, para se analisar, refletir e entender melhor o problema investigado neste caso de gestão, frente aos dados obtidos com a pesquisa de campo. Tendo-se atingido o objetivo de analisar as causas das principais dificuldades enfrentadas pela equipe técnica (TAEs e terceirizados) em atender satisfatoriamente às atividades práticas, seguiu-se para

a proposição de ações que compõem o Plano de Ação Educacional, desenvolvido no capítulo propositivo.

O capítulo propositivo em resposta à pergunta norteadora de pesquisa, e resultado de toda a pesquisa desenvolvida, representa todo o esforço necessário a ser posto em prática, com ações que promovam as mudanças necessárias apontadas neste caso de gestão.

A investigação empreendida aqui demonstra como os TAEs e funcionários terceirizados atuantes no apoio a atividades práticas, em decorrência de uma considerável quantidade de demandas de atividades a serem atendidas e a escassez de recursos humanos (poucos técnicos), enfrentam grandes limitações que dificultam e até mesmo impossibilitam uma maior contribuição para o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, o presente trabalho serve como argumento de reforço na necessidade de criação de mais vagas para a equipe técnica. Há uma visão muito comum no ambiente universitário de que os técnicos administrativos, por atuarem em atividades-meio, podem em nada ou pouco contribuir para o processo educacional, no ensino-aprendizado em si. E especificamente no caso aqui investigado, percebeu-se, com os resultados obtidos com a pesquisa de campo bem como com o observado no referencial teórico utilizado, que até mesmo aqueles técnicos administrativos com a atuação mais próxima de sala de aula, dos espaços laboratoriais de ensino (ambientes práticos), são muitas vezes caracterizados por professores e alunos como meros funcionários de suporte técnico, não interagindo ou mesmo em nada contribuindo para o aspecto pedagógico ali empreendido e dependente da presença e participação técnica.

A cultura organizacional universitária que identifica o papel dos técnicos nas atividades-meio reforça esse afastamento desses profissionais no alcance pedagógico. O assunto é polêmico e demanda sempre muita investigação e, acima de tudo, inovação, no âmbito organizacional de gestão de pessoas na universidade. O que se optou no trabalho aqui desenvolvido foi identificar como os próprios profissionais técnicos podem buscar uma inserção cada vez maior no processo de ensino-aprendizagem. No caso específico do curso de Jornalismo, o eixo curricular de formação profissional conjuntamente com o eixo de prática laboratorial foram tomados como importante ponto de partida para se pensar como a equipe técnica da Faculdade de Comunicação, da qual o autor desta dissertação é integrante, poderia contribuir, dentro das propostas curriculares, mais significativamente para o

processo de ensino-aprendizagem, no tocante à formação profissional empreendida no espaço laboratorial, tendo-se como recorte de pesquisa o laboratório de produção audiovisual (estúdio de TV). Partindo-se daí é que se empreendeu o presente trabalho, buscando-se demonstrar como uma atuação criativa e participativa dos técnicos pode se utilizar de estratégias (PAE) para se ampliarem práticas de ensino que ressaltem a importância pedagógica do espaço laboratorial de ensino.

As dificuldades enfrentadas no percurso de produção desta pesquisa foram muitas, como é comum a todo trabalho acadêmico de pesquisa. Esse não seria diferente. Além das dificuldades comuns a todo trabalho investigativo, as limitações de pesquisa em virtude do distanciamento social e ensino remoto por causa da pandemia do novo coronavírus são as que mais influenciaram, uma vez que a pesquisa de campo possibilitaria mais dados e observações que poderiam contribuir ainda mais para a pesquisa. A interatividade de uma entrevista de forma presencial e a aplicação de um questionário aplicado durante uma aula de Laboratório de Telejornalismo proporcionariam possivelmente um outro cenário do captado pelas entrevistas remotas e questionário *online* aplicados.

Como conclusão de todo esse processo de trabalho de pesquisa, desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF), o que se toma como aprendizado profissional é a consciência da importância em se buscar incessantemente por conhecimento, capacitação e treinamento, ou seja, educação. Educação, formação, sempre sendo o caminho inevitável, óbvio, para que problemas educacionais sejam enfrentados em busca das soluções. Educação para melhorar a educação. Não se pode ignorar o trabalho técnico educacional, educativo. O potencial de sinergia que pode haver entre os atores da comunidade acadêmica – alunos, professores e técnicos administrativos – em prol do processo educacional formativo de profissionais na universidade deve ser explorado e inspirar novas pesquisas, projetos de extensão e ações que possibilitem que propostas como as aqui elaboradas façam a diferença e contribuam para mais qualidade ainda ao ensino superior. Os desafios e as limitações são muitos, como versado no corpo deste texto, contudo, como bem pontuado no capítulo final, o propositivo, as forças e as oportunidades devem ser unidas e as fraquezas diminuídas e até mesmo

eliminadas para se enfrentar as ameaças ao plano de ações que visam unicamente contribuir sempre para a melhoria, qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. A.; GOMBERG, F.; AUCAR, B. Ensino com prática em jornalismo: a experiência de três laboratórios da PUC-Rio. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, DF, v. 8, p. 3-13, 2018. Disponível em: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/14/15>. Acesso em: 22 set. 2021.
- AGUIAR, M. C. C. Um olhar sobre desafios da gestão didático-pedagógica no ensino superior. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 221-236, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8648307>. Acesso em: 23 maio 2021.
- ALVES, M. A didática da telerreportagem: da imagem à pauta, uma experiência no curso de jornalismo da UFMA (Campus Imperatriz A). **Ensino & Multidisciplinaridade**, São Luís, v. 1, n. 1, p. 91-105, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ens-multidisciplinaridade/article/view/3894/2041>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- ANDRÉ, M. E. D. A. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7441/4804>. Acesso em: 25 out. 2020.
- ANGST, F. A escola e seus atores: os funcionários de escola. In: SIMPÓSIO IBEROAMERICANO EM COMÉRCIO INTERNACIONAL, DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO REGIONAL, 8., 2017, Cerro Largo. **Anais [...]**. Misiones, Argentina: RED CIDIR, 2017. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/campi/cerro-largo/repositorio-ccl/anais-viii-simposio-iberoamericano-de-cooperacao-para-o-desenvolvimento-e-a-integracao-regional/a-escola-e-seus-atores-os-funcionarios-de-escola/@@download/file>. Acesso em: 5 jun. 2020.
- ANTONIOLI, M. E. Jornalista Profissional: novas competências para o egresso do bacharelado em Jornalismo. In: PINHEIRO, E. B.; VARÃO, R.; BARCELLOS, Z. (Org.). **Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo**. Brasília, DF: UnB/Faculdade de Comunicação, 2018. p. 23-31. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34602>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- ARAÚJO, E. T.; SILVA, M. L.; DANTAS, L. M. V. Mapeamento do perfil de competências dos servidores técnico-administrativos numa IFES oriunda do REUNI: novos perfis numa tradicional burocracia? **Anais do Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 1302-1324, 2017. Disponível em: https://anepcp.org.br/anaisenepcp/20180723160537_63_Mapeamento_do_perfil_Ed_gilson_Araujo.pdf?direct_ms=acp&direct_config=acpsys_core_Config. Acesso em: 3 maio 2020.
- BASTOS, F. A. G. D.; PRADO, M. R. M. *Feedback* e sua relação no processo de avaliação da aprendizagem no ensino superior. In: ANDRADE, D. F. (Ed.).

Educação no Século XXI: metodologias. 1. ed. Belo Horizonte: Poisson, 2019. V. 30. p. 143-151. Disponível em: <https://www.poisson.com.br/livros/educacao/volume30/>. Acesso em: 11 out. 2021.

BERNARDO, C. H. C.; LEÃO, I. B. Análise das matrizes curriculares dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Brasil: um retrato da realidade nacional. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 253-274, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n1/13.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BERNARDO, C. H. C.; LEÃO, I. B. Formação do jornalista contemporâneo: a história de um trabalhador sem diploma. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 337-358, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v33n65/14.pdf>. Acesso em: 8 maio 2021.

BLOOM, B. *et al.* **Taxionomia de objetivos educacionais.** Tradução de Flávia Maria Sant'Anna. 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1979. 180 p.

BORGES, M. C. *et al.* Avaliação formativa e feedback como ferramenta de aprendizado na formação de profissionais da saúde. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 47, n. 3, p. 324-331, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/86685/89706>. Acesso em: 8 maio 2021.

BRASIL. **Decreto nº 1.590, de 10 de agosto de 1995.** Dispõe sobre a jornada de trabalho dos servidores da Administração Pública Federal direta, das autarquias e das fundações públicas federais, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1590.htm. Acesso em: 3 maio 2020.

BRASIL. **Decreto nº 4.836, de 9 de setembro de 2003.** Altera a redação do art. 3º do Decreto nº 1.590, de 10 de agosto de 1995, que dispõe sobre a jornada de trabalho dos servidores da Administração Pública Federal direta, das autarquias e das fundações públicas federais. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4836.htm. Acesso em: 3 maio 2020.

BRASIL. **Decreto nº 94.664 de 23 de julho de 1987.** Aprova o Plano único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos de que trata a Lei n 7.596, de 10 de abril de 1987. Brasília, DF: Presidência da República, 1987. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D94664.htm. Acesso em: 16 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.** Dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8112cons.htm. Acesso em: 3 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005.** Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras

providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1590.htm. Acesso em: 3 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Avaliação in loco: guia de boas práticas de avaliação externa virtual in loco**. Brasília, DF: MEC, abr. 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/avaliacao_in_loco/guia_de_boas_praticas_avaliacao_externa_virtual_in_loco.pdf. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, DF: CEB, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 maio 2020.

BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BÚRIGO, C. C. D. **O trabalho acadêmico do professor universitário no processo de desenvolvimento do espaço público na universidade federal**: um estudo de caso na Universidade Federal de Santa Catarina e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84510/199425.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CAETANO, F. D. M.; SANTOS, P. H. P. **A importância do planejamento para o docente do ensino superior**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência Universitária) – Instituto Superior de Educação, Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2014. Disponível em: <https://www.catolicadeanapolis.edu.br/biblioteca/wp-content/uploads/2019/04/A-IMPORTANCIA-DO-PLANEJAMENTO-PARA-O-DOCENTE-DO-ENSINO-SUPERIOR-1-1.pdf>. Acesso em: 7 out. 2021.

CAMPOS, P. C.; ROCHA, E. O. Ensino de Jornalismo: perfil profissional, regionalização das habilidades técnicas e competências. **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 10, n. 19, p. 15-39, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/download/346/82>. Acesso em: 7 mar. 2020.

CANCIAN, R. **Burocracia - Max Weber e o significado de "burocracia"**. [S. l.]: Universo On-Line – UOL/ Educação/Sociologia, 2006. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/burocracia-max-weber-e-o-significado-de-burocracia.htm>. Acesso em: 23 out. 2021.

CASTRO, A. C. S. **Os trabalhadores técnico-administrativos em educação da Universidade Federal de Goiás**: trabalho, profissionalização e gestão da Educação Superior. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7393/5/Tese%20-%20Ana%20Caroline%20de%20Souza%20Castro%20-%202017.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

CIRNE, L. *et al.* Repórter UFMA e Imperatriz Notícias: Relatos sobre as produções audiovisual e em web do curso de Jornalismo na UFMA de Imperatriz. **Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo**. Brasília, DF: UnB/Faculdade de Comunicação, 2018. p. 99-108. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34602>. Acesso em: 10 jun. 2020.

COELHO, P. A Dimensão Laboratorial do Ensino do Jornalismo. **Media & Jornalismo**, Lisboa, Portugal, v. 16, n. 28, p. 7-12, jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622016000100002. Acesso em: 26 jun. 2020.

COSTA, C. Novas tecnologias e o ensino de Jornalismo. **Líbero**, São Paulo, ano 11, n. 22, p. 9-20, dez. 2008. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Novas-tecnologias-e-o-ensino-de-Jornalismo.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

COUTINHO, M. C.; DIOGO, M. F.; JOAQUIM, E. P. Sentidos do trabalho e saber tácito: estudo de caso em universidade pública. **PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 99-108, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v9n1/v9n1a12.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

DAHER, N. S. D.; PORTO JUNIOR, F. G. R. Jornalismo no Brasil: notas sobre as competências formativas a partir das novas diretrizes curriculares. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 1, n. 1, p. 137-155, 30 abr. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/3597/9720>. Acesso em: 25 jun. 2020.

DIAS, R. Comunicador social ou jornalista? A estruturação do conhecimento profissional do jornalista em cursos de graduação. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 139-150, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4023/2357>. Acesso em: 25 jun. 2020.

FERREIRA, L. S. Gestão do pedagógico: de qual pedagógico se fala? **Currículo sem Fronteiras**, [s. l.], v. 8, p. 176-189, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Liliana-Soares-Ferreira-2/publication/228846428_Gestao_do_pedagogico_de_qual_pedagogico_se_fala/link/s/54d0e7820cf29ca811040176/Gestao-do-pedagogico-de-qual-pedagogico-se-fala.pdf. Acesso em: 7 out. 2021.

FERREIRA, M. C. Ergonomia da Atividade aplicada à Qualidade de Vida no Trabalho: lugar, importância e contribuição da Análise Ergonômica do Trabalho (AET). **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 40, n. 131, p. 18-29, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0303-7657000074413>. Acesso em: 6 out. 2020.

FERREIRA, M. S.; OLIVEIRA, T. S. Práticas do professor jornalista: reflexões sobre o uso de metodologias ativas no ensino-aprendizagem de jornalismo. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO*, 19., 2020, São Paulo. **Anais** [...]. Campinas: ABEJ, 2020. Disponível em: <http://soac.abejor.org.br/?conference=19enpj&schedConf=encontrodeprofessores&page=paper&op=viewFile&path%5B%5D=305&path%5B%5D=206>. Acesso em: 18 out. 2021.

HORN, A. T. A.; DIAS, L. O.; COSTA, R. M. C. D. Ensino de jornalismo e novas práticas jornalísticas no século XXI: globalização, sociedade e tecnologia. **Ação Midiática**, Curitiba, n. 10, p. 141-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/43630/26980>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MAGALHÃES, C. S. C. A. **Trabalho educativo do técnico-administrativo do IFRN/CNAT: consensos e dissensos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1389/Caroline%20St%C3%A9phanie%20-%20TRABALHO%20EDUCATIVO%20DO%20T%C3%89CNICO-ADMINISTRATIVO%20DO%20IFRN-CNAT_CONSENSOS%20E%20DISSENSOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y.Ac. Acesso em: 7 out. 2021.

MAGALHAES, E. M. *et al.* A política de treinamento dos servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) na percepção dos treinados e dos dirigentes da instituição. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, p. 55-86, fev. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rap/v44n1/v44n1a04.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

MAIA, A. C. B. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo** – Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 52p. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana_Claudia_Maia/publication/341259892_Questionario_e_entrevista_na_pesquisa_qualitativa_Elaboracao_aplicacao_e_analise_de_conteudo/links/5eb6066d4585152169c0fbd2/Questionario-e-entrevista-na-pesquisa-qualitativa-Elaboracao-aplicacao-e-analise-de-conteudo.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

MARTINS, J. C.; RIBEIRO, J. L. L. S. A participação dos servidores técnico-administrativos na avaliação institucional: o que dizem os relatórios autoavaliação institucional. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 23, n. 2, p. 509-530, out. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v23n2/1982-5765-aval-23-02-509.pdf>. Acesso em: 3 maio 2020.

MATOS, M. F. S. C. **Repórter-ator: convergência intuitiva entre teatro e jornalismo**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2014/03/O-REP%c3%93RTER-ATOR.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

MEZANINO. **Dicionário Técnico**. João Pessoa; Campina Grande: 360 Arquitetura, 2021. Disponível em: <http://360arquitetura.arq.br/dicionario-tecnico/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MICK, J. A expansão do ensino de jornalismo no Brasil e a reconfiguração da categoria profissional (2000-2010). *In*: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE ESTUDIOS DE PERIODISMO: IDENTIDAD, CAMBIOS Y DESAFÍOS DE LA PROFESIÓN EN EL SIGLO XXI, 1., 2012, Santiago, Chile. **Anais [...]**. Santiago: Universidad de Santiago, 2012. Disponível em: http://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2012/04/JMick_CongIntPeriodismo3.docx. Acesso em: 8 maio 2021.

MONLEVADE, J. A. C. História e construção da identidade: compromissos e expectativas. **Retratos da Escola**, Brasília, DF, v. 3, n. 5, p. 339-352, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/27/321>. Acesso em: 17 out. 2021.

MORAIS, A. L.; FERREIRA, S. V. Uma equipe fora dos padrões: prática acadêmica e experimentação na TV Estácio Niterói. *In*: SOSTER, D. A; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: televisão**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora UNISC, 2015. V. 1. p. 145-168.

MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. São Paulo: ECA/USP, 2013. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 17 out. 2021.

NAVARRO, F. A. R.; ALENCAR, C. Análise dos elementos estratégicos em processos de internacionalização: empresas brasileiras de real estate visando ao mercado residencial da Costa Rica. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 285-299, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ac/v16n1/1678-8621-ac-16-01-0285.pdf>. Acesso em: 31 out. 2021.

NOGUEIRA, L.; ROCHA, M. C. R.; MAIA, J. P. Experiências telejornalísticas no Recôncavo Baiano. *In*: SOSTER, D. A; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: televisão**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora UNISC, 2015. V. 1. p. 291-313.

NUNES, T. G. H. **A relação professor(a)/aluno(a) no processo de ensino aprendizagem**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4105/1/TGHN27072017.pdf>. Acesso em: 7 out. 2021.

OLIVEIRA, M. R. **Sobre fronteiras no jornalismo: o ensino e a produção da identidade profissional**. 2011. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4028/1/tese_michelle_roxo.pdf. Acesso em: 25 jun. 2020.

PATIAS, N. D.; HOHENDORFF, J. V. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 24, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>. Acesso em: 19 out. 2020.

PEREIRA, F. H.; MAIA, K. B. F. O jornalista brasileiro face ao fim da obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão: reagenciamento do repertório de legitimação profissional. **Trabajo y sociedad**, Santiago del Estero, Argentina, v. 26, p. 35-50, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/tys/n26/n26a03.pdf>. Acesso em: 8 maio 2021.

PINHO, E. S. *et al.* Grupo operativo como estratégia do processo de ensino aprendizagem. **Gepesvida**, [s. l.], v. 5, p. 14-19, 2019. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/345>. Acesso em: 30 out. 2021.

PINTO, M. *et al.* Debater a formação em jornalismo é debater o próprio jornalismo - Entrevista com o Prof. Manuel Carlos Chaparro. **Comunicação e Sociedade**, [s. l.], v. 5, p. 95-107, 2004. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1241>. Acesso em: 22 out. 2021.

PORCELLO, F. A. C. Laboratórios de TV: teoria e prática no ensino do telejornalismo. *In*: SOSTER, D. A; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: televisão**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora UNISC, 2015. V. 1. p. 61-76.

PRIMO, A. F. T. Uma reflexão sobre as descobertas deste mapeamento. *In*: PRIMO, A. F. T. (Org.). **Mapeamento 2: do ensino de jornalismo digital no Brasil em 2010**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, v. 1, p. 136-139. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/mapeamento_jornalismodigital2010. Acesso em: 5 out. 2021.

RAMOS, L. F. C.; MACÊDO, K. B. Reflexões sobre o adoecimento dos servidores técnico-administrativos em educação. **Argumentum**, Vitória, v. 10, n. 3, p. 107-122, ago./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/download/16911/15678/66710>. Acesso em: 29 ago. 2021.

REZENDE, A. M. **O saber e o poder na universidade: dominação ou serviço?** São Paulo: Cortez Editora; Editora Autores Associados, 1984.

ROSSETO, V.; TOSO, B. R. G. O.; RODRIGUES, R. M. Fluxograma organizativo de atenção domiciliar às crianças com necessidades especiais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**, [s. l.], v. 73, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ZkpX6SQFhTTzhDBTMTySh4j/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

SANSEVERINO, A. M.; GOMES JÚNIOR, S. F. G. O papel dos técnicos em assuntos educacionais em uma instituição federal de ensino superior: atribuições e propostas de ação. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO,

10., 2014, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: UFF, 2014. Disponível em: <http://www.inovarse.org/node/2266>. Acesso em: 3 maio 2020.

SANTOS, L. A. S.; MARQUES, D. B. Burocracia e economia dos custos de transação: uma análise da relação entre a Universidade Federal de Pernambuco e a Refinaria Abreu e Lima. **Administração Pública e Gestão Social**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 26-36, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/apgs/article/view/4480/2353>. Acesso em: 23 out. 2021.

SBIZERA, C. L. G. A.; DENDASCK, C. V. Processo ensino/aprendizagem na universidade. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 15-26, maio 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicacao/aprendizagem-na-universidade>. Acesso em: 6 dez. 2020.

SCHUCH, H. A. Adequação do ensino na formação de jornalistas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 87-106, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/443/41>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SILVA, M. L.; ARAÚJO, E. T.; DANTAS, L. M. V. Perfil de competências dos servidores técnico-administrativos em uma jovem universidade: novos perfis em uma tradicional burocracia? **Interfaces Científicas – Direito**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 103-118, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/direito/article/view/5870/2911>. Acesso em: 3 maio 2020.

SILVA, M. S.; MOURA, I. C. M. A. As implicações da queda da obrigatoriedade do diploma de Jornalismo na sociedade. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, [s. l. s. n.], 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-moura-as-implicacoes-da-queda-da-obrigatoriedade.pdf>. Acesso em: 5 out. 2021.

SILVA, P. A. **O REUNI na UFJF**: um estudo sobre os principais desafios enfrentados pelos gestores. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Faculdade de Educação/CAEd, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <http://mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2014/02/dissertacao-2010-patricia-aparecida-da-silva.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SILVA, S. **As fontes jornalísticas na era digital**: relações e encenação. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Gualtar, Portugal, 2008. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41022/1/Samuel%20Pedro%20Lopes%20Pereira%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

SILVA, S. S. S.; MATTOS, F. S. O papel do jornalista na era digital: um estudo de caso das rotinas de produção, reportagem e edição do G1 Pará. **Puçá - Revista de Comunicação e Cultura da Faculdade Estácio do Pará**, Belém, v. 4, n. 1, p. 3-24, jan./jul. 2018. Disponível em:

<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/viewFile/5553/47964998>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SIRELLI, P. M. Terceirização no âmbito público estatal – estratégia (im)posta à Universidade Federal de Juiz de Fora. **Libertas**, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 131-157, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/download/18192/9443>. Acesso em: 10 out. 2020.

SOUZA, C. A.; ROCHA, P. M.; GADINI, S. L. A produção jornalística e a prática acadêmica na agência de jornalismo da UEPG. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 22-31, 2012. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3916/2758>. Acesso em: 15 maio 2020.

UFJF. **Apresentação**. Juiz de Fora: UFJF, 2021b. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ufjf/sobre/apresentacao/>. Acesso em: 2 nov. 2020.

UFJF. Comissão Própria de Avaliação. **Relatório de Autoavaliação Institucional Trienal 2018-2019-2020**. Juiz de Fora: UFJF, 2021a. 170p. Disponível em: https://www2.ufjf.br/cpa/wp-content/uploads/sites/37/2021/04/RAAI2020_michele-8.pdf. Acesso em: 2 nov. 2021.

UFJF. Conselho Setorial de Graduação. **Resolução nº 28/2019**. Altera o Programa de Treinamento Profissional. Juiz de Fora: UFJF, 2019d. Disponível em: https://www2.ufjf.br/congrad/wp-content/uploads/sites/30/2019/05/RES_028.2019-Programa-de-Treinamento-Profissional.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

UFJF. Conselho Superior. **Regimento Geral da UFJF**. [Aprovado pela Resolução CONSU 13/99, assinada em 6 dez. 1999]. Juiz de Fora: UFJF, 1999. Disponível em: https://www2.ufjf.br/prograd/wp-content/uploads/sites/21/2019/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o_aprovada-e-Regimentogeral-UFJF.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.

UFJF. Conselho Superior. **Resolução nº 54/2016**. Aprova regras para flexibilização da jornada de trabalho dos servidores técnico-administrativos em educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, 2017a. Disponível em: https://www2.ufjf.br/servidor/wp-content/uploads/sites/6/2018/11/resoluo-54-2016-consu_flexibilizao-da-jornada-de-trabalho.pdf. Acesso em: 3 maio 2020.

UFJF. Coordenação de Contratos. **Relação de contratos de terceirização - dedicação exclusiva de mão-de-obra**. Juiz de Fora: UFJF, 2017c. Disponível em: https://www2.ufjf.br/transparencia//files/2018/02/Terceirizadas-Contratos-vigentes_atual.-at%c3%a9-31.12.2017-1.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

UFJF. Curso de Jornalismo. **O Curso**. Juiz de Fora: UFJF, [2015a]. Disponível em: <http://www.ufjf.br/Jornalismo/o-curso/>. Acesso em: 9 maio 2020.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Agendamento e reservas – Laboratório de Produção de TV – Estúdio 2 (26B)**. Juiz de Fora: UFJF, 2019a. Disponível em:

<https://www.ufjf.br/facom/horarios-20161/agendamento-e-reservas/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Ata da reunião da Congregação realizada em 5 de março de 2020**. Juiz de Fora: UFJF, 2020b.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Curso de Jornalismo**. Juiz de Fora: UFJF, [2020a]. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/ensino/graduacao/curso-de-jornalismo/>. Acesso em: 9 maio 2021.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Ensino – Estágios: Normas e Critérios Gerais**. Juiz de Fora: UFJF, [2020c]. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/ensino/estagio/normas-e-criterios-gerais/>. Acesso em: 19 set. 2021.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **ERECOM 2019**. Juiz de Fora: UFJF, 2019b. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/pesquisa/erecom/erecom-2019/>. Acesso em: 6 out. 2020.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Início**. Juiz de Fora: UFJF, 2021c. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Institucional – Administração, Horário de trabalho dos TAEs**. Juiz de Fora: UFJF, [2018b]. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/facom-fac-de-comunicacao/organizacao-institucional/horario-de-trabalho-dos-taes/>. Acesso em: 11 out. 2020.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Institucional - Administração**. Juiz de Fora: UFJF, [2018a]. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/facom-fac-de-comunicacao/organizacao-institucional/>. Acesso em: 11 out. 2020.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo Versão 2015**. Juiz de Fora: UFJF, 2015b. Disponível em: <http://www.ufjf.br/Jornalismo/files/2015/06/Projeto-Pedago%CC%81gico-Jornalismo.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Regimento Interno dos Laboratórios de Ensino da Faculdade de Comunicação da UFJF**. Juiz de Fora: UFJF, [202-]. No prelo.

UFJF. Faculdade de Comunicação. **Resolução nº 006/2015**. Estabelece normas e procedimentos para os Estágios Obrigatórios e Não Obrigatórios do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e dá outras providências. Juiz de Fora: UFJF, 2015c. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/02/Regulamento-Esta%cc%81gios.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

UFJF. Notícias. **Cerca de 1.500 alunos retomam aulas presenciais nos dois campi nesta quarta, dia 3**. Juiz de Fora: UFJF, 2021e. Disponível em:

<https://www2.ufjf.br/noticias/2021/11/01/cerca-de-1-500-estudantes-retomam-aulas-presenciais-nos-dois-campi-nesta-quarta-dia-3/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

UFJF. Notícias. **Cinco novos servidores tomam posse em cerimônia**. Juiz de Fora: UFJF, 2017b. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2017/05/25/cinco-novos-servidores-tomam-posse-em-cerimonia/>. Acesso em: 9 out. 2020.

UFJF. Notícias. **Evento na Facom reúne especialistas em audiovisual**. Juiz de Fora: UFJF, 2019c. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2019/06/14/evento-na-facom-reune-especialistas-em-audiovisual/>. Acesso em: 6 out. 2020.

UFJF. Notícias. **UFJF inaugura novo prédio da Faculdade de Comunicação nesta quinta-feira, 15**. Juiz de Fora: UFJF, 2018c. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2018/03/14/ufjf-inaugura-novo-predio-da-faculdade-de-comunicacao-nesta-quinta-feira-15/>. Acesso em: 9 out. 2020.

UFJF. Produtora de Mídias. **Inicial**. Juiz de Fora: UFJF, 2014b. Disponível em: <https://www.ufjf.br/multimeios/2014/11/06/inicial/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

UFJF. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. **Apresentação**. UFJF, 2021d. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ppgcom/programa2/apresentacao-e-historico/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

UFJF. Pró-Reitoria de Extensão. **Edital nº 04/2021 – projetos de extensão em interface com a pesquisa**. Juiz de Fora: UFJF, 2021f. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/proex/wp-content/uploads/sites/59/2021/06/Edital-04-2021-Interface-com-a-pesquisa-1.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

UFJF. Pró-Reitoria de Recursos Humanos. **Edital 21/2014-PRORH/UFJF**. Concursos Públicos nºs 200 a 203, 205 a 209, 211, 212, 214 a 217/2014 para provimento de cargos de servidores Técnico-Administrativos em Educação (TAEs). Campus Juiz de Fora Adendo I - Atribuições dos Cargos (Descrição Sumária). Juiz de Fora: UFJF, 2014a. Disponível em: <http://www.ufjf.br/antendo/files/2010/08/ADENDO-I-Edital-21-2014-Juiz-de-Fora.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.

VIEIRA JÚNIOR, A. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. 2002. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornal-laboratorio>. Acesso em: 21 out. 2021.

WOLNIEWICZ, E. B. B. **A construção da identidade profissional do técnico-administrativo em educação**: saindo dos bastidores da Educação profissional e tecnológica. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Centro de Referência em Formação e Educação a Distância, Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1142/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Eveline.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 out. 2021.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com os técnicos

Esta pesquisa tem o seguinte título: Estratégias para ampliação das práticas do ensino: a importância pedagógica do laboratório de produção audiovisual na formação profissional de jornalistas.

O motivo que me leva a realizar esta pesquisa é investigar a relação do currículo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF e as atividades e demandas no laboratório de Telejornalismo (Estúdio B), identificando como o técnico pode colaborar melhor nesse processo, no uso desse ambiente para atendimento adequado às respectivas propostas curriculares.

Nesta entrevista, pretendo compreender o ponto de vista do técnico em relação ao que é previsto no currículo do curso de Jornalismo no tocante à formação profissional, aos objetivos de aprendizagem das disciplinas práticas e ao que se espera da atuação técnica no auxílio para se alcançar tais objetivos. Dessa forma, a partir das informações contidas nas respostas dadas, tem-se como propósito final sugerir um Plano de Ação Educacional (PAE) para aprimorar e otimizar a atuação técnica, de modo a contribuir sistemática e significativamente na formação profissional dos graduandos, dentro das propostas curriculares do curso.

A entrevista não tem a finalidade de avaliar qualquer grau de conhecimento, mas sim de coletar as informações que lhe são conhecidas. Portanto, não há obrigatoriedade em responder a todas as perguntas. Caso não se sinta à vontade ou não saiba a resposta, poderá deixar de responder a qualquer uma das questões.

- Passos iniciais, antes das perguntas:

1) Entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado. Tal documento será encaminhado antecipadamente em um prazo adequado para a assinatura pelo participante em duas vias (uma para o participante e outra para o pesquisador). Caso necessário, poderá ser gravada a leitura do termo em voz alta pelo entrevistador, no dia da realização da entrevista, tendo-se ao final da leitura a manifestação de concordância ou não pelo entrevistado para prosseguimento ou não da entrevista.

2) Apresentação da pesquisa pelo entrevistador.

3) Solicitação do entrevistador ao entrevistado para que se apresente informando sobre:

- . formação e qualificação educacionais (nível de instrução, formação técnica, curso ou cursos de graduação e/ou de pós-graduação, bem como instituições de ensino em que se formou);
- . cargo/função de exercício na faculdade e há quanto tempo está na unidade;
- . experiência profissional anterior à atuação na faculdade (se já atuou como jornalista ou outra profissão, informando a função exercida, onde e por quanto tempo).

- Perguntas:

Bloco 1- currículo, disciplina prática e formação profissional

- 1) A princípio gostaria que conversássemos sobre as disciplinas práticas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo. Fale um pouco pra mim o que você sabe sobre essas disciplinas, o que é ensinado nas mesmas...
- 2) Na sua opinião, qual a relação entre as atividades dessas disciplinas desenvolvidas no estúdio de TV e o curso de Jornalismo?
- 3) Para você é importante conhecer o currículo do curso de Jornalismo, o conteúdo que é ensinado, para o desempenho de suas funções na faculdade? Por quê?

Bloco 2 – atividades práticas e planejamento

- 1) Agora, podemos falar sobre como acontecem essas atividades práticas? Poderia descrever de forma geral como é a dinâmica na realização das mesmas?
- 2) Quais dificuldades você já teve (ou conhece quem teve dificuldades) na realização de tais atividades?
- 3) Quais melhorias você considera necessárias para essas atividades práticas?

Bloco 3 – Atuação técnica laboratorial e ensino-aprendizagem

- 1) Em sua opinião, qual a relação entre o processo de ensino-aprendizagem e a participação dos técnicos durante a realização das atividades práticas?
- 2) Na sua opinião, quais as dificuldades na atuação técnica para a realização das atividades práticas de Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo?
- 3) Em relação à atuação técnica, quais seriam suas sugestões para aprimoramentos?

APÊNDICE B – Questionário *on-line* aplicado a discentes e docentes envolvidos com as atividades práticas de telejornalismo

Identificação - Marque a categoria à qual você pertence:

Aluno

Professor

Nas questões a seguir, NÃO HÁ ALTERNATIVA CORRETA, escolha a que você considera mais próxima da realidade do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A – Na sua opinião, a estrutura curricular do curso de Jornalismo:

inclui disciplinas que aliam a teoria com a prática desde o início, tendo-se atividades práticas mais simples nos períodos iniciais do curso e mais complexas ao decorrer dos períodos.

traz disciplinas iniciais que focam primeiramente na teoria para posteriormente serem ministradas disciplinas voltadas para a prática.

possui disciplinas práticas que não necessitam de embasamento teórico.

contém disciplinas teóricas que abordam conteúdos relacionados a disciplinas práticas ministradas previamente.

B – Na sua perspectiva, a integração da teoria com a prática pode ser observada PRINCIPALMENTE na realização de:

atividades práticas.

estágio supervisionado.

trabalho de conclusão de curso.

atividades complementares (projetos de pesquisa, extensão e treinamento profissional).

C – Na sua percepção, como o cenário digital atual (*Internet*, redes sociais, multimídias) influencia no ensino e formação profissional no curso de Jornalismo?

impõe práticas totalmente novas, impossibilitando até mesmo que o ensino e formação em Jornalismo sejam realizados de forma efetiva caso o curso não acompanhe tais avanços tecnológicos.

exige adaptações no fazer Jornalismo, conseqüentemente o ensinar Jornalismo e a formação profissional em Jornalismo são fortemente afetados por esse cenário.

exclui do ensino e formação em Jornalismo aqueles que não possuem condições materiais para ter acesso a recursos tecnológicos atuais.

permite que, graças aos sistemas de informação disponíveis, o ensino e formação profissional em Jornalismo sejam realizados, cada vez mais, de forma individual, independente e autodidata.

D – Do seu ponto de vista, com relação às atividades práticas de telejornalismo realizadas no estúdio de TV:

há um planejamento prévio e exposto pelos professores aos alunos, os quais realizam as atividades de forma ordenada e sequencial.

o planejamento para a realização das atividades práticas é feito de forma conjunta entre alunos e professores.

o planejamento para a realização das atividades práticas é construído de forma colaborativa envolvendo alunos, professores e equipe técnica.

não há planejamento das atividades práticas, elas ocorrem de acordo com as demandas que vão surgindo.

E – De acordo com sua experiência no curso, após a realização de atividades práticas no estúdio de TV:

ocorre um momento (seja ao fim da aula ou numa próxima aula) de discussão/avaliação da realização das práticas, avaliando-se erros e acertos, melhorias e manutenções (individuais, coletivas e técnicas) necessárias.

não há momento posterior para ajustes e avaliações de como se realizaram as práticas.

nas aulas finais do período letivo, há avaliação final de como foram o planejamento, a condução e a realização das atividades práticas.

quando ocorrem erros que comprometam a realização das atividades é que ocorrem momentos de avaliação para os ajustes necessários.

F – Em seu entendimento, quanto ao processo de ensino-aprendizagem nas atividades práticas de telejornalismo:

na maioria das vezes, depende mais da atuação dos professores, uma vez que os mesmos são os gestores pedagógicos do ensino, detentores de maiores conhecimentos e experiências.

ocorre de forma coletiva entre todos os envolvidos (alunos, professores e equipe técnica).

os alunos são os principais responsáveis pelos seus respectivos aprendizados, sendo incentivados a realizarem atividades cada vez mais complexas e de forma mais ativa e comprometida.

professores e equipe técnica atuam de forma colaborativa em tal processo, para que a aprendizagem dos alunos seja garantida.

G – Na sua compreensão, o estúdio de TV e as atividades práticas em telejornalismo desenvolvidas no mesmo:

são complementares na formação profissional, pois juntamente a práticas em outras áreas do Jornalismo e ao estágio supervisionado garantem as competências e habilidades esperadas de um jornalista.

são a garantia total de formação profissional em telejornalismo, pois permitem a realização e capacitação nas atividades telejornalísticas necessárias ao exercício profissional.

não se relacionam com a formação profissional em Jornalismo, pois apenas representam uma formação acadêmica experimental, sem fornecer subsídios a uma futura atuação profissional.

representam o primeiro contato dos alunos com as práticas de telejornalismo, permitindo-se que a formação profissional em tal área seja desenvolvida no ambiente acadêmico.

H – A seu ver, nas atividades práticas em telejornalismo realizadas no estúdio de TV:

são desejáveis e possíveis diversas experimentações práticas, uma vez que não há um cronograma a ser seguido, podendo-se testar, errar e refazer as atividades propostas.

apenas se pratica o que foi ensinado em disciplinas já cursadas bem como nas que estão em curso.

objetiva-se que os alunos desenvolvam conhecimento e habilidades inerentes à profissão telejornalística.

é possível identificar a relação entre teoria e prática na forma como os alunos aplicam na prática laboratorial o conhecimento teórico previamente adquirido.

I – Na sua avaliação, regras e normas para o funcionamento e uso do estúdio de TV bem como de uso e empréstimo de equipamentos e acessórios audiovisuais:

atrapalham, pois burocratizam demais o acesso, comprometendo-se assim a realização das atividades práticas e conseqüentemente o objetivo formativo das mesmas.

apesar de existirem, não são tão claras e bem cumpridas como deveriam ser, não fazendo tanta diferença na realização de atividades práticas.

desconheço a existência formal de tais regras e normas.

são indispensáveis para o bom funcionamento e uso do estúdio bem como de equipamentos e acessórios, criando-se assim um ambiente propício à realização de atividades práticas de forma organizada, sem que haja descontrole e prejuízos aos envolvidos.

J – De acordo com sua vivência na realização das atividades práticas das disciplinas Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo NO ESTÚDIO DE TV, a atuação da equipe técnica (TAEs e funcionários terceirizados) é:

preparativa do ambiente laboratorial e de assistência técnica durante a realização das atividades práticas e na organização do estúdio ao final das aulas.

de apoio técnico para atendimentos pontuais durante a realização das atividades práticas, não se envolvendo no processo de ensino-aprendizagem nem permanecendo no estúdio durante toda a aula.

nem sempre há apoio técnico na realização das atividades práticas, sendo necessário que os próprios alunos e professores façam os ajustes técnicos no estúdio e nos equipamentos e acessórios audiovisuais.

participativa, interativa e crítica, os técnicos se envolvem na realização das atividades práticas, inclusive no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido com as mesmas.

K – Para você, o número de técnicos disponíveis para o apoio técnico às atividades práticas é:

insuficiente.

o suficiente.

mais do que o necessário.

L - Na sua visão, em relação ao processo de ensino-aprendizagem, o técnico envolvido nas atividades práticas de telejornalismo no estúdio de TV buscar conhecer os conteúdos e os objetivos de aprendizagem relacionados à prática:

não faz diferença, pois cabe ao professor das disciplinas dominar tais conteúdos para se alcançarem os objetivos de aprendizagem para que o processo seja efetivo.

pouco contribui, uma vez que tal processo deve se centralizar na figura do professor como gestor do ensino-aprendizagem.

muito contribui, isso porque o técnico capacitar-se para conhecer mais sobre o conteúdo ensinado e os objetivos de aprendizagem aumentam as chances de sucesso de ensino-aprendizagem.

é fundamental, uma vez que o técnico possui também seu papel pedagógico em tais atividades. Sendo assim, é necessário que a equipe técnica seja capacitada e se envolva na gestão pedagógica do processo de ensino-aprendizagem.

Agradecemos sua participação e convidamos você para fazer a seguir mais algum comentário ou sugestão, por favor. Obrigado!

**ANEXO A – Estrutura curricular (2019) de Jornalismo -
Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora**

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS – Turno Integral

Código Departamental	Disciplina	Carga Horária (horas)	Disciplina(s) de Pré-requisito
1º PERÍODO			
CSO098	SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE	60	
FTC001	TEORIA DA COMUNICAÇÃO I	60	
FTC002	MÍDIA E REALIDADE BRASILEIRA	45	
FTC004	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO VISUAL	60	
FTC005	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ESCRITA I	60	
FTC022	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO	60	
HIS098	HISTÓRIA DA ARTE III	45	
Total		390	
2º PERÍODO			
FTC006	TEORIA DA COMUNICAÇÃO II	60	TEORIA DA COMUNICAÇÃO I
FTC008	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ORAL	60	
FTC009	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ESCRITA II	60	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ESCRITA I
FTC023	TEORIA DO JORNALISMO	60	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO
TCE002	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO I	60	
TCE003	FOTOJORNALISMO	60	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO VISUAL
TCE021	TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA	45	
Total		405	
3º PERÍODO			
CSO094	ESTUDOS CULTURAIS	60	
FTC011	SEMIÓTICA E COMUNICAÇÃO	60	
FTC012	DESAFIOS ÉTICOS DO JORNALISMO	45	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO
TCE005	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO II	60	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO I
TCE006	PLANEJAMENTO GRÁFICO	60	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO VISUAL
TCE022	TÉCNICA DE JORNALISMO AUDIOVISUAL	60	
Total		345	
4º PERÍODO			
FTC013	PESQUISA EM COMUNICAÇÃO	60	
FTC014	OPINIÃO E ANÁLISE EM JORNALISMO	45	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO
FTC015	ESTÉTICA E COMUNICAÇÃO	60	
FTC016	COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA	60	SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE
MAP001	LABORATÓRIO DE JORNALISMO IMPRESSO	60	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO II E

			PLANEJAMENTO GRÁFICO
TCE007	MÍDIA DIGITAL I	30	
		Total	315
5º PERÍODO			
TCE008	TELEJORNALISMO	60	TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA E TÉCNICA DE JORNALISMO AUDIOVISUAL
TCE009	RADIOJORNALISMO	60	TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA
TCE010	JORNALISMO DIGITAL	60	MÍDIA DIGITAL I E TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA
TCE011	COMUNICAÇÃO E MARKETING	60	
TCE012	ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO	60	
		Total	300
6º PERÍODO			
MAP002	ESTÁGIO CURRICULAR EM JORNALISMO	200	DESAFIOS ÉTICOS DO JORNALISMO, PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO II, TELEJORNALISMO, RADIOJORNALISMO, JORNALISMO DIGITAL E ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
MAP003	LABORATÓRIO DE RADIOJORNALISMO	120	RADIOJORNALISMO
MAP004	LABORATÓRIO DE ASSESSORIA DE IMPRENSA	60	ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
TCE014	EDIÇÃO EM JORNALISMO AUDIOVISUAL	45	TELEJORNALISMO
		Total	425
7º PERÍODO			
MAP005	LABORATÓRIO DE TELEJORNALISMO	120	TELEJORNALISMO E EDIÇÃO EM JORNALISMO AUDIOVISUAL
MAP006	LABORATÓRIO DE JORNALISMO DIGITAL	120	JORNALISMO DIGITAL
TCE015	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO I	15	PESQUISA EM COMUNICAÇÃO
		Total	255
8º PERÍODO			
TCE016	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO II	270	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO I
		Total	270
TOTAL DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS		2705	

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS – Turno Noturno

Código Departamental	Disciplina	Carga Horária (horas)	Disciplina(s) de Pré-requisito
1º PERÍODO			
CSO098	SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE	60	
FTC001	TEORIA DA COMUNICAÇÃO I	60	
FTC002	MÍDIA E REALIDADE BRASILEIRA	45	
FTC004	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO VISUAL	60	
FTC005	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ESCRITA I	60	
HIS098	HISTÓRIA DA ARTE III	45	
Total		330	
2º PERÍODO			
FTC006	TEORIA DA COMUNICAÇÃO II	60	TEORIA DA COMUNICAÇÃO I
FTC009	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ESCRITA II	60	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ESCRITA I
FTC022	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO	60	
TCE003	FOTOJORNALISMO	60	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO VISUAL
TCE021	TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA	45	
Total		285	
3º PERÍODO			
CSO094	ESTUDOS CULTURAIS	60	
FTC008	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ORAL	60	
FTC023	TEORIA DO JORNALISMO	60	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO
TCE002	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO I	60	
TCE006	PLANEJAMENTO GRÁFICO	60	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO VISUAL
Total		300	
4º PERÍODO			
FTC012	DESAFIOS ÉTICOS DO JORNALISMO	45	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO
FTC013	PESQUISA EM COMUNICAÇÃO	60	
FTC016	COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA	60	SOCIOLOGIA: HISTÓRIA, TEMAS E ATUALIDADE
TCE005	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO II	60	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO I
TCE007	MÍDIA DIGITAL I	30	
TCE022	TÉCNICA DE JORNALISMO AUDIOVISUAL	60	
Total		315	
5º PERÍODO			
FTC011	SEMIÓTICA E COMUNICAÇÃO	60	
FTC014	OPINIÃO E ANÁLISE EM JORNALISMO	45	HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DO JORNALISMO
TCE008	TELEJORNALISMO	60	TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA E TÉCNICA DE JORNALISMO AUDIOVISUAL
TCE010	JORNALISMO DIGITAL	60	MÍDIA DIGITAL I

			E TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA
TCE011	COMUNICAÇÃO E MARKETING	60	
Total		285	
6º PERÍODO			
FTC015	ESTÉTICA E COMUNICAÇÃO	60	
MAP001	LABORATÓRIO DE JORNALISMO IMPRESSO	60	PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO II E PLANEJAMENTO GRÁFICO
TCE009	RADIOJORNALISMO	60	TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA
TCE012	ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO	60	
TCE014	EDIÇÃO EM JORNALISMO AUDIOVISUAL	45	TELEJORNALISMO
Total		285	
7º PERÍODO			
MAP002	ESTÁGIO CURRICULAR EM JORNALISMO	200	DESAFIOS ÉTICOS DO JORNALISMO, PRODUÇÃO E REDAÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO II, TELEJORNALISMO, RADIOJORNALISMO, JORNALISMO DIGITAL E ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
MAP005	LABORATÓRIO DE TELEJORNALISMO	120	TELEJORNALISMO E EDIÇÃO EM JORNALISMO AUDIOVISUAL
MAP006	LABORATÓRIO DE JORNALISMO DIGITAL	120	JORNALISMO DIGITAL
Total		440	
8º PERÍODO			
MAP003	LABORATÓRIO DE RADIOJORNALISMO	120	RADIOJORNALISMO
MAP004	LABORATÓRIO DE ASSESSORIA DE IMPRENSA	60	ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
Total		180	
9º PERÍODO			
TCE015	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO I	15	PESQUISA EM COMUNICAÇÃO
Total		15	
10º PERÍODO			
TCE016	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO II	270	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO I
Total		270	
TOTAL DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS		2705	

ANEXO B – Plano de Ensino da disciplina Telejornalismo

Planos de Ensino

Disciplina: TCE008 - TELEJORNALISMO

Créditos: 4

Departamento: DEPTO DE TÉCNICAS PROFISSIONAIS E CONTEÚDOS ESTRATÉGICOS/COM

Ementa	A mensagem jornalística em televisão: componentes e peculiaridades. Imagem em movimento e informação. Técnicas de reportagem em TV. Reunião e produção de pauta para telejornal. Transmissões diretas e externas gravadas. A captação de imagens. Estrutura narrativa em telejornalismo. Redação de texto jornalístico em televisão: cabeças, notas, matérias e reportagens. Roteiro e espelho. Estratégias enunciativas no telejornal. Produção e edição de peças informativas.
Conteúdo	<ol style="list-style-type: none"> 1. A linguagem no telejornalismo <ol style="list-style-type: none"> 1.1 Breve histórico do jornalismo televisivo no Brasil e no Mundo 1.2 As características da mídia e as transformações tecnológicas 1.3 A dramaturgia do telejornalismo: Estrutura narrativa e formatos noticiosos 2. A reportagem para TV <ol style="list-style-type: none"> 2.1 Pauta e produção 2.2 Apuração e gravações em externa 2.3 A roteirização de peças informativas 3. Redação de texto jornalístico em televisão <ol style="list-style-type: none"> 3.1 O texto em TV, e outros suportes em vídeo 3.2 A materialidade audiovisual: análise e produção 4. Produção, realização e edição do telejornal <ol style="list-style-type: none"> 4.1 Fluxo e arquivo: o espaço-tempo no telejornalismo 4.2 Edição de VTs 4.3 Script e paginação 4.4 Transmissões ao vivo e sob demanda.
Bibliografia	PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. CURADO, Olga. A notícia na TV - o dia a dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002. PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
Bibliografia (continuação)	
Bibliografia complementar	EMERIM, Cárilda. As entrevistas na notícia de televisão. Florianópolis: Insular, 2012 ESTEVES, Fernanda. Desculpem a nossa falha - a batalha diária de uma repórter de TV. Rio de Janeiro: Record, 1990. PRADO, Flávio. Ponto Eletrônico. São Paulo: Publisher Brasil, 1996. YORK, Ivor. Jornalismo diante das câmeras. São Paulo: Summus, 1998. COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do Telejornalismo: A narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2012.

ANEXO C – Plano de Ensino da disciplina Laboratório de Telejornalismo

Planos de Ensino

Disciplina: MAP005 - LABORATÓRIO DE TELEJORNALISMO

Créditos: 8

Departamento: DEPTO DE MÉTODOS APLICADOS E PRÁTICAS LABORATORIAIS /COM

Ementa	Produção de telejornais. Definição do formato e linha editorial do programa. Reunião e definição de pauta. Apuração e produção das matérias. Definição das funções e das equipes. Gravação em externas e em estúdio. Produção de script. Pós-produção do telejornal. Simulação de transmissão ao vivo.
Conteúdo	<p>1 Produção de telejornais</p> <p>1.1 Definição do formato e linha editorial do programa</p> <p>1.2 Reunião e divisão de pautas</p> <p>1.3 Apuração e produção das matérias</p> <p>2 Rotinas de realização de programas jornalísticos</p> <p>2.1 Definição das funções e das equipes</p> <p>2.2 Gravação em externas e em estúdio</p> <p>2.3 Paginação e fechamento de script</p> <p>3 Pós-produção e veiculação do produto</p> <p>3.1 Simulação de transmissão ao vivo</p> <p>3.2 Finalização em diferentes suportes</p> <p>3.3 Contato com o público e alimentação de redes sociais</p>
Bibliografia	<p>ALCURE, Lenia. Telejornalismo em 12 lições. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, 2013.</p> <p>VILELA, Regina. Profissão Jornalista de TV - Telejornalismo Aplicado na Era Digital. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.</p> <p>VIZEU, Alfredo. A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.</p>
Bibliografia (continuação)	
Bibliografia complementar	<p>FECHINE, Yvana. Televisão e Presença. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.</p> <p>MUSSE, Christina & RODRIGUES, Cristiano. Memórias possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora. São Paulo: Nakin editorial, 2012.</p> <p>PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo & COUTINHO, Iluska. 60 anos de telejornalismo no Brasil. Florianópolis: Insular, 2010.</p> <p>KYRILLOS, Leny; COTES, Claudia; FEIJÓ, Débora. Voz e Corpo na TV. São Paulo: Globo, 2003. REZENDE, Sydney E Sheila Kaplan (orgs). Jornalismo Eletrônico ao Vivo. Petrópolis: Vozes, 1994.</p>